



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

CAMILLA VANESSA CHAGAS PEIXOTO DE OLIVEIRA

INSTITUTO SANTA CATARINA DE SENA:
INCURSÕES EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE MENINAS EM
BELÉM DO PARÁ (1903-1960)

BELÉM/PARÁ

2017

CAMILLA VANESSA CHAGAS PEIXOTO DE OLIVEIRA

**INSTITUTO SANTA CATARINA DE SENA:
INCURSÕES EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE MENINAS EM
BELÉM DO PARÁ (1903-1960)**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª. Dr. César Augusto Castro.

BELÉM/PARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto de Ciências da Educação (ICED / UFPA)

- O48i Oliveira, Camilla Vanessa Chagas Peixoto de.
 Instituto Santa Catarina de Sena : incursões educativas na formação de
 meninas em Belém do Pará (1903-1960) / Camilla Vanessa Chagas Peixoto
 de Oliveira ; orientação César Augusto Castro. – Belém, 2017.
 174 f.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de
 Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
 Belém, 2017.
1. Mulheres – Educação – Belém (PA) – 1903-1960. 2. Educação cristã
 de meninas – Belém (PA) – 1903-1960. 3. Educação – Belém (PA) –
 História – 1903-1960. 4. Instituto Santa Catarina de Sena. I. Castro, César
 Augusto (orient.). II. Título.

CDD 22. ed. – 372.98115

**INSTITUTO SANTA CATARINA DE SENA:
INCURSÕES EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE MENINAS EM
BELÉM DO PARÁ (1903-1960)**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Pará, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª. Dr. César Augusto Castro.

Banca Examinadora

Dr. César Augusto Castro (Orientador)

Universidade federal do Maranhão-UFMA

Dra. Laura Maria Silva Araújo Alves (Membro interno)

Universidade Federal do Pará-UFPA

Dr.Samuel Luiz Velazquez Castellanos (Membro Externo)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Dra. Maria do Perpétuo Socorro A. de França (Membro Externo)

Universidade Estadual do Pará-UEPA

DATA DE DEFESA E APROVAÇÃO 09/02/2017

BELÉM/PARÁ

2017

A Beatriz e Ana pela subjetividade nos olhos,
que sustentam o meu prosseguir e tornam
consistente o final da estrada.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Israel, por manter-me de pé e sustar meu caminhar na lei dos homens e na lei da vida...

Antes de qualquer outro agradecimento em especial, não posso esquecer-me do que realmente tornou este momento valoroso marcado por uma nova conquista e satisfação, por ter executado mais uma etapa da minha vida profissional. O mundo nos faz caminhar e passar por muitas batalhas, que nos ensinam a prosseguir com mais maturidade e sabedoria. Neste sentido, gostaria de agradecer aos “Nãos” no plural que recebi de muitas pessoas, pois a partir deles consegui enxergar as possibilidades de vencer e continuar tentando vários “Sins”. Hoje, posso contemplar alguns resultados desta longa trajetória, porém os “Nãos” daqueles que de certa forma descredibilizaram o meu potencial não deixarão de existir, por que sempre haverá o lado avesso, para fazer você não desistir dos seus sonhos, e assim ter a certeza que somos tão capazes quanto aqueles que proferiram ao contrário sobre nós.

Esta pesquisa, em primeiro plano, enaltece aqueles que contribuíram para tornar possível a sua produção, sem essas pessoas e as instituições que me auxiliaram não teria sido realizável a reconstrução de mais uma produção acerca da História da Educação do Estado do Pará por meio do estudo acerca da instituição “Instituto Santa Catarina de Sena” em destaque nesta pesquisa. Momento singular, quando debruçei-me na função de pesquisadora abraçando a tarefa com cumplicidade e responsabilidade na investigação da história que se entretetece.

Agradeço ao meu amigo orientador Professor Dr. César Castro, pelo “sim” ao aceitar-me como sua orientanda e confiar no meu trabalho. Um competantíssimo profissional, que lapidou esta pesquisa junto a mim, sempre receptivo e dedicado na construção deste trabalho.

Ao Núcleo de Estudos e Documentação em História e das Práticas Leitoras no Maranhão - *NEDHEL*, coordenado pelo Prof. Dr. César Augusto, o qual recebeu-me como integrante deste grupo e a posteriori solidificou refinando minha trajetória acadêmica como pesquisadora, junto aos desenvolvimentos dos estudos em diferentes campos das Ciências Sociais e Humanas.

Somando mais agradecimentos à Professora Dra. Laura Maria da Silva Araújo Alves que sempre apoiou e proporcionou-me oportunidade ímpar de contribuir com as atividades do grupo *Ecos* da Universidade Federal do Pará, abrindo espaço para meu crescimento profissional. Aos professores da Pós-Graduação em Educação, pela somatória em conhecimento ao longo do Curso de Mestrado.

Agradeço imensamente a minha querida mãe Maria e meu esposo José, pelo incentivo não somente financeiro, mas emocional, pois nos momentos de entaves eles foram meu suporte. A existência das minhas filhas Beatriz e Ana que me sustentam na profundidade de suas pupilas e tornam consistente o final da estrada.

Aos amigos e familiares especiais: Ray Chagas, Haila Chagas (irmã que amo tanto), Hadir Castro, Lubia Serrão, Katiuscia Silva, Jessiane Santos, Angela Campos, Liliane França, Irmã Fátima, que estiveram e participaram de perto deste sonho que se realiza no presente momento.

Às ex-alunas Dona Orlanda, D. Clotilde D. da Costa e D. Maria Dolores, por participarem desta pesquisa compartilhando comigo suas lembranças sobre a história de suas vidas no Instituto.

À FAPESPA pela bolsa concedida para realizar o Mestrado.

No interior das instituições há um quebra-cabeça a ser decifrado, uma vez dentro da instituição, trata-se de fazer o jogo das peças e dos respectivos lugares [...] pode-se dizer de uma instituição escolar é a síntese de múltiplas determinações de variadíssimas instâncias [...] que agem e interagem entre si, “acomodando-se” dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade. (SANFELICE, 2007, p. 77).

RESUMO

Este estudo trata da historiografia socioeducacional do Instituto Santa Catarina de Sena no período de 1903-1960. Instituição fundada em 1909 pelas missionárias italianas pertencentes à congregação das *Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena*, que se instalaram em Belém do Pará no início do século XX com o objetivo de atender à infância pobre e desvalida em solo paraense, porém o público feminino diversificou-se no atendimento de outras classes socioeconômicas, visto que a capital paraense era carente de instituições religiosas destinadas a esta clientela. Deste modo, compreende-se as práticas educativas desenvolvidas no instituto e a desmistificação da escolarização de meninas que viviam na cidade de Belém por meio das práticas religiosas educacionais. O recorte temporal adotado neste estudo foram os anos de 1903-1960, que retrata a fundação do instituto e suas ampliações. Sendo assim, as questões norteadoras desta pesquisa são: Quais as ações socioeducativas desenvolvidas no *Instituto Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará no período de 1903 a 1960? Qual a importância da figura sîgnica de Santa Catarina para a fundação da congregação da ordem religiosa das *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*? Qual a cultura escolar a partir da proposta educacional no Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará no período de 1903 a 1960? Quais as práticas educativas imbricadas no Instituto Santa Catarina de Sena na formação de meninas? Para responder tais indagações, destacar-se o objetivo maior deste estudo, que é averiguar as ações socioeducativas do *Instituto Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará no período de 1903 a 1960. Assim, a partir do objetivo maior, pretende-se: 1-Analisar a importância da figura sîgnica de Santa Catarina para a fundação da congregação da ordem religiosa *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*; 2-Investigar por meio da cultura escolar a proposta Educacional no Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará entre os anos de 1903 a 1960; 3- Examinar as práticas educativas imbricadas no Instituto Santa Catarina de Sena na formação feminina. Para tanto, o corpus da pesquisa é composto pelo acervo documental, levantado e selecionado no arquivo da escola, tais como: atas, estatuto, fotografias, livros de matrícula, livros de admissão, matérias de jornais, periódicos, entre outros. Utiliza-se as entrevistas/narrativas orais com ex-alunas da instituição, a fim de obter dados sobre a educação e o contexto escolar, vivenciados segundo a filosofia do grupo de religiosas italianas. Portanto, o estudo contribuirá para desvelar às práticas educativas e a cultura escolar presentes no Instituto Santa Catarina de Sena, que está inserida no campo da História da Educação no Pará.

Palavras-Chave: Educação de Meninas. Práticas Educativas. Instituições Escolares. História da Educação – Pará

ABSTRACT

This study talks about the socio-educational history of the Saint Catarina Institute of Sena in the period 1903-1960. Institution founded in 1909 by Italian missionaries belonging to the congregation of the Sisters of the poor of Saint Catarina of Sena, who settled in Belém do Pará at the beginning of the twentieth century with the aim of attending to poor childhood and helpless them of Pará place, Diverse non-attendance of other socioeconomic classes, since a capital of Pará was lacking of religious institutions to this clientele. In this way, it is understood as educational practices developed in the institute and a demystification of the schooling of girls living in the city of Belém through religious educational practices. The historic time adopted in this study was the years 1903-1960, which portrays the foundation of the institute and its enlargements. Thus, the guiding questions of this research are: What social and educational actions were developed at the Saint Catarina Institute of Sena, in Belém do Pará, from 1903 to 1960? What is the importance of the symbolic figure of Saint Catarina for the foundation of the congregation of the religious order of the Sisters of the Poor of Saint Catarina de Sena? What is the school culture of the educational proposal of the Saint Catarina Institute in Belém of Pará from 1903 to 1960? What are the educational practices imbricated in the Saint Catarina Institute of Sena in the formation of girls? In order to answer these questions, the main objective of this study is to verify the socio-educational actions of the Saint Catarina Institute of Sena in Belém of Pará from 1903 to 1960. Thus, from the major objective, we intend to: 1-Analyze the importance of the sign figure of Santa Catarina for the foundation of the congregation of the religious order Sisters of the Poor of Santa Catarina de Sena; 2-Investigate through the school culture the educational proposal in the Santa Catarina Institute of Sena in Belém of Pará between the years of 1903 to 1960; 3 - To examine the educational practices imbricated in the Saint Catarina Institute of Sena in the feminine formation. To do so, the corpus of the research is composed of the collection of documents, collected and selected in the school archive, such as: minutes, statute, photographs, registration books, admission books, newspaper articles, periodicals, among others. The interviews / oral narratives are used with ex-students of the institution, in order to obtain data about the education and the school context, lived according to the philosophy of the group of Italian religious. Therefore, the study will contribute to unveil the educational practices and school culture present in the Saint Catarina Institute of Sena, which is part of the History of Education in Pará.

Key-words: Girls Education. Educational Practices. School Institutions. History of Education – Pará.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Levantamento das Casas fundadas no Brasil	16
Quadro 2 – Cursos oferecidos entre as décadas de 1920 e 1960	130
Quadro 3 – Base curricular do Curso Técnico Comercial	132
Quadro 4 – Matriz curricular da Escola Gratuita do Instituto Santa Catarina de Sena	132
Quadro 5 – Estrutura do prédio escolar do Instituto Santa Catarina de Sena	134
Quadro 6 – Relação de materiais das salas e aulas	139

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Santa Catarina de Sena	37
Imagem 2 – Residência onde nasceu Madre Savina, na Rua <i>Del Costone</i> em Sena	40
Imagem 3 – Catedral de Sena: fachada e lados	41
Imagem 4 – Capela do Santíssimo Sacramento onde Savina costumava rezar	41
Imagem 5 – Me. Savina Petrilli, fundadora da “Congregação das Irmãs dos Pobres de Sena	42
Imagem 6 – Emília à esquerda e Savina à direita	46
Imagem 7 – Toalha bordada por Savina e o grupo de irmãs	50
Imagem 8 – Tela pintada por Missori em 1986, representando o acolhimento da primeira menina, nas premissas das missões de Madre Savina para com os pobres e as órfãs	53
Imagem 9 – Pais de Savina Petrilli: Celso e Madilde Petrilli	53
Imagem 10 – Alessandro Bichi Ruspoli, “Pai da congregação das Irmãs dos pobres”	55
Imagem 11 – Casa Mãe, Berço da Congregação vista da Praça São Francisco – Sena Rua Baroncelli, nº 01	56
Imagem 12 – Pia onde Savina lavou as alfaces da primeira refeição da casa-mãe	57
Imagem 13 – Sr ^a . Laura Giuggioli, quem providenciou as alfaces para o primeiro jantar	58
Imagem 14 – Sr ^a . Condensa Anna Saracini	59
Imagem 15 – Planta da cidade de Belém (PA): administração do Senador Antônio José de Lemos em 1905	67
Imagem 16 – Pintura do Navio Colombo	79
Imagem 17 – Primeiro Grupo de Irmãs Missionárias advindas de Gênova para Belém	81
Imagem 18 – Imagem 18 – Primeiro grupo de Missionárias junto ao acolhimento imediato do Bispo Diocesano e do povo de Deus	81
Imagem 19 – Bispo diocesano de Belém, Dom Francisco Rêgo Maia	81
Imagem 20 – Réplica do quadro Sra. Mussini doado à Beata Savina	82
Imagem 21 – Primeira casa onde as missionárias foram alojadas, localizada na Av. Generalíssimo Deodoro	83
Imagem 22 – Terceiro grupo das 500 primeiras meninas da Escola Paroquial em 1904	85
Imagem 23 – Cerimônia da primeira formatura no Barracão	86
Imagem 24 – Primeiro Grupo de Meninas do Internato	87
Imagem 25 – Propaganda publicada no Jornal “A Folha do Norte” 03.11.1908	87

Imagem 26 – Instituto Santa Catharina de Sena localizado na Av. Nazaré em Belém em 1909	89
Imagem 27 – Descrição do documento de compra e venda do terreno e do prédio da congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena como disposto no texto	107
Imagem 28 – Uniforme de Gala na cor azul claro usado nos desfiles e eventos formais do Instituto e o Tradicional na cor azul escuro do Instituto Santa Catarina de Sena	112
Imagem 29 – Cartas de Me. Savina para as Irmãs do Instituto	120
Imagem 30 – Folha do livro de ocorrência do ano 1955	131
Imagem 31 – Grupo de Meninas: grandes, pequenas e médias	137
Imagem 32 – Meninas do Instituto Santa Catarina de Sena	137
Imagem 33 – Elementos do laboratório das aulas de Ciências	141
Imagem 34 – Novos equipamentos	142
Imagem 35 – Globo terrestre usado nas aulas de Geografia	142
Imagem 36 – Desfile escolar do Dia 7 de Setembro	145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Origem das meninas matriculadas no Instituto (1939-1943)	126
Gráfico 2 – Quantidade de meninas por série do Curso Propedêutico (1904-1943)	127

SUMÁRIO

Seção I	Introdução: o despertar biográfico em estudar uma instituição escolar	14
1.1	Caminhos da pesquisa	15
1.2	Definição da problemática e os objetivos da pesquisa	23
1.3	Procedimentos metodológicos	24
1.4	Organização do corpus da pesquisa	27
1.5	Procedimento analítico do corpus	30
1.6	Estrutura textual do estudo	33
Seção II	A representação sígnica de Santa Catarina e o construto histórico da Ordem Religiosa “Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena” da Itália ao Pará	35
2.1	A figura poliédrica de Madre Savina Petrilli	40
2.2	A assistência e o recolhimento da primeira menina Nazarena Cancogni e as origens do berço da congregação em Sena – Itália	48
Seção III	A fundação do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará (1903-1960)	65
3.1	As Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena em missões no Brasil	66
Seção IV	A cultura escolar como vetor de relações sociais conjugadas às práticas educacionais do Instituto Santa Catarina de Sena, no século XX em Belém do Pará	93
4.1	Educação e memória: saberes e práticas aplicadas à formação das meninas	103
4.2	A proposta curricular de ensino do Instituto Santa Catarina de Sena	123
4.3	As celebrações e os momentos cívicos	143
5	Considerações finais	148
	REFERÊNCIAS	152
	SITES CONSULTADOS	160
	FONTES	161
	ANEXOS	162
	APÊNDICES	167



Seção I

Introdução

O Despertar Biográfico em Estudar uma Instituição Escolar



Fonte: Fachada do I. S. C. S. Álbum em comemoração ao centenário do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará s/d.

O passado é, portanto uma dimensão permanente humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros valores da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza nesse 'sentido do passado' na sociedade e localizar suas mudanças e transformações (HOBSBAWM, 1998, p. 22).



1.1 Caminhos da Pesquisa

O estudo exposto em tela - *INSTITUTO SANTA CATARINA DE SENA*¹: *INCURSÕES EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE MENINAS EM BELÉM DO PARÁ* (1903-1960) tem como proposta desvelar a historiografia da instituição, as práticas educativas exercidas pelas missionárias italianas que foram responsáveis pela implantação do instituto em Belém, com vistas ao cotidiano escolar, formação religiosa e educação de meninas. No mais, para adquirir as informações necessárias, recorre-se às fontes documentais, orais e bibliográficas do contemporâneo Colégio Santa Catarina de Sena. Porém, para descortinar o cotidiano vivenciado pelas meninas, fez-se uso das narrativas orais de ex-alunas do Instituto no período em estudo.

O estímulo para estudar uma instituição escolar surgiu a partir do contato com a disciplina de Cultura Material Escolar, ministrada no primeiro semestre de 2015, pelo professor César Augusto Castro e orientador da presente pesquisa, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação (ICED), pertencente à Universidade Federal do Pará (UFPA). No decorrer da disciplina, os autores estudados como referencial teórico nas aulas fomentaram as primeiras curiosidades em investigar o contexto escolar por meio dos artefatos culturais e a Cultura Material Escolar e está inserida no campo da história da educação bem como, conseqüentemente, na história das instituições. Nesse sentido, o contato com alguns autores, tais como: Souza (2007), Bencosta (2013), Julia (1995), Nossella e Buffa (2013), Chartier (1990), Certeau (2014), Castro e Castellanos (2013), Gondra e Schueler (2008), Castro (2013) entre outros, que dialogam sobre as normas e finalidades das instituições, proporcionaram identificar as práticas dos profissionais da educação e as vertentes que conduzem o processo de compreensão do espaço escolar como social.

Diante disso, o currículo, as práticas escolares, a história dos diversos impressos sobre a leitura e a escrita, conjugadas às disciplinas escolares, manuais didáticos e cartilhas, fizeram-se presentes na expansão de ideias sobre o patrimônio cultural como representação da memória material e imaterial, assim como das linguagens expressas pela arquitetura escolar como monumento histórico que trouxeram luz ao presente objeto de pesquisa, que se propõe a desvelar a implantação do Instituto Santa Catarina de Sena na capital paraense e expor seu valor educacional para a História da Educação no Pará.

¹Atual Colégio Santa Catarina de Sena.

Com este aporte teórico, foi possível perceber a importância de estudar uma instituição educacional, logo o interesse de explicar a história desta instituição se fomentou no levantamento explanatório sobre esta temática, já que não constam pesquisas relacionadas à referida instituição no estado do Pará. A congregação das *Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena* esteve presente no território brasileiro por meio da sua missão destinada à formação educacional cristã e ao atendimento inicial a meninas desvalidas e órfãs da cidade.

Ressalta-se que em 1903, o Pará foi o primeiro Estado brasileiro a receber a congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena com a finalidade de garantir à infância paraense o ensino de qualidade e de cunho religioso católico expandindo-se, tempos mais tarde em território nacional, com o mesmo objetivo. As instituições foram divididas como educacionais e sociais. Algumas regiões do país receberam a congregação, como exposto no quadro 1:

QUADRO 1 – LEVANTAMENTO DAS CASAS FUNDADAS NO BRASIL

Casas da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena Fundadas no Brasil	Ano	Cidade/Estado
Instituto Santa Catarina de Sena	1903	Belém - PA
Colégio Sagrado Coração de Jesus	1906	Teresinha - PI
Ginásio Nossa Senhora das Graças	1907	Parnaíba - PI
Orfanato Dom Ulrico	1922	João Pessoa - PB
Casa da Providência	1927	Salvador - BA
Instituto Nossa Senhora de Fátima	1929	Recife - PE
Colégio de São José	1934	Maceió - AL
Colégio Nossa Senhora da Luz	1936	Guarabira - PB
Hospital Santa Cruz	1938	Itabuna - BA
Ginásio Santa Catarina	1942	Recife - PE
Lar da Providência	1945	João Pessoa - PB
Colégio Normal Savina Petrilli	1951	Ribeirão - PE
Maternidade Santa Isabel	1951	Illhéus - BA
Colégio Nossa Senhora da Conceição	1953	Itabaiana - PB
Casa de Caridade São Vicente de Paulo	1954	Cajuru - SP
Hostital Imaculada Conceição	1955	Ribeirão Preto - SP
Memorare	1957	Teresinha - PI

Instituto Madre Savina Petrilli	1958	Itapetinga - BA
Colégio Nossa Senhora do Ó	1959	Mosqueiro - PA
Patronato Benjamm Soares	1960	Guaraciaba - CE
Hospital São Paulo	1960	Rinópolis - SP
Lar Santa Catarina de Sena	1962	Vitória da Conquista - BA
Lar Santo Antônio	1963	Tupã - SP
Retiro Nossa Senhora do Carmo (Noviciado)	1966	Ilhéus - BA
Juniroato Madre Savina Petrilli	1969	Fortaleza - CE
Fratelidade Santa Rita de Cássia	1973	Itabuna - BA
Fraternidade São Paulo	1973	Salvador - BA

Fonte: Tabela elaborada a partir do acervo histórico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém – PA.

Observa-se a que as casas fundadas pela referida congregação possuem maior centralização na região nordeste do País, em destaque os Estados do Piauí, Pernambuco, Ceará, Bahia, Paraíba e Alagoas. Vale ressaltar, que a dedicação do trabalho da congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena foi de atender às necessidades espirituais e materiais da sociedade carente, bem como firmar em solo brasileiro a educação cristã católica. Neste sentido, o espaço nordestino foi alvo das missões das religiosas italianas, visto que abrigava uma população desprovida de cultura religiosa e estabilidade material, então se verificou um ambiente fértil para novas missões, porém é importante frisar que o primeiro Estado preparado para a chegada das missionárias foi o Norte, especificadamente a cidade de Belém.

Sob este aspecto, a pesquisa traz consigo uma grande contribuição para a compreensão do espaço escolar no período estudado, visto que no século XX expandiram-se as atividades educacionais religiosas ideologizadas pela Igreja católica em solo brasileiro, dando sequência à evangelização cristã por meio das instituições de ensino para que a educação de caráter cristã se instalasse na sociedade. Para tanto, fizeram-se necessárias as implantações das congregações religiosas no Brasil.

O foco desta pesquisa está articulado com a realidade histórica paraense no início do século XX em Belém. Pode-se dizer que foi o século da urbanização em que a maioria da população passou a viver essencialmente em centros urbanos. Sendo assim, as grandes transformações nos campos político, econômico, social e cultural estão imbricadas nesta realidade, pois a capital paraense durante a transição do século XIX para o século XX passou por uma reestruturação em que a sociedade enfrentou grandes desafios, tais como:

civilizar a população, remodelando a cidade, a fim de imprimir nos indivíduos o sentimento de modernidade segundo o ideário da época.

Do mesmo modo, Sarges (2002) sinaliza que “A *Belle Époque* imprimia a redefinição do espaço urbano, a redistribuição dos locais destinados aos serviços sanitários e o emprego de mecanismos de controle dos hábitos da população” (SARGES, 2002, p. 173). O ideal a ser atingido, na próspera cidade de Belém, estava vinculado à exigência da elite local, posto que a cidade também vivenciava a realidade de uma população pobre: mendigos, órfãos e desocupados. Este era um aspecto relevante, pois para o ideário da época a permanência de pessoas desocupadas nas ruas não era permitida, visto que se caracterizava como desordem e poluição.

Não obstante, a elite paraense era composta por imigrantes e migrantes de outras regiões do Brasil. Para haver uma remodelação social, houve a necessidade de remoção destes grupos de desvalidos das ruas, a fim de higienizar o espaço público adequando à população e ao um novo padrão de convivência. Em consequência disso, separam-se as camadas sociais, populares e elite, em virtude da área central de Belém ser destinada aos ricos burgueses e as áreas periféricas ser destinada às classes trabalhadoras e mais pobres.

A nova postura, com um ambiente mais civilizado, trouxe à cidade um caráter de emancipação social, a qual a cidade de Belém se tornou um modelo de cidade europeia como Paris. Nesse sentido, Sarges (2010) destaca que a nova ordem econômica e a nova filosofia financeira, nascida com a república, impunham não somente a reordenação da cidade através de uma política de saneamento e embelezamento, mas também a remodelação dos hábitos e costumes sociais.

Este padrão foi desencadeado a partir do ciclo da borracha e a economia gomífera, produto que prosperou e gerou progresso da região no século XIX. Neste cenário, Belém tornou-se por décadas morada da elite² estrangeira que se sentia incomodada com as classes desfavorecidas perambulando pelas ruas e no centro comercial da cidade. Em meio ao desequilíbrio social, o contexto belenense implantou medidas de “disciplinas para enfrentar o fenômeno urbano: a medicina social, o higienismo, a sociologia, a psicologia, a estatística, novas práticas de intervenções” (LOBO, 2008, p. 302). Com isto,

²O sentido da palavra elite equivale a um “conjunto de posições formais julgadas relevantes para o exercício de poder político e clientelismo, (...). [e a] participação em eventos políticos-chave, os atributos sociais, os vínculos com o exterior, laços com outros estados, as lições familiares (...). Ou seja, está relacionado a um grupo de pessoas que detém o poder político e econômico, além de ser modelo social e cultural de uma determinada sociedade (LOVE & BARICKAMAN, 2006, p. 77-78).

o poder público e as implantações das instituições filantrópicas foram responsáveis pela sobrevivência de parte dessa classe social.

Na estruturação deste segmento social, as instituições e espaços destinados ao acolhimento assumiram a função de formar e instruir o público desprovido de sorte, visto que o discurso político e as ações dos médicos sanitaristas condicionaram pelo movimento higienista a transformações no rompimento com as antigas amarras oligárquicas e implantando, por meio das práticas sociais, uma nova concepção de cunho científico. Assim, Bezerra (2013) enfatiza que:

O médico Sanitarista destina-se e assume o trabalho de cuidar da Saúde Coletiva Social, intervindo por meio de ações profiláticas, a fim de garantir o controle urbano de doenças e epidemias que comprometem a saúde e bem-estar da população de maneira interdisciplinar e dinâmica. Este profissional, tem tido um papel fundamental para a compreensão e intervenção nesses determinantes sociais dos processos de saúde-doença-cuidado, tendo que contextualizar a saúde para além do corpo e se referenciar no social em suas generalidades e especificidades (BEZERRA, 2013, p. 59-60).

Para Alves (2012):

O higienismo foi uma medida que influenciou muitas práticas e políticas públicas fortemente implantadas no Brasil. Pode-se dizer que o higienismo, como uma forma de pensar, é um desdobramento da “medicina social”. A urbanização sem planejamento decorrente da industrialização emergente que acontecia no Brasil no final do século XIX e início do século XX traz como consequência problemas de toda ordem, entre os quais se destacam os de natureza médica: as condições sanitárias ameaçadoras e os surtos epidêmicos. Morria-se de uma ampla variedade de doenças, como varíola, febre amarela, malária, tifo, tuberculose, lepra, disseminadas mais facilmente pela concentração urbana. (ALVES, 2012, p. 3302).

Não obstante, o campo educacional estava impregnado de preceitos religiosos da Igreja católica na perspectiva socioeducativa, direcionando o ensino das crianças e dos jovens de todas as classes sociais. As escolas católicas eram denominadas como “Instituição Modelo”, socialmente representadas pela instrução moral e intelectual, científica e modeladora de caráter irrepreensível, assegurando assim um ensino de qualidade. No mais, o polimento dos sujeitos era primordial para o crescimento da

sociedade que delegou às congregações religiosas a missão de atuar por meio da educação nas mentes e nos corações dos educandos brasileiros.

Os sujeitos inseridos no contexto das instituições governadas por missionários religiosos foram submetidos a um processo de cristianização social e internacionalização da fé. Sob esta vertente, a educação passa a ser concebida como um fenômeno social por excelência que se destinava a socializar os indivíduos, portanto as práticas culturais e religiosas estariam inseridas no bojo da sociedade paraense, sobretudo por meio das ações educativas no Instituto Santa Catarina de Sena, o qual se tornou modelo na educação para meninas. A instituição era vista como um espaço de civilização, já que o apoio das missionárias italianas foi agregado à ordem religiosa na cidade de Belém.

Nesse cenário, em 07 de outubro de 1903, desembarcaram em Belém seis missionárias italianas advindas de Gênova (Itália), grupo feminino da ordem religiosa *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*, com intuito de atender à infância feminina, a priori desvalida, com suas práticas educativas evangelizadoras, esse era o ideário da Madre Savina Petrilli, fundadora da congregação em Siena (Itália). Assim sendo, compreende-se por meio da História Cultural, segundo Chartier (2000), esclarece que:

é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas nas trajetórias históricas (CHARTIER, 2000, p. 27).

Desse modo, o autor nos anuncia “que toda criação e toda apropriação está encerrada nas condições de possibilidade historicamente variáveis e socialmente desiguais” (CHARTIER, 2000, p. 13). Assim, apresentam-se os documentos da instituição como produtos de uma cultura, os quais possibilitam uma leitura situada em determinado tempo histórico e geográfico, com a finalidade de reconstruir a história da referida instituição, compondo o cotidiano das alunas naquele contexto, em sua totalidade.

A partir da cultura escolar, entendem-se as práticas de ensino mediadas pelas missionárias italianas no Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará no século XX, analisadas a partir do construto sócio-histórico da capital paraense, na perspectiva historiográfica da educação brasileira segundo às ideologias vigentes, entendendo que “o

passado é uma construção e uma reinterpretação constante, e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história” (LE GOFF, 1998, p. 24).

A história do Instituto se torna sensível ao olhar do pesquisador quando se apropria de sua cultura escolar³ e Cultura Material Escolar⁴ na tentativa de compreender a eficácia do funcionamento escolar que é também definida pela organização das práticas pedagógicas exercidas dentro da instituição educativa, estas atividades são definidoras e articuladoras do conhecimento, tempo, espaço entre outros, que ganham sentidos diferentes na produção do ensino no que diz respeito ao fenômeno educativo presentes na cultura escolar, que para Viñao Frago (1995):

nos permite articular também, duas outras dimensões importantes do fenômeno educativo escolar, e conseqüentemente, de suas perspectivas de investigação com os tempos curtos e a dimensão micro das práticas escolares (FILHO, 2002, p. 19 apud FRAGO, 1995).

Vidal (2005) ressalta que, Martha Carvalho define cultura escolar como:

Pano de fundo das interpretações históricas, saberes pedagógicos colocados em circulação pelo corpo docente enquanto sujeito da escola, pelo magistério enquanto profissão, e pelo sistema educativo enquanto organização educacional, na sua inter-relação com os aportes da história cultural (CARVALHO apud VIDAL, 2005, p. 52).

Observa-se que a cultura escolar é objeto de análise essencial na História da Educação pela sua singularidade em estudar as peculiaridades do espaço escolar, tais como: “a constituição do currículo, a formação das disciplinas escolares, o cotidiano institucional, o exercício diário de professores e professoras, alunos e alunas e a materialidade da escola” (VIDAL, 2005). É imprescindível não dissociar o universo imaterial que é dominado pela oralidade, gestos, hábitos, modos de ensino de geração em geração e todo mecanismo de troca de conhecimento, inserido na cultura de um povo, do

³ O conceito de cultura escolar, nesse sentido, traz a perspectiva de um olhar para o interior da escola, ou seja, para o seu funcionamento interno. Enquanto conjunto de normas e práticas, essa definição de cultura escolar pretende dar conta de analisar a relação que os profissionais, em especial os professores primários, estabeleceram com as normas postas à obediência e, assim com o uso que eles fizeram dos dispositivos pedagógicos postos a circular. É o que, segundo ele, tem feito a história das disciplinas escolares quando se propõe “compreender o que ocorre nesse espaço particular.” (JULIA, 2001, p. 13).

⁴Panizzolo (2008) explana que Souza (2007) chama atenção para o fato de que a cultura material está enraizada na forma escolar de educação, como por exemplo no uso da escola, de artefatos culturais, tais como canetas, lousas, lápis, cadernos, livros didáticos, entre outros. (PANIZZOLO, 2008, p. 84).

material que é responsável pela manifestação física dos objetos presentes no contexto social com uma finalidade ou sentido, por se revelarem dispositivos de poder, que exercem influências específicas em dada sociedade em decorrência da funcionalidade destes artefatos. Tratar das questões materiais em especificidade requer frisar pontos importantes como:

Ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social (SOUZA, 2007, p. 170).

Diante do exposto, acredita-se que a cultura escolar e a Cultura Material Escolar possuem uma relação de interdependência, já que as práticas pedagógicas geralmente são manifestadas por meio do uso de artefatos como: lápis, lousa, caneta, livros, entre outros, auxiliando a transmissão de conhecimento entre os indivíduos. Nesse sentido, o estudo acerca do Instituto Santa Catarina de Sena, também pode ser pensado como um “lugar de memória” (NORA, 1993), com significado plural por aqueles que vivenciaram sua realidade, podendo-se considerar uma parte da identidade da instituição, de sua memorização e história. Então, tanto a cultura imaterial como a material são responsáveis por este resgate de valores e sentidos que ordenam os espaços.

Não obstante, a presente dissertação, fundamentada pelas fontes históricas do Instituto Santa Catarina de Sena — atas, estatutos, livros de matrículas, jornais da época, regimento interno, livros de ocorrências, imagens fotográficas e narrativas orais de ex-alunas do Instituto — tem a intenção de apresentar, por meio desses documentos, o sentido da pesquisa e suporte da escrita histórico-social do modelo de educação do instituto. Destaca-se que a importância do estudo histórico conjugado nestas fontes documentais elegeu os referidos documentos como fontes de pesquisa, de acordo com Le Goff (2013), que destaca:

[...] as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória

futura, o poder de perpetuação, deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado (LE GOFF, 2013, p. 110).

Nessa perspectiva, para compreender as fontes é necessário que o olhar do pesquisador esteja voltado aos fenômenos: social, econômico, político e cultural, posto que, ao se elaborar uma análise diante dos fatos encontrados nas superfícies das fontes, compreende-se que somente elas darão suportes para conhecer as causas e recuperar os acontecimentos. Olhar um documento além da ponta do *iceberg* é experimentar o novo, desmontando a memória a fim de reconstruí-la. O registro documental, segundo Le Goff (2013), não tem mais se aprisionado aos grandes acontecimentos, mas tem-se ocupado e abrangendo os detalhes da vida dos homens. Deve-se então proceder à análise do documento de tal forma que se possa separá-lo de seu significado aparente.

No mais, para melhor subsidiar esta pesquisa, foi realizado, em 2016, um levantamento nos bancos de dados de dissertações e teses da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA), nos Programas de Pós-Graduação em História e Educação e na CAPES. Diante deste rastreamento, não foram encontrados trabalhos que fizessem referência ao Instituto Santa Catarina de Sena. Todavia, foram encontradas uma dissertação⁵ e uma tese⁶ que abordam a educação nas escolas confessionais do Piauí, cujo objetivo foi discutir a escolarização das mulheres piauienses no período de (1906-1973). Tais textos foram filtrados como referências, porque tratam de escolas fundadas pela congregação das *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*, ao passo que foi uma extensão do trabalho das missionárias italianas, as quais firmaram sua primeira instituição em Belém do Pará.

1.2 Definição da Problemática e os Objetivos da Pesquisa

A questão central que norteia este estudo é: quais as ações socioeducativas desenvolvidas no *Instituto Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará no período de 1903 a 1960? Assim, a partir da questão maior, propomos levantar algumas questões

⁵SILVA, Samara Mendes Araújo. *À Luz dos valores religiosos: Escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906-1973)*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Piauí- PI. Teresina. 2007.

⁶SILVA, Samara Mendes Araújo. *Educar crianças e jovens a fé e à cultura: As instituições escolares confessionais na sociedade piauiense (1906 a 1973)*. Tese em Educação. Universidade Federal de Fortaleza-CE. 2010.

específicas: qual a importância da figura signica de Santa Catarina para a fundação da congregação da ordem religiosa das *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*? Qual a cultura escolar a partir da proposta educacional no Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará no período de 1903 a 1960? Quais práticas educativas estão imbricadas no Instituto Santa Catarina de Sena na formação de meninas?

Para tentar responder a tais questionamentos traça-se os seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

- Averiguar as ações socioeducativas do *Instituto Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará no período de 1903 a 1960.

Objetivos Específicos:

- Analisar a importância da figura signica de Santa Catarina para a fundação da congregação da ordem religiosa *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*;

- Investigar por meio da cultura escolar a proposta educacional no Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará entre os anos de 1903 a 1960;

- Examinar as práticas educativas imbricadas no Instituto Santa Catarina de Sena na formação feminina.

1.3 *Procedimentos Metodológicos*

A presente pesquisa, de cunho documental, propõe analisar as fontes documentais escritas e orais, posto que as fontes são consideradas primárias, ou seja, que não tiveram tratamento analítico por outro pesquisador, compreendendo-se a partir das ideias de Cellard (2008) que:

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo o pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente. Ele permanece como único

testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Para Rodrigues e França,

O pensador, ao se debruçar sobre a leitura de um documento histórico, deve identificar a sua forma material, seu conteúdo, os objetivos de quem o produziu, de quem o lê e interpreta. Quando se inicia uma pesquisa documental, é preciso conhecer a história do documento que se tem em mão, buscando aprender sob que condições ele foi produzido, quem o escreveu, deve identificar-se a forma material e o conteúdo que aborda [...] Na análise documental, é preciso considerar que nenhum documento é neutro (RODRIGUES; FRANÇA 2010, p. 60-61).

Desse modo, a pesquisa documental requer do pesquisador atenção às minúcias das informações, visto que elas ajudam a tracejar caminhos para se trabalhar com as fontes, entrecruzando as informações para definir um caminho a ser seguido, porque é necessário demarcar o objetivo a ser atingido. Para maior compreensão Goldenberg destaca que: “O que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar” (GOLDENBERG, 2002, p.14).

Não obstante, uma antiga gestora da referida instituição extraviou uma parte das fontes do Instituto, por não terem sido arquivadas de maneira adequada, garantindo a preservação de registros importantes da fundação da escola. Tal fato foi ocasionado pela falta de conhecimento acerca da importância de manter a memória do Instituto em documentos selecionados e higienizados adequadamente nos arquivos do prédio escolar. Essa realidade expressa, segundo Nosella e Buffa, que:

Todos sabem em que condições se encontram os documentos antigos da maioria das escolas: depositado em uma saleta que se apresenta condições de uso, às vezes em um banheiro quebrado, disputando espaço com poeira, ácaros, matéria inútil remanescente, etc... (NOSELA; BUFFA, 2013, p. 25).

Contudo, na condição de guardiões de documentos tão importantes que fazem parte da memória de instituições educativas como os do Instituto Santa Catarina de Sena, muitas vezes, estes não recebem o tratamento adequado para sua conservação, sendo encontrados sem condições de manuseios por não receberam os devidos cuidados, assim como os documentos sobre a fundação do instituto que foram extraviados. Por conseguinte, para que houvesse fidedignidade nas informações sobre a historiografia da instituição pesquisada fez-se necessário entrevistar ex-alunas do instituto.

Dessa maneira, utilizaram-se as narrativas orais coletadas através das entrevistas semiestruturadas que foram selecionadas também como fonte documental para subsidiar a pesquisa em curso. Para compreender melhor sobre a concepção de documento, buscam-se ampliações de acordo com a história por meio do movimento feito pela Escola dos Annales, pois:

Para esses historiadores o acontecer histórico se faz a partir dos homens. Daí o documento histórico se produz com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Nesse caso, ao documento incorporam-se outros de natureza diversa, tais como objetos, signos, paisagens, etc. (SILVA apud VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY, 1995, p. 14-15)

A Escola dos Annales amplia o modo de compreender o documento, através de uma nova abordagem, proporcionando novos caminhos metodológicos a serem tracejados diferenciando-se de fontes escritas. “Tudo que é vestígio de um tempo passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou fonte” (CELLARD, 2008, p. 296).

A partir desse pensamento, os vestígios sonoros das entrevistas orais foram pensados como fonte documental, porque parte-se da definição de Appolinário (2009) sobre:

Qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo, ou prova. Incluem-se nesses universos impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais, sonoros, as imagens, entre outros (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67)

Diante desta nova identidade que as fontes documentais assumiram, foi possível estender até as narrativas orais das ex-alunas do Instituto Santa Catarina de Sena, dando um sentido mais amplo no desenvolvimento desta pesquisa.

Halbwachs (2006) define que toda memória coletiva individual é também social (coletiva). Com isso, o enredo das narrativas é fruto do construto da memória subjetiva do indivíduo que possibilita a sua expansão no ato de falar e narrar os fatos do passado. Tais premissas são registros internos que estão ligados ao mundo externo, porém ela está para além de um construto biológico humano, ou seja, está imbricada nas relações sociais, uma vez que os fatos ocorrem no meio social, logo, a memória arquiva informações do

que é vivido nas relações sociais (coletivas). É necessário cautela ao analisar cada enunciado e levar em consideração o contexto no qual o discurso está inserido, tal seja, “a forma global já não pode ser orientada pela história de vida como forma de evidência, mas deve emergir da lógica interna da exposição [...] e o material deve ser interpretado com plena consciência do contexto em que foi coletado, das formas de viés a que está sujeito e dos métodos de avaliação então necessários” (THOMPSON, 1998, p.25).

Assim, coletar as narrativas do cotidiano vivido pelas alunas e a busca por cada documento desta instituição tornou possível sustentar e fundamentar o corpus desta pesquisa, permitindo analisar as práticas educativas dirigidas pelas irmãs missionárias às meninas, no que se refere à constituição deste objeto de estudo. Nesse sentido, Certeau (2002, p. 74) destaca que “[...] em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira”, assim, esta afirmação provoca no pesquisador a discussão sobre a sua função de produzir um documento, trazendo à luz novas evidências daquilo que ainda não foi dito.

1.4 Organização do Corpus da Pesquisa

Em uma visita ao contemporâneo Colégio Santa Catarina de Sena, depara-se com um belo quadro vindo da Itália para o Pará no navio Colombo em 1903, objeto este que ilustra a fundadora da congregação das *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina*, madre Savina Petrilli. Este contato iconográfico foi o suficiente para aguçar a curiosidade de conhecer um pouco mais sobre o passado deste espaço educacional. Assim, a Irmã Maria de Fátima Alves, tesoureira da escola, oportunizou uma visita para conhecer as ex-alunas (entrevistadas) do instituto e o memorial da escola, onde estavam expostas: fotos, cartilhas, indumentárias, painéis, troféus, entre outros objetos, que compunham parte da fundação da escola no Pará. É no recorte temporal de 1903 a 1960, que a busca por mais informações toma uma proporção maior, de forma que a tesoureira da escola foi peça fundamental na procura pelas fontes, ao passo que a escola não possuía um arquivo com os documentos prontos para uso. Logo, em parceria com a secretária, Maria de Jesus Ferreira da Silva, garimpou-se o máximo de documentos que foram separados, catalogados e digitalizados a contento.

A seguir, os documentos foram higienizados e preparados para leitura a fim de selecionar as principais fontes, uma vez que, muitas páginas não estavam em boas condições de leitura e manuseio. O acervo documental da fundação do Instituto não foi encontrado em documentos escritos, somente em acervo fotográfico. Por este motivo,

usou-se, sobretudo, a memória fotográfica que foi coletada do álbum em comemoração aos 100 anos do Colégio Santa Catarina de Sena, onde foram selecionadas as principais fontes fotográficas que subsidiaram e consubstanciaram o presente estudo, a fim de justificar a construção historiográfica da instituição, junto às práticas pedagógicas.

Durante a construção deste trabalho, foram muitas idas e vindas a procura de transcrever as informações dos documentos, os quais não estavam com boa visibilidade para serem copiados. A partir desta realidade, algumas descobertas foram possíveis entre uma linha lida e outra das fontes. Paralelamente a este momento da pesquisa, as entrevistas foram realizadas com as ex-alunas:

Dona Orlanda Maia (83 Anos), natural do Brasil, nascida em Belém do Pará em 1933, oriunda de um clã da elite paraense, devido ao posicionamento social que sua família se apresentava. A ex-aluna era nona filha do casal português Edwiges da Luz Maia, que cuidava da família como doméstica do lar, já seu pai Manoel da Silva Maia era comerciante de referência na cidade visto que, durante um tempo não mencionado pela entrevistada, ocupou o cargo de presidente da União Comercial no Pará, foi proprietário de saboarias, moagem do café Globo, casa bancária entre outros empreendimentos.

A referida aluna foi mantida em regime de internato e externato e recebeu formação e educação no I.S.C.S no período de 1946 a 1951 e cursou o ensino primário, básico e técnico no referido espaço educativo que, segundo suas narrativas, foi um ambiente que lhe proporcionou crescimento e formação de opiniões. Além da instrução e ensino no colégio das Irmãs, a ex-aluna ingressou no curso superior da Universidade Federal do Pará em 1956 na qualidade com formação acadêmica em Bacharel em Ciências Econômicas que lhe rendeu dois bons empregos como contadora na Assembleia Legislativa e na Secretaria da fazenda do Estado do Pará.

Sem demora, a senhora Maia, para dedicar-se ao casamento com Messelindo Teixeira Lima (atuava no campo profissional como exportador de madeira) junto aos seus filhos: Emanuel Augusto Maia Lima, Evalmir Maia Lima, Paulo Victor Maia Lima, Luiz Flávio Maia Lima, Luiz Fernando Maia Lima, afastou-se da vida profissional de contadora, como permanece em tempos atuais. Porém, expressa com muita satisfação ter sido espelho para formação cristã e intelectual de seus filhos, mesmo tendo que ter se divorciado de seu esposo por motivos confidenciais.

A ex-estudante Maria Dolores Espinheiro (73 anos), paraense nascida em 1942, filha do português Francisco Espinheiro Gomes e da espanhola Clotilde Esmeralda da Silva Espinheiro, pertencia a uma família com boa estrutura socioeconômica na capital.

Dona Dolores viveu em regime de internato no I.S.C.S no período de 1953 a 1963 onde cursou o ensino primário, curso ginásial, técnico de comércio, técnico em Contabilidade da Escola Comercial, a Escola Técnica de Comércio, que era referência na formação profissionalizante do Estado do Pará. A ex-aluna possui formação acadêmica pela Universidade Federal do Pará no curso de bacharel em Ciências Econômicas em 1978, porém nunca atuou no campo profissional já que logo após terminar o curso casou-se com o paraense José Alves de Melo com quem teve seu único e primogênito filho José Augusto Espinheiro Melo, o qual reside em sua companhia na data atual.

Da mesma forma, dona Clotilde Duarte da Costa (73 anos), paraense nascida em 30/10/1942 e filha de José da Silva Costa militar da Marinha do Brasil e Higinia Duarte da Costa, que era doméstica, mas segundo a entrevistada sua mãe não possuía estudo, mas sempre se dedicou para que os filhos estudassem e se formassem. Sendo assim, a ex-aluna estudou no I.S.C.S em 1950 até 1963 cursou o ginásial e a Escola Técnica de Comércio. Com a oportunidade de entrevistar as três ex-estudantes foi possível coletar informações singulares sobre o cotidiano escolar e os saberes apreendidos dentro da escola. Vale ressaltar que, durante as entrevistas, elas usaram de grande esforço para detalhar cada momento de suas memórias, uma vez que em alguns momentos, faltavam-lhes as lembranças, o que é compreensível pela idade avançada de cada uma delas. Após, todas as entrevistas, os enunciados foram transcritos a fim de filtrar as falas e inseri-las no texto da pesquisa, associando-as às demais fontes.

Após a catalogação de todos os documentos, criaram-se pastas organizadas por décadas e tipos de documentos tais como: acervo fotográfico de 1903, registros dos termos registrados em Atas (1934), arquivos de jornais “*A Folha do Norte*”, modelos de ficha de admissão, escrituração escolar e arquivo, relação do material didático e escolar, indicações de melhoramento de leitura, diploma do momento cívico, livro de matrícula, livros de termos, ata, histórico da fundação, registros de festividade, diplomas da escola gratuita e pensionistas, entrevistas, livros de ocorrências e as obras de formação tais como: *100 Anni di Vita In Missione, La Voce Della Carità*, a vida de Santa Catarina de Sena, Savina Petrilli - como pão partido, *Uma Donna Per Iddio e Per Gli Altri* (traduzido pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena) e a revista intitulada Savina Petrilli de Sena ao mundo para testemunhar o amor.

Diante disso, Aróstegui (2006, p. 470) enfatiza que: “a pesquisa histórica se faz de achados- de novas fontes, de novas conexões, entre as coisas, de comparações [...]” além desta instituição, foi realizada uma visita à Biblioteca Arthur Vianna, pertencente à

Fundação Central Tancredo Neves (CENTUR), propriedade do governo do Estado do Pará. Tinha-se, portanto, a pretensão de obter no setor de microfilmagem notícias de jornais sobre a fundação da instituição ou outras notícias que corroborassem com o modelo de ensino e as práticas da referida instituição na capital.

1.5 *Procedimento Analítico do Corpus*

Ao escolher a presente instituição escolar, denominada Instituto Santa Catarina de Sena no período supracitado, tive a oportunidade de conhecer a realidade institucional e as ações educativas desenvolvidas pelas missionárias italianas que fizeram parte do processo de ensino-aprendizagem, a priori, de meninas pobres, órfãs e desvalidas. E que mais tarde, houve a necessidade de se agregar à educação de meninas desvalidas à de meninas elitizadas que viviam na capital paraense. Realidades distintas, mas que fizeram parte do contexto social republicano, compreendendo-o por meio das ações dos sujeitos e de suas práticas. Nesse sentido, a partir da política de modernidade que se instalava no Brasil e, particularmente em Belém, a palavra “civilidade” se tornou sinônimo de boas maneiras, urbanidade, doutrinação, instrução, polidez e boa educação que, por sua vez, também estavam imbricadas no universo educacional saviniano.

Para subsidiar a análise das fontes desta pesquisa, elegeu-se a matriz teórica da História Cultural de Roger Chartier, uma vez que as evidências das práticas e representações que envolvem este estudo estão ancoradas nos documentos que lhe deram suporte. Assim sendo, observa-se que a História Cultural, entendida por Chartier (2000) como fundamentação de um possível diálogo com a História das Instituições Educativas, como percurso interpretativo e como uma instituição escolar, produz sua história que estão vinculadas às práticas educativas associadas a uma representação de sociedade que se desejava atingir naquele momento específico do passado.

Assim, a representação que se tem das práticas e das experiências vividas estabelece uma relação direta com o uso da linguagem de forma ampla, como veículo entre os sujeitos produtores e receptores da cultura no âmbito social que, de certo modo, está respectivamente concatenado ao “modo de fazer” e ao “modo de ver” a cultura. Diante disso, é imprescindível esclarecer o que são práticas culturais, que por conceituação “são práticas comuns, através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros e com eles mesmos”, (CHARTIER, 2009, p. 34). Logo, Barros (2005) destaca que:

São práticas culturais não apenas a produção de um texto ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam e discutem, morrem ou adoecem, tratam seus loucos, ou abrigam e recebem seus estrangeiros (BARROS apud CHARTIER, 2005, p. 131).

Diante do exposto, entende-se que o homem é condicionado a viver em um mundo plural, onde a subjetividade está presente na forma de apropriação de suas verdades e conceitos. Parte-se da necessidade humana de produzir sua própria cultura, onde o texto está articulado com a representação cultural, política, social, histórica do período que o Instituto Santa Catarina de Sena estava inserido. Nesse aspecto, “a história cultural tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída e pensada dada a ler” (CHARTIER, 2000, p. 16-17).

Sob a ótica da História Cultural, o referido historiador conceitua representação:

Desta forma, pode-se pensar uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 2000, p. 19).

Sobre apropriação, Chartier (2000) define que:

A apropriação, tal como a entendemos tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 2000, p. 26-27).

Acerca das práticas, Chartier (2000) analisa que:

por outro lado, esta história deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar –, dirige-se às práticas que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo. Daí a caracterização das práticas discursivas como produtoras de ordenamento, de afirmação, de divisões; daí o reconhecimento das práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação (CHARTIER, 2000, p. 19-27).

A partir dessa analogia, compreende-se que considerar um objeto como produto histórico criado pelo homem é assumir que eles possuem representações diferenciadas conforme o contexto nos quais elas estejam inseridas. Para tanto, os diferentes tipos de texto são considerados objetos culturais a serem analisados e explorados como fonte explanatória nesta pesquisa, a qual se deteve em mapear as fontes escritas e orais extraídas ao longo deste estudo, porque o ato de ler um texto, segundo Chartier (1990):

decifrar um sistema de pensamento consiste, pois, em considerar conjuntamente essas diferentes questões que constituem na sua articulação, o que pode ser considerado como próprio objeto da história intelectual (CHARTIER, 1990, p. 65).

Assim, munida das fontes documentais do *Instituto Santa Catarina de Sena* e utilizando Roger Chartier como suporte teórico-metodológico, por se apropriar da história cultural que tange ao uso das práticas e representações como objeto de análise historiográfica desta pesquisa, conduziu-se à leitura e releitura das fontes em um solo fértil de significações. Não obstante, é importante ressaltar que as pessoas se relacionam e dinamizam-se, compartilhando e produzindo conhecimento na incursão das práticas na sociedade, visto que estas se perpetuam nela como parte de sua cultura. Em complemento Chartier (1990) sinaliza que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Sob o aspecto educacional, a História Cultural está introduzida no estudo do Instituto Santa Catarina de Sena como uma instituição escolar do início do século XX. Os apontamentos feitos no decorrer da pesquisa dialogam com os objetivos de análise do

objeto, pois estudar uma instituição requer estudar não somente a escola como um espaço qualquer, mas sim compreender as práticas e suas representações as quais estão inseridas no escopo cultural dos grupos sociais que manipulavam os discursos direcionados aos seus interesses, legitimando sua forma de domínio e poder no âmbito social, político, econômico e cultural.

Entender uma instituição escolar em uma determinada conjuntura sociocultural é interpretar as narrativas que desvelam a identidade dela e dos sujeitos ali inseridos, logo a partir da história Cultural, o espaço educacional é responsável por práticas com finalidade de educar e modelar os corpos e mentes dos indivíduos para formar um caráter social irretocável. Em virtude disso, tais práticas são resultados das representações e das necessidades dos homens.

1.6 *Estrutura Textual do Estudo*

A presente dissertação está dividida em quatro seções: Na **Seção I: *O Despertar Biográfico em estudar uma Instituição Escolar***, destacam-se a descrição e a exploração do tema, fundamentando-o e apresentando os objetivos em consonância com a justificativa desta pesquisa. Desta maneira, aborda-se a importância de realizar um estudo sobre a Congregação Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena, descortinando seus valores sociais, culturais e religiosos, bem como as práticas pedagógicas firmadas pela referida instituição à formação de meninas pobres e burguesas da capital paraense, sobretudo desvelando a importância de analisar a História Cultural por meio das fontes e sua relação com a História da Educação no Pará.

Na **Seção II : *A representação Sígnica de Santa Catarina de Sena e o construto histórico da Ordem Religiosa “Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena”***, apresenta-se a trajetória das missões das irmãs senenses na Itália; a história de vida e a representatividade de Catarina Benincasa (Santa Catarina), considerada doutora mística da Igreja Católica, que estruturou de forma significativa a vida espiritual de madre Savian Petrilli por seguir sua conduta espiritual, oportunizando à religiosa desenvolver a fundação de institutos educativos de natureza filantrópica e privada para o ensino e acolhimento de meninas entre meados do século XIX e início do século XX.

Na **Seção III: *A Fundação do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará (1903-1960)***, explana-se o momento histórico que provocou a chegada da Congregação das Irmãs Dos Pobres de Santa Catarina de Sena à capital paraense, a fim de compreender

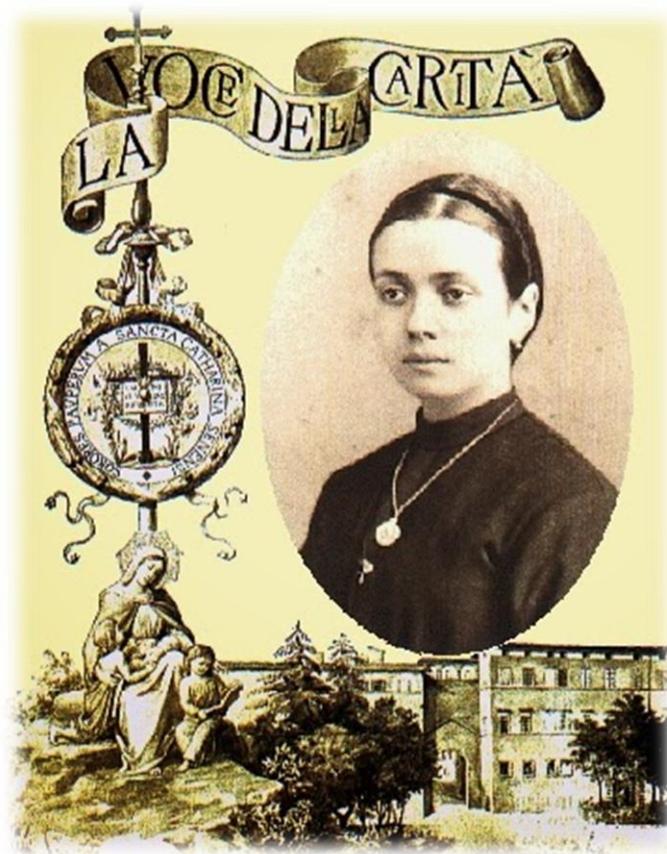
a estruturação das obras realizadas por madre Savina na Itália e, de forma subsequente em terras brasileiras, frisando que Belém foi o primeiro lugar em território nacional que as missionárias italianas se instalaram, tornando o Instituto Santa Catarina de Sena um espaço educativo para meninas e palco de suas missões religiosas.

Na **Seção IV**: *A cultura escolar como vetor de relações sociais conjugadas às práticas Educacionais do Instituto Santa Catarina de Sena, no século XX em Belém do Pará*, discute-se a relevância da cultura escolar como cenário interpretativo das normas e práticas pedagógicas que compõem o interior da instituição, bem como a compreensão do cotidiano e de outros elementos de sua constituição, presentes nos campos material e imaterial. Utilizam-se as narrativas orais de ex-alunas e análise documental, possibilitando o refinamento das informações sobre o construto sócio-histórico proposto neste estudo, visto que nele está concentrada: a essência da educação que as meninas receberam por meio das ações socioeducativas dirigidas pelas missionárias que foram responsáveis pela formação do público feminino paraense no século XX.



Seção III

A representação Sínica de Santa Catarina e o Construto Histórico da
Ordem Religiosa “Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena” da
Itália ao Pará



Fonte: Revista *Savina Petrilli* de Sena ao mundo para testemunhar o amor. 1996, p. 21

A voz da caridade é a “voz de Savina”
 “Voz que anuncia a bondade de Deus a cada
 uma de suas criaturas
 “Voz” que grita com a vida que Cristo é o amor.
 “Voz de quem não tem voz
 “Voz de quem é ardor de um coração missionário
 Que lança o olhar a horizontes distantes,
 afim que cada criatura levante a cabeça
 Ciente de sua dignidade humana
 E seja “Louvor da Glória de Deus”
 (IRMÃS DOS POBRES, 1996, p. 21).



A elaboração desta seção tem o objetivo de aclarar para o leitor como se estruturou na sociedade italiana a congregação das *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina* de Sena e deu origem aos Institutos educativos, que assistiram e protegeram a infância pobre senense. Neste sentido, como foi constituída a Ordem das Irmãs Catarinas? Quem foi à idealizadora e estruturadora deste grupo de missionárias? Para responder tais questionamentos, houve necessidade de revelar neste texto relatos da vida de Santa Catarina, ao passo que foi baseada em sua trilha que se elucidou esta história.

Neste segmento, o construto desta história trará visibilidade e fundamentação para compreender os sujeitos que estavam inseridos no contexto do Instituto que foi fundado em Sena e tempos depois na capital paraense. Por meio da história⁷, pode-se compreender a humanidade, visto que o homem é possuidor de ações, certezas, posições, ideias, posturas, valores entre outros comportamentos, que são aprimorados de conhecimento a partir das experiências vividas em um determinado momento histórico. Sob esta ótica, historicizar as práticas humanas por meio de manuscritos é assegurar e conhecer as figurações sociais que promovem a emancipação do homem enquanto *Sujeito histórico*⁸ inserido na sociedade.

O poscênio da Itália, especificadamente em Sena, deu origem às cenas da história das “Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena”, congregação que foi fundada por Madre Savina Petrilli (1873), que modelou sua vida missionária pelas pegadas de Santa Catarina de Sena⁹, mulher missionária italiana do século XIV como se observa na imagem 1, que viveu exatamente entre os anos de 1347 a 1380, ligada à Ordem Dominicana¹⁰ que promoveu condições de exercer suas atividades missionárias e de caridade.

⁷A história não é, pois, a passagem de um amontoado de fatos desordenados a ideias abstratas atemporais. Como todo trabalho do pensamento, ela é ‘retomada de operações culturais’ começadas antes de nós, seguidas de múltiplas maneiras, e que nós ‘reunimos’ ou ‘reativamos’ a partir do nosso presente (NOVAES, 1992, p. 11).

⁸Segundo Scott (1998, p. 320), os sujeitos são agentes. Eles não são indivíduos unificados e autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim sujeitos cuja atuação é constituída através de situação de status. Ser um sujeito significa ser um sujeito para definir condições de existência, atributos e exercício.

⁹Neste período, a bela cidade Toscana-Siena geograficamente enquadrada não muito distante de Pisa, Luca, Florença e Perúgia estava submersa na península itálica, que era um mosaico de estados em conflitos políticos e religiosos. No norte, situava-se o ducato de Milão, governado pelo duque Tirano Bernabó Visconti cognominado de gênio militar, astuto político, protetor das ciências e das artes. No norte, situava-se o Ducato de Milão, governado pelo duque Tirano Bernabó Visconti cognominado de gênio militar, astuto político, protetor das ciências e das artes. O seu governo foi mergulhado nas lutas contra os estados pontifícios, os trajetos da história narram que ele era indiferente no que se refere à religião, que foi excomungado diversas vezes pelo papa, já que suas atitudes condenavam-lhe, sincronizando todos os maus adjetivos (BASÍLIO, 1993, p. 9).

¹⁰Irmãos Pregadores ou Dominicanos são membros da Ordem dos Pregadores, uma ordem religiosa católica romana fundada em 1214 por São Domingos. Com 16 discípulos, ele fundou a ordem em Toulouse, França, com o objetivo de contrariar, por meio da pregação, ensino e do exemplo de austeridade, as heresias

Imagem 1 – Santa Catarina de Sena



Fonte: Gravura do livro “*Vida de Santa Catarina de Sena*”

Neste período, o vasto espaço geográfico do sul da Itália encontrava-se regado às lutas e muita divisão entre os católicos italianos, onde Catarina foi designada como “Anjo de Paz”, por intervir por meio de cartas e diálogos aos papas clamando por apoio a paz. A jovem senense¹¹ revelou-se desde sua infância como uma menina mística, visto que aos

prevalentes na época. A ordem foi oficialmente reconhecida em 1216, quando o Papa Honório III concedeu aos dominicanos a necessária confirmação papal. Os dominicanos insistiram em pobreza absoluta, rejeitando a posse de propriedade da comunidade e se tornar, como os franciscanos, mendicante ordem. Foi apenas em 1425 que a permissão de realizar propriedade foi concedida a certas casas pelo Papa Martin V, foi alargado a todo o modo pelo Papa Sisto IV em 1477. A primeira Ordem Dominicana foi fundada em casa na Igreja de Saint Romain, em Toulouse, a partir do qual, em 1217, Domingos enviou alguns de seus discípulos a espalhar o movimento no resto da França, assim como a Espanha. De acordo com o declarado objetivo da sua fundação, os dominicanos foram sempre conhecidos como pregadores e dedicada como combatentes contra qualquer partida do ensino da Igreja Católica Romana. Durante a Idade Média eles eram muitas vezes escolhidos para chefiar a Inquisição para localizar hereges e levá-los a julgamento. Santa Catarina de Siena foi uma dominicana que exerceu grande influência na história da Igreja no século XIV (acesso ao site em 02/08/2016 <http://mb-soft.com/believe/tthm/dominic.htm> - publicencyclopediaservices home Page).

¹¹Em sua fase madura da juventude, ela não pensava como as demais meninas de sua idade, com 16 anos, além de não querer casar-se tinha apreciação pela ordem penitente de São Domingos, que era constituída por leigos, porém dirigidas pelos frades dominicanos de Camporeggio. Nesta perspectiva, ela por viver em um campanário religioso, sempre observou os frades da igreja passando pela porta de sua casa, no entanto para pertencer à Ordem de São Domingos era necessário ser casada, viúva e com idade madura. Sendo assim, Catarina não tinha possibilidades de exercer tal função, ao passo que sua mãe Lapa não aceitava, e de contra partida as regras de condutas do grupo de penitentes exigida pelas prioras¹¹ indispuseram-se agregá-la ao grupo.

No sentido de lutar para servir, no florir da juventude a moça cai enferma, deixando seu corpo debilitado e desfigurado, então a jovem afirma para sua mãe que iria morrer. Esse fato gerou uma grande preocupação a Lapa, então sua genitora recorreu às prioras para que a visitasse e revisse seu pedido de pertencer à Ordem.

seis anos obteve sua primeira visão e relatou a sua mãe ter visto “Jesus no ar revestido de paramentos sacerdotais sentado em um trono por nuvens luminosas” (BASÍLIO, 1993, p. 15).

Não obstante, aos 17 anos de idade, Catarina continha-se aos hábitos que adquiriu no recolhimento espiritual, dedicando-se às atividades da Igreja e lendo a Bíblia, estreitando assim laços familiares. Logo, a missionária foi consagrada apóstola por meio de cerimônia espiritual como vislumbra a imagem 1. Assim, claramente seus olhos contemplaram um anel invisível que grafava o seguinte enunciado: “Eu, teu Salvador, desposo-te a fé”. Logo, a voz lhe ordenou que fosse cear com seus familiares e lhe fez uma promessa: fazê-la uma apóstola (BASÍLIO, 1993, p. 25).

Seu apostolado foi destinado aos pobres e aos doentes. A jovem Catarina era muita amiga de frei Bartolomeu que foi um grande admirador dela durante a vida toda, sempre observada por ele como uma mulher cheia de virtudes espirituais. A casa da jovem foi palco de caridade, visto que todos os dias alguém batia em sua porta procurando esmolas para conseguir viver, ou seja, neste sentido a fila dos pedintes aumentava de forma considerável e a jovem doava o que fosse necessário para ajudar ao próximo.

Várias experiências com Deus marcaram a vida missionária religiosa, acontecimentos sem explicação como o que sucedeu após presenciar na vigília da festa litúrgica do fundador dos Dominicanos em 1837, a imagem de São Domingos em semelhança à face do Senhor descrevendo como: rosto oval, grave e suave. (BASÍLIO, 1993, p. 32). Entrou em estado de choque após o que presenciou no evento religioso, por volta de 9 horas da manhã, os familiares de Catarina mandaram avisar aos frades do convento, sinalizando-os que ela estava em uma grande agonia e estava morrendo. Ao entrar no pequeno quarto eles presenciaram o falecimento (místico) da virgem senense, que retomou os sentidos momentos depois.

A “morte mística” da jovem Benincasa possibilitou o cumprimento das palavras proféticas em sua vida, ou seja, impulsionou lançando-se nas estradas do mundo para realizar missões, a fim de atender as necessidades do próximo e na solução do problema das pessoas e cidades. Embora sua idade não passasse de 24 anos, os seus admiradores a

Para tanto a visita foi realizada, a fim de avaliar o que se podia fazer neste caso. As sérias viúvas simpatizaram com Catarina se compadeceram de sua saúde e afirmaram-lhe que após sua condição restaurada poderia ser inserida no clã da Ordem de São Domingos. Em curto prazo a saúde dela foi restabelecida, tal fato garantiu-lhe vestir à indumentária que as mulheres da referida Ordem usavam, a qual era composta por: vestido branco, um véu preto a cobrir a cabeça e cinto de couro (BASÍLIO, 1993, p. 21).

chamavam de *Mamma* (mãe) devido os seus cuidados espirituais e materiais para com os seus pseudos filhos dentre eles: frei Tomás della Fonte, frei Bartolomeu Dominici, frei Simão de Cartona, frei Raimundo de Cápua, frei João Dominici, com a passagem do tempo surgiram os agostinianos, franciscanos, monges, sacerdotes seculares, mães de família, artistas, médicos, juristas, mercadores, artesões, enfermos, ex-prostitutas entre outros¹².

Neste cenário, Roma era dominada por guerras religiosas, que envolviam disputas papais. Os soldados de Honorato Gaetani, guardiões do castelo de Santo Ângelo nas proximidades do Vaticano, apoiavam os anti-papas que levavam vantagem, posto que tinham um grande número de soldados mercenários retirados de outras regiões. Após combates, os soldados bretões foram derrotados pelo cardeal Francisco Marescotto, que se conservara fiel ao papa. Tal vitória destacou o corpo de soldados pontifícios gerando novos conflitos e disputas na tentativa de invadir a cidade de Roma, ou seja, a somatória dessas ações gerou em Catarina preocupações, pois não estavam dispostos a lutar apenas pela cruzada contra os infiéis à igreja, o papa estava sempre desviando sua atenção para os valores políticos e materiais, pois para ela lutar pela unidade da Igreja em Jesus deveria ser prioridade a ser cumprida.

Diante da realidade vivida por Catarina Benincasa, os constantes conflitos em relação à Igreja, o papa abandonado e a Igreja em ruínas, tais fatos pairavam sob sua mente lhe trazendo grande parcela de culpa, já que idealizava os acontecimentos decadentes como oriundos de sua responsabilidade. Neste ínterim, a virgem senense entrou em um processo de definhamento que fragilizou ainda mais sua saúde. Entretanto, a enfermidade não lhe impedia de continuar sua caminhada para igreja de São Pedro para oração cotidiana.

Quando foi acometida pela enfermidade na garganta, não pode evitar seus comprometimentos para com seu corpo, ou seja, pouco a pouco seus membros superiores e inferiores foram paralisando devido à doença, impossibilitando de andar e falar de forma normal. Em decorrência desse fato, sua beleza e saúde não lhe pertenciam mais. O desencadeamento da doença e o comprometimento da sua saúde, portanto, fizeram com

¹²O epistolário catariniano é composto de 381 cartas sendo “23 enviadas a papas, 19 a cardeais, bispos e prelados, 13 a reis e rainhas, 6 a comandantes militares, 38 a governantes, 29 a senhoras da aristocracia, 15 a juristas, 12 a advogados e médicos, 16 a membros da sua família, 32 a discípulos, 17 a membros da ordem penitente de São Domingos, 17 a monjas, 47 a frades e eremitas, 34 a monges, 9 a sacerdotes, 11 a membros de associações leigas, 23 a mercadores e artesões e 20 a destinatário diversos” que explanavam nelas orientações e conselhos que demonstravam em sua essência de sua autoria uma autoridade extraordinária e firmeza nas palavras (BASÍLIO, 1993, p. 44).

que Catarina deixasse a terra com 33 anos, em 29 de abril de 1380, com satisfação em morrer para encontrar Cristo Jesus, sem nenhuma tristeza (BASÍLIO, 1993, p.85). Tornou-se então patrona da Itália, juntamente com São Francisco de Assis, declarada doutora da Igreja pelos seus ensinamentos teológicos de grande profundidade, durante seu apostolado. No mais, lutar intensamente para manter a paz e amenizar as lutas de cunho social, religioso e político das cidades-republicanas italianas.

2.1 *A Figura Poliédrica de Madre Savina Petrilli*

A padroeira senense trouxe luz ao ideário exercido por Madre Savina Petrilli, nascida em 29 de agosto de 1851, filha de Celso e Matilda Petrilli na cidade de Sena (Itália) morou em uma humilde casa como ilustra a imagem 2, porém bem cuidada. O abrigo da família Petrilli se encontrava sob solo toscano, que era considerada uma cidade antiga, cujos vestígios históricos elucidam que tenha sido fundada junto a Roma, cidade etrusca da idade média e vasta metrópole renascentista. Neste contexto, ela seguia com excelência na produção de seu vinhedo, olivais, campos de cereais entre mais especiarias.

Imagem 2 – Residência onde nasceu Madre Savina, na Rua Del Costone em Sena



Fonte: ALIMANDI, p. 107.

A cidade de Sena é exuberante por conta de sua arquitetura e monumentos que destacam suas obras de arte em seus muros antigos. Cita-se na imagem 3, a Catedral de

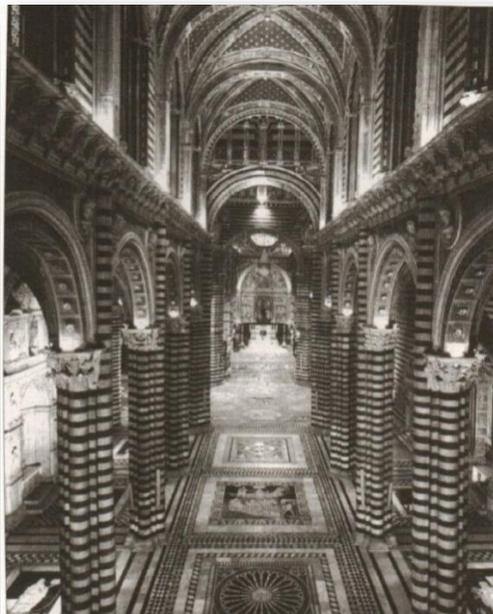
Sena, um longo templo pagão, existente desde o ano de 1200 d.C. Sua fachada foi concluída entre os anos de 1284 a 1296. Contudo, no decorrer do século XIV passou pelo processo de reconstrução até se tornar uma catedral majestosa.

Imagem 3 – Catedral de Sena: fachada e lados



Fonte: ALIMANDI, p.105.

Imagem 4 – Capela do Santíssimo Sacramento onde Savina costumava rezar



Fonte: ALAMANDI, p. 106.

Versátil e perspicaz eram os desígnios dados à Madre Savina, os quais assumem e condensam algumas qualidades sólidas da figura poliédrica¹³, reveladas em sua personalidade. Mulher de caráter simples, de frágil constituição física e pouca cultura, entretanto perseverante em seus ideais, visto que fundou a congregação das “*Irmãs dos pobres de Santa Catarina de Sena*”.

Imagem 5 – Me. Savina Petrilli, fundadora da
“Congregação das Irmãs dos Pobres de Sena



Fonte: Acervo Fotográfico “Colégio Santa Catarina de Sena” Belém (PA).

Madre Savina Petrilli destinou-se à obra acentuada em favor das crianças órfãs, pobres, enfermos e das pessoas que recorressem aos seus sábios conselhos. Nas entrelinhas da História, desde seu nascimento possuiu uma saúde frágil, não podendo usufruir das mesmas atividades físicas de uma pessoa normal, adoecendo com muita

¹³A figura poliédrica de madre Savina Petrilli é compreendida a partir da condensação de inúmeras qualidades sólidas exercidas por ela em sua vida missionária (grifo nosso).

facilidade e por ainda ter um problema no pé esquerdo, tornando seu andar descompassado.

Diante desta realidade, de inúmeras dificuldades e provações, no que diz respeito ao seu físico, Savina se tornou capaz de frutificar seu ideário religioso, extraindo com máximo proveito uma esmerada educação humana e cristã. Por conseguinte, com a idade de doze anos, frequentou assiduamente a escola paroquial *Irmãs de São Vicente* localizada em São Jerônimo¹⁴, lugar no qual concluiu o breve ciclo de instrução nas classes do fundamental. Contudo, sem esperar tanto tempo para amadurecer suas práticas religiosas, pede a sua professora Irmã Teresa Giacopetti que permitisse mesmo antes da idade apropriada, que ela comesse o “pão dos pobres” no ministério da hóstia sagrada. Seu pedido foi atendido e sua primeira comunhão foi realizada no dia 31 de maio de 1863, neste dia ela reservou aos seus amigos a narrativa de como sua alma foi lapidada por Deus:

Jesus fala ao coração de Savina. E ela simplesmente responde. Expressões sinceras e maravilhosas que revelam uma jovem já sábia e boa psicóloga aos 12 anos. Responde a ‘voz’ que em segredo a chama, convidado-a a amá-lo e a segui-lo por toda a vida. Tem o pressentimento, embora de maneira não clara, turva e apenas acenada, mas no ponto de construir uma íntima certeza, de que o senhor a criou e escolheu para a realização de um plano determinado dele (ALIMANDI, s/d, p. 21).

Não obstante, ao chegar ao período em que todas as meninas desabrocham para sua juventude, Savina atinge sua mocidade. Entretanto, não deu oportunidades para uma vida matrimonial, visto que se anulou para os prazeres carnais, contendo-se ainda mais a suas orações e canções de adoração em seu pequeno quarto. Sendo assim, ela decide viver para Jesus, criou hábitos diferenciados de todas as moças de sua idade e pensa somente em adoração contínua, a fim da mortificação da carne como exercício diário. Desde então, sua mãe Matilde percebeu mudanças no comportamento de Savina:

Quantas vezes Matilde a encontrou adormecida no chão, tiritando de frio. E, como mãe, naturalmente, inquieta-se já a preocupa tanto a saúde instável da filha. Recrimina-a severamente, mas Savina não responde,

¹⁴Embora, na leitura do livro não esclareça onde ficava São Vicente, conjecturou-se que possivelmente poderia ser um bairro localizado em Sena (grifo nosso).

aceita e pensa que também Lapa, mãe de Catarina, a recriminava asperamente e não entendia (ALIMANDI, s/d, p. 28).

A jovem cada dia espelhava-se na grande Catarina dos senenses e sempre buscava uma forma diferente de penitência exclusiva como, por exemplo, colocar grão-de-bico nos sapatos, como se não bastasse andar a manquejar ainda deitava-se em um leito desconfortável forrado com tábuas, como fazia com sua cama de forma contínua. Contudo, jamais se descuidava dos afazeres domésticos junto à sua confidente irmã Emília, um ano mais nova que Savina. As tarefas desenvolvidas por elas concentravam-se em lavar, passar, cozinhar, dobrar, costurar, limpar a casa e bordar. Estes eram os momentos que elas tinham para conversar, planejar, pensar em algo que as edificassem, ou seja, estes momentos de risos e brincadeiras presentes na vida delas eram os que as faziam nutrir ideias semelhantes (ALIMANDI, s/d, p. 30).

A virgem Petrilli sempre teve fome de Deus e pelas atividades da Igreja se distraía do mundo secular entre tarefas e trabalho, sentia de Deus uma forte cobrança espiritual, quando orava menos que o de costume, lembrava pouco Jesus ou fazia algo que não o agradasse, para ela algo em seu coração apertava, por isso interrogava dizendo: Quais as virtudes que Jesus queria dela? Porque a imensidão divina fazia-lhe chorar de alegria e de temor?¹⁵ (ALIMANDI, s/d, p. 32).

A partir deste momento, Savina Petrilli passou a viver da comunhão intensamente, pois por meio do abandono a Cristo, ela procurou solidificar sua futura missão. Assim, a sua vida se intensificou, reservando no mínimo uma hora de ação de graças todos os dias, seguiu um lema em sua vida: “Tudo é pouco por Jesus”, mas sua vida material também tinha que ser vivida, porém mais inclinada à piedade e ao amor pelo próximo. Sua personalidade então surpreende a todos em sua volta como têmpera missionária e com capacidade moral espontânea de ministrar o evangelho aos necessitados de espírito.

¹⁵ Segundo Alimandi (s/d), tornou-se evidente que ao se comungar com muita frequência, pelo menos de oito em oito dias, Irmã *Teresa Giacopetti* que era sua professora, achava que ela estava exagerando em tornar ciente o padre Morzacchi que era sacerdote da missão, porém ele deixa a moça em plena liberdade. Todavia, chega um momento que a fé de Savina é posta em prova quando seu confessor lhe proíbe de comungar constantemente. Desta vez, no lugar de lhe oferecer dar Jesus sacramentado, ordena-lhe ir rezar na casa de Santa Catarina, e mesmo desapontada, ela obedece a seu sacerdote, que direciona seus passos até Fontebranda e fica de joelhos a rezar para que não fique sem comungar. Indubitavelmente, sente alguém tocar seu ombro dizendo: “Vá comungar Savina.” Logo entra em comunhão espiritual parecendo estar em um paraíso, visto que para ela escutar aquela voz, foi como recebimento de glórias divinas. Enfim, exatamente no dia 24 de Setembro de 1869, à jovem com seus 17 anos, foi concedido pendurar uma placa de prata junto ao crucifixo de Santa Catarina, por ter alcançado a conversão (ALIMANDI, s/d, p. 33).

Neste contexto, o pároco São João fundou em Sena a Pia Associação (*União*) das *Filhas de Maria*, então Savina com seus 15 anos, em 8 de dezembro de 1866 consagrava-se à Virgem, outra devoção da jovem depois da Eucaristia. Destacam-se entre as atividades exercidas no grupo tais como: o ensino de catecismo nas paróquias e, posteriormente, passou a reunir em sua casa as crianças a fim de instruir as quais quem possuíam maiores dificuldades de aprendizagem, mesmo encontrando entraves instrui as crianças para primeira eucaristia. Logo, ganhou destaque pela sua competência e dedicação, na categoria de membro da associação, tornando-se presidente do grupo onde permaneceu por toda sua vida.

Nesta perspectiva, os planos de Savina andaram em consonância com os divinos, visto que seu interior vibrava ao saber que todos os fatos conspiravam a favor do que mais tarde ela realizaria. Sendo assim, ela reuniu amigas jovens com os mesmos propósitos religiosos para rezar juntas e fazer muitos planos futuros¹⁶. Neste meio social, a jovem senense conviveu com suas amigas da Associação, dentre elas: Fortunata Medici, Giuseppa, Nicollini, Emilia Barucci, Adele Rocchigiani, Rosina Grossi, Adelasia Bernini, Assunta Alessandri, Ersilia Ghezzi, Sofia Cicali e Emilia Petrilli sua irmã biológica.

Algumas de suas amigas posteriormente tornaram-se capuchinhas, contudo ela não seguiu seus exemplos porque em sua mente já havia planos de fundar uma instituição religiosa. Desde então, ela planejava e arquitetava como e quando começar a executar este projeto e esperava as providências e a ocasião adequada. Em 1872, Emilia Petrilli, sua irmã mais nova como ilustra a imagem 6, fica muito doente e vem a óbito praticamente nos braços de Savina.

¹⁶ (...) a vida era um dom a ser doado, que por enquanto, ela doará a essas jovens que as seguem com entusiasmo. Amanhã serão elas que irão doar. Alegres risadas ecoam na casa da rua Diaceto, 2. O murmúrio das orações é intercalado por cântico e animadas conversões (ALIMANDI, s/d, p.38).

Imagem 6 – Emília à esquerda e Savina à direita



Fonte: ALIMANDI, “Savina Petrilli como pão partido”, s/n.

Relacionado ainda neste argumento, sua atuação na maternidade espiritual amadurece o desenvolver de suas ideias rapidamente, ordena em seu pensamento quem poderá corresponder às funções de grande importância na futura instituição. Pode-se citar como exemplo Giuseppa e Fortunata, pessoas que estiveram ao lado dela nos momentos difíceis e sofrimento. Neste contexto, Irmã Fortunata que era dotada de uma boa prenda na função de modista importante eram suas habilidades para a finalidade do Instituto.

Alimandi (s/n) pontua que Fortunata poupou por um tempo seu dinheiro para pagar o dote, pois não havia sido aceita nas Filhas da Caridade por sua saúde ser muito instável. Com todos os acontecimentos ela sofre muito por conta da aparente rejeição. Todavia, une-se à Savina que a garantiu confiança e fidelidade com um autêntico encontro de almas. Diante desta realidade, Giuseppa Niccolini também possuía perfeita habilidade como costureira e mostrava-se uma pessoa simples com isso ganhou a confiança de Savina selando, desde então, não somente um grupo de amigas, mas de verdadeiras companheiras na fé que abraçaram o sonho dela, confiando na sua missão na terra de obras duradouras e de sucesso.

Os relatos sobre a jovem missionária Savina, sua conduta espiritual na terra e das irmãs dos pobres estavam contidos na literatura intitulada *Uma Donna Per Iddio e*

Per GliAltri, esta traz memórias de cartas circulares que exemplificam quem foi esta poliédrica mulher de caráter ilibado na sociedade senense. Destaca-se para melhor compreensão de seus votos particulares foram feitos e conservados:

15 de agosto de 1869- voto de pureza
 15 de agosto de 1873- votos de virgindade, humanidade, obediência, pobreza, por um ano, feitos com as primeiras companheiras e por ela repetidos nos anos sucessivos.
 8 de dezembro de 1906- votos perpétuos de pobreza e castidade, obediência.
 8 de dezembro de 1907- Voto de “não negar nada voluntariamente ao Senhor” renovando anualmente até dezembro de 1907, ano em que foi incluído aquele de “completo abandono”.
 8 de dezembro de 1908- Voto de obediência perfeita ao Revdo. Padre Odilon Otten, seu diretor espiritual.
 3de Abril de 1914- Festa de N. Senhora das Dores- Voto de não queixar-se deliberadamente dos sofrimentos interiores e exteriores, repetindo-o anualmente.
 8 de dezembro de 1915- Voto de uma ano de “completo abandono”, repetido em 1916.
 8 de dezembro de 1917- Voto perpétuo de “abandono”, incluindo aquele de não negar nada ao Senhor. (IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, 1985, p. 41).

Com reação às suas virtudes heroicas e santidade, ela sustentou e lutou incansavelmente por mais de 50 anos na direção da educação dos desvalidos e no atendimento aos pobres e doentes. Neste sentido, Ir. T.C¹⁷ reforçou com palavras o cuidado de Savina para com os desvalidos a partir do depoimento com as seguintes palavras: “Ela amou ao próximo [...] recordo-me de quando éramos pequenas, e nos tempos de inverno, nossos pés ficavam feridos: a noite ela punha um avental branco, sentava-se junto a nós e, então metíamos nossos pezinhos no seu avental e ela de maneira maternal os medicava e aquecia...” (IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, 1985, p. 70).

O nutrir de suas virtudes tomaram grandes dimensões, alcançando os que lhe rodeavam, incluindo principalmente suas filhas na fé (missionárias). Suas práticas foram vitrines a ser seguidas, porém seu objetivo maior sempre foi sustentar seu corpo e alma e dos outros por meio dos ensinamentos divinos. Para tanto, ela fundou com muita dificuldade o primeiro Instituto Religioso de caráter assistencialista e filantrópico em Sena (Itália) e realizou o ideário que planeja, no decorrer de sua juventude, e enfrentou

¹⁷Segundo o livro de formação da congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, Ir. T.C. foi uma das órfãs acolhidas por madre Savina durante a fundação dos institutos educativos da Itália.

muitas dificuldades financeiras, entre outras, para alicerçar a instituição que funcionou com excelência, mesmo diante de inúmeros dilemas. Ela criou estratégias para manter as atividades a todo vapor, pois para a madre senense a educação tinha que atingir os desprovidos de sorte.

A partir deste pensamento entende-se que sendo devota de Santa Catarina de Sena, Savina viveu em um período de anticlericalismo e perseguições contra as instituições religiosas, mesmo diante de todas as circunstâncias à porta, foi singular em suas manifestações como missionária religiosa da Igreja Católica pelo mundo. Segundo Alimandi (s/d), Savina Petrilli chegou à sua máxima sabedoria do espírito levando a mensagem viva à semelhança do filho de Deus, então “no dia 15 de outubro de 1985 foi reconhecida que a serva de Deus Savina Petrilli exerceu em grau heroico as virtudes teologais, credeais e anexas [...] em 18 de abril de 1988, foi beatificada por sua santidade João Paulo II” (ALIMANDI, s/d, p. 218).

2.2 *A Assistência e o recolhimento da primeira menina Nazarena Cancogni e as origens do berço da congregação em Sena - Itália*

A presente subseção desnudará as narrativas acerca das práticas assistencialistas oferecidas às meninas desvalidas e pobres da cidade Toscana (Siena) que, por sua vez, foram exercidas pelo grupo de missionárias senenses, criado pela madre Savina Petrilli. Neste sentido, o recolhimento das crianças projetou e alicerçou a Ordem denominada de *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*, proporcionando à classe abastarda instrução cristã e educação, que prematuramente se instalou em sua residência, como um modelo de instituição de caridade¹⁸ de natureza filantrópica, a fim de subsidiar as meninas desprovidas de sorte a obterem qualidade de vida e sobrevivência.

Inúmeros colóquios e planejamentos foram articulados na casa da virgem Petrilli, junto a suas amigas do grupo de oração. Ao bordar a toalha para o altar da Virgem Imaculada, ocasião suficiente para trazer materialidade à iniciativa de Savina, fez-se uma visita ao palácio na via Del Capitano para encontrar com o arcebispo de Sena conhecido como Dom Bindi, que era apreciado por ser possuidor da cultura erudita e por sua

¹⁸De acordo com Rizzini (2008), a palavra caridade tem origem na expressão grega *charitas* ou *caritas* – muito embora esse conceito seja interior aos gregos – que significativa, com sentido de virtude social, fundamentada no amor ao gênero humano. A partir do século XVIII, este termo é pluralizado no sentido de atingir amplas significações tais como: sentimento de fraternidade, compaixão, misericórdia, beneficência, filantropia e benevolência (RIZZINI, 2008).

sensibilidade no que diz respeito à caridade aos pobres. Nessa perspectiva Alimandi (s/d) destaca que o “Arcebispo de Sena, literato muito culto em latim e grego e convincente nas palavras, Dom Bindi é apreciado não apenas pela cultura, como também pelo zelo, pela caridade e pelo amor à pobreza. Vive modestamente, mas socorre muitos necessitados” (ALIMANDI, s/d, p. 43).

D. Bindi, com sua estrutura majestosa e aristocrática recebeu Savina, a fim de compreender por qual motivo ela o procurou. A jovem senense, com sua simpatia e intuição lançou a ele a proposta que tanto almejava, com o objetivo de firmar e legalizar um instituto educativo cristão, então com autenticidade e autoridade lhe expôs a uma conversa os reais motivos da proposta de sua visita. A colocação de Savina é propor a ele que lhe autorizas se reunir-se em comunidade com algumas companheiras consagradas pelo nome de *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*. Assim, expõe-se:

(...) Tenho a intenção de acolher doze meninas, entre as mais pobres e abandonadas, em hora dos Santos apóstolos. As intenções são claras e as aspirações, modestas. Doze. Mas bom pobre. Para dar ao nome de quem quer colocar-se a tal disposição da pobreza, considerando grande honra servir nessas criaturas, inocentes e pobres, como cristo também o foi, o próprio filho de Deus feito do homem (ALIMANDI, d/s, p.44).

O arcebispo ficou surpreso, mas conteve seu grande interesse, aconselhando-a a ter paciência e orar. Apesar de não ter uma resposta imediata sentiu-se esperançosa e cheia de fé com mais devoção viveu de modo intenso para piedade e a caridade na mortificação de si mesma. Diante da demora sobre o pronunciamento de aceitação do pedido, o grupo de religiosas: Savina Petrilli, Fortunata Medici, Giusepa Niccolini, Sofia Cicali, Emilia Baruccie e Assunta Alexandri escreveu ao arcebispo explicando sua preocupação do vencimento dos votos pronunciados em agosto de 1872, porém elas precisavam da sua autorização para renová-los e mesmo que ele não prolongasse suas palavras deu-lhes seu consentimento autorizando o grupo a dar início à obra, que em pequena comunidade abriu as portas (ALIMANDI, s/d, p. 46).

Em sigilo ele pronunciou à Savina, mentora da obra, pedindo-lhe que esta ficasse em segredo sobre sua aprovação, já que ela irá fazer um teste com elas, visto que por razões políticas e pela época desfavorável, as instituições estavam findando, porém ele, por sua vez, estava instaurando uma nova. Neste aspecto, o projeto inicial precisava de fomentação e segurança para desenvolver suas atividades e local a ser instalado, então de

modo prematuro, a casa da virgem senense foi suporte para o início de algumas missões. Assim, aclaram as colocações da autora Alimandi (s/d) que:

Para fazer este teste, as jovens, tão felizes quanto Savina e, ao mesmo tempo, amedrontadas pela imprevista decisão do Arcebispo, pois tem que se ausentar durante horas de suas casas, buscavam como pretexto, um longo trabalho de bordado: Uma “toalha” para cobrir o pequeno altar da capela da casa dos Petrilli, feito por elas (ALIMANDI, s/d, p. 47).

As religiosas mantinham o silêncio sobre o que lhes foi delegado mesmo que fosse necessário desmanchar o bordado da toalha do altar da Virgem Maria quantas vezes fossem necessárias, como demonstra a imagem 7. A fim de somar o tempo das moças, tal artefato foi usado como pretexto para justificar a ausência das jovens de seus contextos domésticos, em meio a tantos planos e articulações que colocariam em prática, precocemente isso era somente um grande começo.

Imagem 7 – Toalha bordada por Savina e o grupo de irmãs



*Fonte:*ALIMANDI, s/n.

Nessa perspectiva, a casa de Savina mantinha a base inicial do trabalho missionário, o qual se desenvolveu no decorrer da vida da madre senense. No início desta obra, fortalece-se aos poucos conforme o desempenho das jovens que desejavam florir o campo missionário senense e alcançar outros territórios. A origem do grupo trouxe à sua família satisfação, embora soubessem que teriam grandes dificuldades como, por exemplo, a financeira, haja vista que elas não possuíam nenhuma garantia ou ajuda de terceiros para prover seus dias posteriores. Sendo assim, elas tornaram-se ainda mais

unidas e irmãs entre si, porém com um diferencial: seriam as irmãs pelos pobres, como Cristo que foi o primeiro pobre evangélico. As bordadeiras junto à jovem fundadora de 22 anos sentiram o peso do novo instituto, no entanto não recuaram nem vacilaram, seguindo a diante na espera das providências que chegariam por meio divino. Assim, seguiu-se a vitalidade de Savina que sempre colocou sua fé em Cristo crucificado.

No mês de janeiro de 1874 no rígido inverno de Sena, havia um bairro popular chamado Contrada da Onda, onde foi vista sob uma escada do local a mendigar. A menina Nazarena Cancogni em condições lastimáveis de necessidade, suja, descalça, gemendo, chorando de frio e fome. Contudo, de quem era a menina abandonada em pleno inverno? (ALIMANDI, s/d, p. 50). A menina desvalida, entretanto, sobreviveu à fome e ao frio, mas devido a sua aparência todos a conheciam como “cem grammas” ou “Três Onças”, medidas que estavam atreladas à sua magreza e desnutrição.

Ao encontrar a menina na situação de mendicância a senhora Sofia Cicali a recolheu e a indicou para ficar na casa de Savina, oportunizando a ela manter-se viva, visto que sua mãe e irmã biológica estavam muito doentes em um hospital. No entanto, seu pai nada podia fazer pela situação de sua filha, porque não possuía um trabalho digno do sustento da família. Diante desta situação de aflição, a criança então chega às portas da casa de Savina, conforme a imagem 8, que se sentiu angustiada pela situação da primeira menor acolhida em sua residência. Desta maneira, a superiora procurou o suporte e conselhos do arcebispo da cidade e questionou: “Dom Bindi, o que me aconselha a fazer? — É a providência que bate a porta... Abram-na! – é a resposta inspirada do arcebispo.” (ALIMANDI, s/d, p. 51).

Ainda sob este aspecto, no momento em que a providência bate à porta do imaturo Instituto, Nazarena ficou sob os cuidados das jovens missionárias de boa vontade e dom divino. Não obstante, fizeram com que a primeira menina recebida fosse muito bem cuidada, pois para elas sua chegada foi o primeiro presente das Irmãs dos Pobres para justificar que nasceram para os mais pobres que elas. A partir de então, elas se conscientizam que as misérias não terminariam naquele momento. Para isso, o Instituto precisaria estar preparado material e espiritualmente para acolher quem chegasse às portas.

O importante era agregar o pobre e o necessitado. A mãe de Savina, que era responsável pelos cuidados com a higiene pessoal das acolhidas, recebeu a menina como se fosse uma filha, dando-lhe tudo para que superasse o que as ruas haviam lhe roubado. Matilde Petrilli oferecia-lhes banho, comida, roupas, alimento, entre outros, sobretudo,

afago e carinho, dividindo sua cama com a menina para que assim diminuísse a falta de sua mãe. Nesse sentido, não demorou muito tempo para que as pessoas reconhecessem as notórias mudanças na menina, como exemplo, seu físico, peso e sua aparência eram diferentes da anterior ao acolhimento na casa da família Petrilli, como demonstra a imagem 9, estas modificações proporcionaram à menina sensações e atitudes que há tempos não sentia (ALIMANDI, s/d, p. 51).

No decorrer do ano de 1874, o Instituto recebeu novas meninas órfãs chamadas: Vitória e Maddalena Daddi, que também foram recolhidas e agregadas por Savina em sua residência. Com o crescimento do número de meninas, que se dirigiam ao Instituto, o espaço paulatinamente estava se projetando e foi caracterizado como uma instituição de caridade. Sendo assim, todas as meninas recebiam o mesmo tratamento, educação cristã e atenção no local improvisado pelas missionárias.

Diante da realidade da instituição, as missionárias enfrentaram dificuldades financeiras para manter as novas hóspedes, entretanto as providências chegaram por meio da visita da nobre dama Elena Del Taia, quando essa confiou à Savina cuidar de sua filha Clementina Biadoni, pagando-lhe 15 libras por mês. Nesse fluxo, este foi o primeiro recurso financeiro que chegou por meio da devoção e clamor de Savina. As Irmãs dos Pobres necessitavam mudar o quadro financeiro para subsidiar as meninas acolhidas por elas (ALIMANDI, s/d, p. 52). Conquanto, as finanças da casa estavam comprometidas, a chegada de mais meninas desafortunadas emergia de maneira exacerbada. Assim por diante, as missionárias percebem que a congregação fazia jus à obra que assumiram, mesmo que fosse preciso romper novas fronteiras destinadas às missões. Neste sentido, a autora Alimandi (s/d) destaca que: “Savina não dorme... sempre firme no sonho de grandes realizações, consciente de suas missões e da enorme responsabilidade, pensa em ir outra vez a Roma” (ALIMANDI, s/d, p. 52).

Imagem 8 – Tela pintada por Missori em 1986, representando o acolhimento da primeira menina, nas premissas das missões de Madre Savina para com os pobres e as órfãs



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Imagem 9 – Pais de Savina Petrilli: Celso e Madilde Petrilli



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém-Pará.

Na tentativa de mover recursos para o Instituto, Savina com o grupo de religiosas, no ano de 1874, promoveram um novo encontro com o papa Pio IX, a fim de receber a bênção papal e tentar subsídios para continuar suas missões em Sena com o intuito de desenvolver o instituto. O papa Pio IX as encorajavam por meio de testemunhos e sábias palavras a não desistir diante das dificuldades que enfrentavam. Savina relata ao papa sobre suas reais condições financeiras, como confirma Alimandi (s/d), “somos muito pobres, não temos nada, mas confiamos no senhor na nossa vida e em nossa Santa Catarina” (ALIMANDI, s/d, p. 54). Após, as palavras de encorajamento, ele deposita nas mãos da virgem senense um envelope contendo 200 liras, que ajudou a conquistar o primeiro patrimônio do Instituto.

Diante do exposto, Dom Ricchi¹⁹, a pedido do secretário da santidade, aproximou-se da moça religiosa com uma carta, que é direcionada ao marquês Alessandro Bichi Ruspondli, residente em Sena. O conteúdo da referida carta, tratava da ordem dada diretamente pelo papa de Roma Pio IX, que solicitava o devido auxílio do marquês senense a Savina, porém vindo da santidade do Vaticano, não haveria como recusar tais pedidos. Tais acontecimentos trouxeram à Savina segurança com relação aos seus intentos.

O Marquês Bachi foi considerado como um dos bem feitores para a obra missionária com os pobres, já que foi canal de assistência ao Instituto durante a sua existência, entre outros. Assim, Savina os tinha como pessoas escolhidas pelos céus para o crescimento deste instituto que estava em progresso aprimorando suas práticas das missionárias (ALIMANDI, s/d, p. 55).

Após o crescimento da obra e missões, a casa dos Petrilli não comportaria mais pessoas visto que a caridosa hospitalidade de seus pais havia chegado ao limite, por não haver mais espaço para acolher outras desvalidas. Nesse momento, um patrimônio era tão necessário quanto o pão diário. Desse modo, chegou a hora de mudar seus aposentos, no compasso do tempo, partiram em busca de um local que pudesse agrupar a todas. Contudo, havia um palacete de três andares, situado à rua Baroncelli, composto por nove cômodos, ideal para alojar as garotas e as próximas a ingressassem no Instituto (ALIMANDI, s/d, p. 55).

As missionárias não possuíam recursos financeiros, contudo pela fé de Savina a provisão chegou inusitadamente. Algumas figuras importantes na história do Instituto

¹⁹Dom Francisco Ricchi foi mestre de cerimônia do papa Pio IX, quem aproximou a religiosa para a entrega da carta.

como Pietro Bacci abraçou a obra e dedicou-se na íntegra a ajudá-las, doando uma parte do valor do imóvel à afilhada Savina. Outra contribuição relevante foi a da senhora Anna Grossi, marquesa de *Fragma* e do senhor marquês *Bichi Ruspoli*. Nessa perspectiva, a generosidade dessas pessoas contribuiu para o curso das missões ainda instaladas somente em Sena (ALIMANDI, s/d, p. 56).

Imagem 10 – Alessandro Bichi Ruspoli, “Pai da congregação das Irmãs dos pobres”



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

O marquês Bichi Ruspoli, como aponta a imagem 10, foi designado como um pai da congregação, por ter prestado suporte financeiro e paterno, ensinando Savina a administrar o estabelecimento, manusear e escriturar os livros de contabilidade. Para ele, era como uma filha predileta que não hesitava em ajudar quando se tratava de edificar a obra. Neste sentido, as Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena (1996) destacam que:

Nos anais das irmãs dos pobres se fala em um segundo “pai” para Savina, o marquês Alessandro Bichi Ruspoli.

Nobre senense recebeu do Cardeal Ricci Paracciani a solicitação para dar uma ajuda concreta a Savina.

Nasce assim entre o marquês e Savina - simples filha do povo - uma amizade profunda. Savina é para ele uma primogênita, e as demais irmãs nutrem sentimentos de referência, respeito e amor filial para com o marquês.

Para Savina o marquês abre seu coração com simplicidade e confiança e a chama “minha querida Savina e filha predileta”. “Ele é o bom pai que ensina a Savina e as suas filhas, como administrar o instituto e como escriturar os livros de contabilidade” (IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, 1996, p. 8).

O dia da grande conquista na vida de madre Savina Petrilli foi de fato em sete de setembro de 1874, dia em que as irmãs missionárias e suas protegidas adentraram na

condição de proprietárias do palacete da rua Baroncelli nº 1, de acordo com a imagem 11, primeiro patrimônio da Ordem religiosa das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena. No estabelecimento não havia móveis e nem outro tipo de utensílios que viesse dar suporte à moradia delas. Para tanto, as missionárias somente eram ricas e engrandecidas pela sua esperança e entusiasmo, porém a primeira preocupação que pairou sobre o lugar foi providenciar o primeiro jantar visto que também não havia comida e as crianças não compreenderiam as razões pelas quais não se tinha o que comer naquele dia.

Diante da dificuldade financeira, não teve como solucionar a falta de alimento, mas a jovem superiora seguiu ajoelhada diante do altar com fervor e grande fé suplicando a Deus que suprisse suas necessidades. Ainda sob esta ótica, a autora Alimandi (s/d) diz que: “Alguém foi enviado da Villa Malizia. É a providência? Certamente! E vem da parte da senhora Giuggioli. O olhar da superiora pousa nas belas e frescas alfaces como desvela a imagem 12. [...] As pequenas órfãs, ao menos vão poder comer” (ALIMANDI, s/d, p. 57).

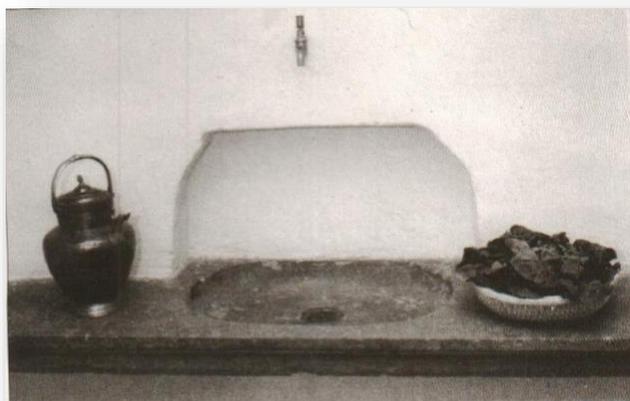
Imagem 11 – Casa Mãe, Berço da Congregação vista da
Praça São Francisco – Sena Rua Baroncelli, nº 01



Fonte: Memorial Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Neste cenário, as fraquezas humanas foram superadas, mediante todo o sacrifício que elas passaram para manter erguida a missão com os pobres, o alimento que não podia faltar a elas e as crianças. No decorrer dos dias, tudo se organizou pouco a pouco, um cômodo da casa, que foi transformado em capela que em 17 de outubro de 1874 foi o espaço para a celebração da primeira Missa, porque havia a necessidade de participar do sacrifício de Cristo e inserir as onze meninas nas práticas religiosas.

Imagem 12 – Pia onde Savina lavou as alfaces da primeira refeição da casa-mãe



Fonte: ALIMANDI, s/d, p. 110.

Nos anais das Irmãs dos Pobres, estão descritos que:

Na véspera da festa de *Nossa Senhora* (8 de setembro de 1874), ao anoitecer, entramos naquela salinha quase vazia e sem provisões. Narração genuína: nada para o “jantar”... “vamos rezar”, disse a superiora, e se ajoelhou e chorou! Alguém bate à porta; é um homem mandado da senhora Giuggioli da Vila Malizida, com uma bela cesta de alfaces frescas... (IRMÃS DOS POBRES DE S. C. DE SENA apud ANAIS, p. 73-74).

Sobre o Instituto, a senhora Laura Giuggioli, como vislumbra a imagem 13, mostrou-se presente desde o início de sua fundação, como alguém que amparou continuamente a obra de Savina. De certa forma, o tempo e as ações divinas ordenaram o curso das situações por meio das pessoas que eram enviadas como suporte. Um exemplo a ser citado neste conteúdo é a pessoa da condessa Anna Saracini, conforme demonstra a imagem 14, que sempre disponibilizou sua chácara em *Fontebecchi* para que as meninas e as irmãs desfrutassem de um lugar de descanso e ar puro (IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, 1996, p. 7).

As religiosas Giuseppina e Amalia Dupré também sempre se mostraram caridosas e piedosas em favor das crianças do Instituto. Para tanto, outras personalidades que somaram à obra missionária da Ordem das Irmãs dos Pobres, foi casal Alessandro Frachi e Luisa Mussini que doavam suas habilidades artísticas como forma de gratidão à Congregação, alicerçando seu amor pelo instituto e pela amizade que tinham com Savina. Em justificativa, as Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena revelaram:

Segunda-feira, 19 de Junho de 1914.

Minha Madre,

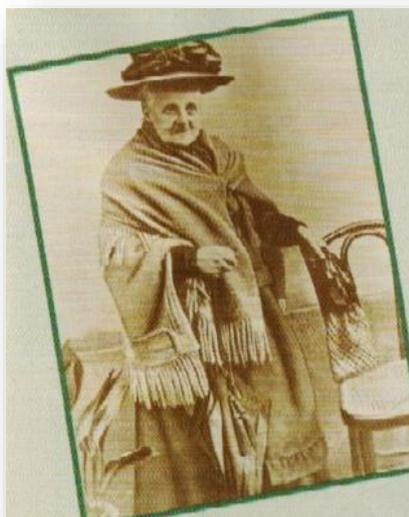
Queria oferecer-te uma lembrança do meu Amado e me parece que não posso escolher nada melhor que o esboço original do quadro da visitação da vossa cara igreja. Não encontrarás a perfeição de um quadro: os esboços são feitos pelo artista para o próprio uso, para encontrar a cor ideal, mas tenho certeza de que tu valorizarás e serás feliz em conservar no Instituto o que para este foi feito com tanto amor! Também no futuro este quadro dirá às irmãs dos pobres o quanto lhes queria bem o meu dialeto e a sua pobre esposa.

Luisinha de Sandro.

(Bilhete autografado conservado no Museu da casa-mãe - IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, 1996, p. 7).

Sem dúvidas, o lugar foi denominado como casa-mãe, pela prosperidade que era recebida, ou seja, confirmando assim a responsabilidade que Deus confiou à madre Savina.

Imagem 13 – Sr^a. Laura Giuggioli, quem providenciou as alfaces para o primeiro jantar



Fonte: Irmãs dos Pobres, 1996.

Imagem 14 – Sr^a. Condensa Anna Saracini

Fonte: Irmãs dos Pobres, 1996.

Em 10 de maio de 1875, o arcebispo de sena aprovou oficialmente o estabelecimento, reconhecendo madre Savina como possuidora de dom divino para cuidar e transformar vidas por meio da boa obra que seguia. No calor dos acontecimentos internos, os serviços domésticos aumentaram e estava sendo difícil conciliar os serviços do apostolado e de caridade, todavia mesmo com muito trabalho estavam satisfeitas, e nada podia fugir ao seu controle (ALIMANDI, s/d, p. 61).

Nesse entretanto, a pequena Gianna Baldi que foi acolhida no Instituto somente com um ano e seis meses de idade, precisava de uma atenção redobrada com os cuidados pueris, pois carecia de ama de leite e por ser ainda um bebê de saúde frágil. Desta maneira, madre Savina teve que medicá-la com um banho de ácido fênico que o médico prescreveu, porém ao não manipular o tratamento conforme prescrição, os resultados não foram satisfatórios, o que gerou uma comoção interna, visto que ao não fazê-lo a contento, aparentemente ocasionou uma paralisia na criança. Esse registro da memória do instituto desvela o desespero que sentiu a madre, pois se nutriu de grande culpa pelo acontecido. Assim, por inúmeras vezes ela clamou, rezou e estendeu o corpo da menina no altar da capela, improvisado em um cômodo da casa. Nesse sentido, a resposta divina veio com a retomada de consciência, movimento dos membros e cura efetiva do bebê, uma grande experiência para a jovem superiora, provando que para fazer o bem não se tratava somente de ter um bom coração mas, sobretudo, de ter competência (ALIMANDI, s/d, p. 61).

Nesta conjuntura, o instituto precisava de mais irmãs com a certeza da missão e capacitação para executá-las em tarefas como a acima exposta. Nas afirmações de Alimandi (s/d) enunciam que:

Na luta e nas incompreensões das pessoas, o grupo fiel à madre Savina consolida-se, aumenta de número. Cresce em generosidade. Segue firme. O que pode fazer um punhado de dezenas de Irmãs para a educação e a instrução de um grupo de meninas em contínuo crescimento? Educá-las. Formá-las. Instruí-las. A superiora quer de suas Irmãs simplicidade e desembaraço. Há necessidade de pessoas serenas de braços avessos ao cansaço (ALIMANDI, s/d, p. 67).

Para grande surpresa da superiora, a Irmã Fortunata Medici volta a se instalar na congregação, posto que pelo fato de ter passado por problemas familiares, ainda não havia se integralizado às demais missionárias. Conquanto, em 17 de setembro de 1876, o Instituto ganha uma integrante, uma criativa e valiosa mulher, pois exercia como ninguém sua profissão de modista. As suas confecções eram exclusivas para quem tinha requinte, ofício este que também serviu de suporte para a educação das meninas da casa.

Somar à equipe era seu ideário sempre, entretanto quando perdia uma de suas missionárias, madre Savina enfrentava com isso com muita tristeza. Cita-se o caso da Irmã Margherita Milanta, que faleceu repentinamente na flor da idade. Logo, a congregação perde oito das suas filhas que haviam feito o voto junto com a madre. Devido às fatalidades, a religiosa precisou colher outras jovens promitentes para o grupo de Irmãs (ALIMANDI, s/d, p. 67-68).

Nessa altura, o Instituto possuía três anos de fundação, e o número de meninas instruídas atingiu a marca de 52 educandas. O espaço educativo, neste momento, ainda continuava pobre, porém já havia os teares (máquinas de coser) pelas quais eram produzidos excelentes tecidos que serviram para as aulas de corte e costura. Que formaram e aperfeiçoaram verdadeiras costureiras de cama, mesa e banho, além das aulas de bordados no colégio improvisado.

Madre Savina era uma mulher de pouca cultura, não conhecia outras línguas e ainda era muito inexperiente no que diz respeito à administração e coordenação de um estabelecimento, pois quanto mais o tempo passava o trabalho dobrava e a forma de administrar ganhou mais exigências e qualificação para a atividade. Sob este aspecto, o marquês Bichi Ruspoli vai a Roma tratar das questões de ordem administrativa da congregação que foi fundada em Roma, porém não contaram mais com o apoio do papa

Pio IX, já que em 1878 o papa nomeado era Gioacchino Peccidi Carpineto ou pelo nome Leão XIII, um romano diplomata, filósofo, literato, humanista e poeta (ALIMANDI, s/d, p. 69).

À frente de Leão XIII, o Marquês Ruspoli explica um pouco sobre a vida de madre Savina e o Instituto que foi fundado em Sena, sobre o trabalho de assistência que era oferecido aos pobres. Enfatizou que promoviam a educação e instrução de meninas de forma moderna, pois elas estudavam e trabalhavam no espaço educativo e que utilizavam os teares, ateliês de costura e modista. Para a surpresa da madre Savina, as palavras soaram aos seus ouvidos com muita aceitabilidade, então o papa prometeu fazer o melhor para manter o lugar bem assegurado e como um estabelecimento de boa referência, ou seja, no que dependesse dele tudo teria êxito a partir daquele momento.

A fundação do instituto gerou satisfação ao povo senense, pois lhe agradava o fato de existirem pessoas que se interessassem pelos pobres que viviam na miséria em Sena. A eclosão do instituto foi fortemente marcada pela presença do jovem bispo dominicano, Dom Pio Del Carona, homem que sem a madre saber trazia dotes valiosos, por já ter experimentado a penúria e escassez durante sua vida, por isso muito jovem foi firmado na obra de caridade de São Vicente de Paulo²⁰.

Desde então, sensibilizado e tocado pelo que se aclarou aos seus olhos, Dom Del Carona juntou alma e propósitos com Savina, em sintonia com sua obra missionária, conectando-se com tanta intensidade que ele passou a representar e exercer a função de diretor espiritual dela. Para tanto, a conexão entre eles foi mantida por bastante tempo, a ponto de serem a posteriori publicados volumes de suas correspondências cheias de sabedoria celestes. Nesse sentido, Alimandi expõe que:

A sua é uma empresa divina, cara ao coração de Deus: “confie naquele coração e elevará o mundo”, escreve-lhe o bispo, revelando a estima, a confiança e o desejo de ver espalhar-se a sua congregação ainda no começo. As palavras de Dom Del Carona tem algo de profético. Ele ajuda muito ao instituto sugerido em Sena e vai muitas vezes aquela que chama de “casa de Savina (ALIMANDI, s/d, p. 75).

Não obstante, a partir do ano de 1880, começaram as expansões da obra de Savina ainda em território italiano, já que foi necessário o experimento para os demais lugares.

²⁰A obra de São Vicente de Paulo era destinada as práticas baseadas no princípio da caridade, procura assistir famílias, homens, crianças e idosos carentes de bens e serviços sócio assistenciais das comunidades existentes ao redor de uma paróquia (SILVA, 2010, s/p).

A cidade de Onano de Vertibo foi o primeiro contato externo da congregação, um lugar com costumes ainda primitivos sem desenvolvimento, que necessitava de educação. Deste modo, o objetivo traçado nesta cidade foi implantar as escolas municipais na Diocese de Acqua Pendente, visto que era responsável pelo local onde elas foram direcionadas, contudo a população idealizou novas expectativas, porque seus filhos teriam boa orientação e instrução (ALIMANDI, s/d, p. 75). A narrativa da autora sintetiza que:

A mais contente é madre Savina. Neste momento de quadro outonal delinea-se a principal missão de sua obra. Nessas crianças de Onano ela entrevê as crianças de todos os tempos e de numerosas partes da Itália e do mundo, que correrão (segundo suas previsões) para brigar-se sob as asas da Obra saída de seu coração e da mente de Deus (ALIMANDI, s/d, p. 76).

Em Castel Nuovo Berardenga, no ano de 1882, foi fundada uma casa para benefícios das jovens, mas era privada de um espaço de lazer e comodidade. Diante desta situação, Sra. Anna Sarracini beneficiou mais uma vez o Instituto da madre, proporcionando um espaço com ambiente tranquilo, limpo e arejado, junto a uma casa bem estruturada e propositalmente afastada. Nesta localidade, funcionou a inauguração da Escola Primária e Profissionalizante, juntamente com cem jovens a serem instruídas também pela doadora, de modo que disponibilizou de seu tempo para contribuir na educação das garotas. Sarracini ministrava aulas de prendas domésticas, como por exemplo, o ensino do tricô. Assim, a Escola de Tecelagem foi instalada, garantindo a expansão e emancipação da educação direcionada pela congregação. Para melhor compreensão, Alimandi (s/d) frisa que: “Assim as fundações sucederam de maneira admirável: Florença, Montespertoli, Cell Sul Rigo, Volterra, Roma, Pomarance, Bolonha, Cartona, Livrono[...] foram colégios internatos, asilos, obras paroquiais, de assistência em domicílio aos enfermos[...]” (ALIMANDI, s/d, p. 83).

Em destaque, a casa fundada em Montespertoli abrigou muitas meninas, e por este motivo instalou-se uma creche e uma escola, com intuito de aliviar a miséria humana. A embrionária congregação se instalou em outros espaços educativos com as mesmas finalidades de abrigar a pobreza e instruir desvalidas. A Itália, portanto, foi o berço da missão saviniana, lembrando que além da formação de meninas, os doentes e os pobres de forma geral tinham seu espaço reservado na missão da madre Savina Petrilli, pois entre tais estabelecimentos foram fundados também hospitais, asilos, centros sociais de recuperação, entre outros (ALIMANDI, s/d, p. 87).

Em 1899, inusitadamente madre Savina recebeu um convite de expansão de sua obra para a América Latina, com cultura e costumes diferentes. Conquanto, em um encontro com Dom Rego Maia (Bispo de Petrópolis) na cidade de Roma, o prelado teve a oportunidade de conhecer a madre e apreciar os relatos sobre seu instituto senense, insistindo em fazer a proposta de convidar a congregação para se instalar no Brasil em sua diocese, justificou que o local era muito carente da cultura religiosa, mas ela pediu um tempo para analisar seu pedido. Neste ínterim, o papa Leão XIII remanejou o bispo para uma região que necessitava ser atendida, e por ser mais carente, ele então firmou seu apostolado em Belém do Pará, localizado na região norte brasileira (ALIMANDI, s/d, p. 100).

Nessa perspectiva, durante noventa dias de reflexão e oração, madre senense compartilhou com as missionárias a nova dimensão que à congregação foi proposta. Naquele momento, ela observou que seus ideais foram efetuados e materializados, mas não esperava ser de grande proporção e extensão. Mas como confirmação divina, a congregação foi contemplada com a aprovação de suas regras por seis anos após ser dada como definitiva pelo papa Leão XIII, no ano de 1906 (ALIMANDI, s/d, p. 101).

Em notas gerais, a congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena se expandiu a fim de combater a pobreza moral e material do homem. Segundo as Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena (1996), compreende-se o levantamento das seguintes casas espalhadas pelo mundo: Itália-Sena 1873-31 casas; Brasil; Argentina 1909-9 casas; Índia 1977-7 casa, Los Angeles-USA 1979-1 casa; Paraguai 1981-1 casa; Filipinas 1981- 3 casas; Equador 1993-1 casa (IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATARINA DE SENA, 1996, p. 32).

Em destaque, Savina possuía uma visão à frente de seu tempo, conseguiu compreender as necessidades do homem como ninguém de sua época. Com o propósito inicial de atender à infância órfã e pobre, aflorou outras obras, como exemplo, em 22 de setembro inaugurou em Gênova, uma nova obra assistencial do Instituto Nacional dos Surdos e Mudos. Nesse sentido, objetivou-se a trabalhar com jovens atingidas por determinadas deficiências e direcionou o ensino para manipulação de trabalhos femininos, ou seja, para ela os deficientes precisavam ter oportunidade de romper as barreiras e adquirir novos conhecimentos. Alimandi argumenta:

Procura estimular fisicamente e, mais ainda, despertar intelectualmente essas pobres criaturas enfermas de alma e de corpo, é certamente uma

tarefa longa e perseverante paciência. Isto, porém, é confortado por resultados que a pedagogia especial e a arte médica posta a seu serviço obtêm tempos (ALIMANDI apud MADRE SAVINA, s/d, p. 146).

A partir das experiências divinas e materiais da superiora desta congregação, Savina Petrilli, comprometida com seu dever de educar mente e corpo, observa-se o tratamento humano e inclusivo com os pobres e deficientes, proporcionando-lhes o sustento moral e material. Por estes motivos, tornou-se uma pessoa singular no seguimento de expansão pedagógica das ordens missionárias religiosas no mundo.

As obras firmadas em solo italiano foram capazes de madurar as práticas educativas e o bom funcionamento de um instituto educativo com isso a cidade de Belém foi alcançada pela ordem religiosa com as mesmas finalidades estabelecidas em Sena, proporcionando aos necessitados instrução e apoio, sobretudo o espiritual em favor da salvação em Cristo crucificado.



Seção III

A fundação do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará

(1903-1960)



Fonte: Acervo fotográfico em comemoração ao centenário do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará s/d.

Refletir sobre a história de uma instituição escolar é lançar o “olhar” também sobre os processos históricos que:

São como a ponta do Iceberg que aflora e que permite cristalizar algo e atingir outras questões que não se revelam no primeiro olhar. Ele é o elemento que não só permite pensar o todo como, inclusive, possibilita elevar a escala de interpretação a um plano mais amplo e distante, para além do espaço e do tempo, pensando na circularidade cultural ou na fusão dos traços e significados produzidos pelos homens em todas as épocas (PESAVENTO, 2008, p. 73).



3.1 *As Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena em Missões no Brasil*

Conforme a proposta do bispo diocesano Dom Francisco Rego Maia de instalar a Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena no Brasil, madre Savina se convenceu da carência de cultura religiosa no país, firmando assim o seu apostolado em Belém do Pará, no ano de 1903. Entretanto, era necessário compreender o ambiente social que a cidade atravessava para que então as missionárias advindas da Itália pudessem instalar suas práticas educativas. Deste modo, lança-se um olhar sobre o campo da história cultural²¹, conduzida por Chartier (2010), que torna também coerente a sincronia entre outras histórias, quando o autor afirma que:

Devemos, por isso, mudar a perspectiva que toda história, qualquer que seja, econômica ou social, demográfica ou política, e cultural, na medida em que todos os fenômenos objetivamente mensuráveis sempre são o resultado das significações que os indivíduos atribuem às coisas, às palavras e às ações? (CHARTIER, 2010, p. 33).

Nessa perspectiva, a história das instituições escolares dialoga com a História da Educação no Estado do Pará, quando se observa que a instituição escolar é reconhecida como unidade de ação, pois estão vinculadas às práticas pedagógicas, representada pela sociedade e alcançada por um determinado período histórico. Sendo assim, relaciona-se o conceito do historiador com as finalidades desta discussão e compreende-se que as práticas culturais estão imbricadas na sociedade, expressas nas urgências do cotidiano, submetidas ao estético e intelectual que, por sua vez, refletem sobre sua relação com o outro e com o mundo.

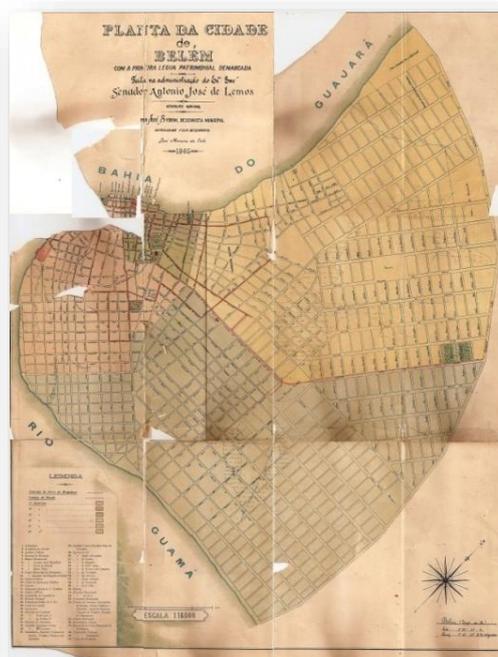
Nessa esfera de conjecturas sincrônicas, estabelece-se o vínculo entre as práticas e representações pensadas por Chartier (1990), as quais os sujeitos são produtores e receptores da cultura e como ela está impressa na visão entre os homens. Todavia, a chegada da congregação Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena proporcionou a fusão de suas práticas religiosas com as relações que se constituíam na cultura local que, por seu turno, possuía práticas diversificadas no contexto social paraense. Sendo assim, por meio da educação religiosa de meninas, pobres e desvalidas, e mais tarde, direcionada

²¹ A definição de história cultural está atrelada a construção dos sentidos, das práticas e da análise do trabalho de representação social, e conceituais própria de um tempo ou de um espaço (CHARTIER, 2002).

à classe elitizada de Belém, as missionárias italianas também contribuíram para o seu construto sócio Histórico no início do século XX.

A capital paraense pertence à região Norte no espaço geográfico brasileiro no século XX segundo imagem 15. Nesta região está inserido o Estado do Pará. Desta maneira, Sarges (2010) evidencia que “recebeu o nome de Forte do presépio, atualmente, Forte do Castelo, dando início ao primeiro aglomerado urbano, mas tarde conhecida como Feliz Lusitânia e, posteriormente, Santa Maria de Belém do Grão-Pará” (SARGES,2010, p. 61-62). Ainda sob este aspecto “Belém do Pará atualmente possui território correspondente às áreas continental e insular. A área continental da cidade tem uma área de 173,17 Km² e ínsula de 342,52 Km²” (COSTA apud DERGAN, 2006, p. 15).

Imagem 15 – Planta da cidade de Belém (PA): administração do Senador Antônio José de Lemos em 1905



Fonte: <https://fauufpa.org/2015/02/20/>. Acesso em 27/06/2016.

O século XX foi assistido pela grande eclosão da modernidade no território brasileiro, já que este período ficou marcado pela migração e fixação da população em centros urbanos de diversos tipos. A passagem do século XIX para o XX na história da humanidade estampou um marco na História do Brasil, o qual diante das mudanças de cunho econômico, político e social, uma nova fase se iniciou na sociedade, de imposições e desafios. No campo educacional, por exemplo, as mudanças vislumbraram as transformações científicas no sentido de modificar os comportamentos considerados não

civilizados conforme o modelo de sociedade republicana que se instaurou, ou seja, um modelo positivista²² de educação, que via nas práticas educativas um rompimento com as relações sociais do passado, mas que não possibilitava um avanço dialético²³ nos processos pedagógicos institucionais, sobretudo, no âmbito religioso²⁴, posto que, as classes pobres tiveram o mínimo de instrução formal e o máximo de alienação religiosa segundo a vontade de uma elite pensante. Entende-se que: “Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela” (CERTEAU, 2002, p. 78).

Não obstante, o processo de constituição das práticas educativas religiosas no Pará levanta uma discussão mais ampla sobre o reordenamento institucional das ações eclesiais no campo educacional. Para Silva (2010), na composição das figuras sociais do século XX, as ações da Igreja Católica no Brasil se institucionalizaram, ou seja, passaram a seguir as ordenações gerais de Roma, implantando-se um processo de “romanização²⁵” da Igreja no país, resultando na adoção de posturas e desenvolvimento

²² A influência das ideias europeias, com o advento do positivismo e a força revolucionária das teorias evolucionistas, fez-se sentir entre nós nas últimas décadas do século XIX. A tinteira materialista e objetiva das novas ideias vinha ao encontro de nossas aspirações de progresso e civilização e foi o veículo do rompimento com as velhas amarras monárquicas e agrário-escravocratas, vistas como símbolo do atraso (RIZZINI, 2011, 46).

²³ A palavra “dialética” vem do grego. O prefixo “dia” dá ideia de reciprocidade ou de troca: *dialekein* é trocar palavras ou razões, conversar ou discutir... Daí o substantivo *dialectike*, a arte da discussão (FOULQUIÉ, Paul. **Dialética**. Gráfica European, 1979, p. 9). Para maior compreensão a dialética pode ser considerada como a teoria de leis gerais do movimento do desenvolvimento do mundo conhecimento humano. Outrossim, a filosofia dialética está definida como modelo mental dos processos de emancipação do mundo. “A Dialética em primeiro lugar é convite insistente à discussão e à prática, à criatividade, ao diálogo crítico e produtivo” (DEMO, Dialética e qualidade política, in **Dialética Hoje**, 1990: 134). E continua Pedro Demo: (...) diálogo é fala contrária entre agentes que divergem à medida que cada qual possui mensagem própria” (idem, p. 132). A dialética “recupera a consciência da necessidade do diálogo que estava presente no seu nascimento, na Grécia antiga. Dialética e diálogo são – não podemos esquecer isto – irmãos gêmeos: ambas as palavras provêm do prefixo dia (que indica reciprocidade) ... A dialética, por conseguinte, nasceu incorporando, através do diálogo, as razões do outro” (Konder, no Prefácio de **Dialética Hoje**, 1990, p. 8). No âmbito educacional, conviver dialeticamente na sociedade é compreender os fatos que lhe constituem como cidadão é poder defender um posicionamento diante dos fatos, então “Sociedade educada é aquela composta de cidadãos críticos e criativos” (DEMO, 1990).

²⁴ No Império, a Igreja Católica havia sido severamente combatida pelos anticlericalistas e liberais que a viam como uma ameaça às ideias republicanas. Ao se consolidar, a República se acomodou ao novo regime político, reagindo contra a invasão protestante nos campos religioso, político e educacional e começou a implantar um trabalho pastoral marcante, demonstrando uma extraordinária resistência à secularização, com a criação de dioceses, novas ordens religiosas, internatos para as filhas das oligarquias e colégios católicos para os meninos e desenvolvendo obras de caridade. Isso permitiu seu retorno o cenário cultural do país recuperando uma posição que, na verdade, nunca havia sido seriamente ameaçada de extinção, dado que o regime propunha certo artificialismo na desvinculação da Igreja do Estado, que nunca esteve de acordo com a opinião do povo brasileiro (ALMEIDA, 2007, p. 46-47).

²⁵ Após o ato de separação entre a Igreja e o Estado, a pastoral coletiva no ano de 1890 providenciou um documento redigido por Dom Antonio Costa e assinado por todos os bispos católicos no Brasil, o Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890, o qual aponta a importância da ação de intelectuais católicos, agindo como verdadeiros “comissários” do aparelho eclesial, atuando no interior da sociedade política, a fim de, por meio de uma “guerra de posição”, infiltrar-se e infiltrar elementos de confiança e dedicados “à

de ações coordenadas e conjunturas originárias da Santa Sé, seja por meio dos escritos e revisões das orientações decorrentes do Concílio de Trento²⁶, seja por conta de documentos e resoluções locais e pontuais, provenientes dos bispados e dioceses nacionais que se alinhavam às determinações romanas (SILVA, 2010, p. 105).

Conforme Silva (2010), as ações eclesiásticas no campo educacional em nosso país são exemplo claro deste processo de reordenamento institucional, pois até então, eram empreendidas em razão da vontade e iniciativas individuais dos clérigos e, agora, passaram a ser regidas e pautadas a partir de preceitos gestados e emanados nas esferas hierárquicas da Igreja e faziam parte do movimento empreendido pelo Pontificado Romano no intuito de reconsolidação do prestígio e poder dos católicos no cenário mundial e nacional (SILVA, 2010, p. 105). “É a partir da era republicana que a promoção da escola católica passou a constituir outro componente importante da ação pastoral da Igreja” (AZZI apud MOURA, 2000, p. 100).

No que tange à discussão sobre as práticas sociais e culturais que estavam se constituindo em Belém nesse período, Barros (2012) aponta que a cidade é o maior artefato produzido pelo homem e que nela estão materializadas as práticas de responsabilidade humana. Não obstante, a cidade de Belém, produzida como artefato em seu contexto, estava vivenciando as transformações com o *boom* da economia gomífera, no triunfo modernista da *Belle Époque* (1870-1912). O avanço tecnológico acompanhado pela revolução industrial²⁷ nas grandes construções de ferrovias, expansão do mercado internacional no crescimento do espaço com mudanças expressivas, implicou em novos modos de vida e em consequência, propagando-se em uma nova estrutura urbana. Entretanto, o novo cenário que se instalou em Belém funcionou como grande divisor entre

causa” no seio do Estado com o objetivo de recuperar a influência perdida, por meio de um movimento historicamente conhecido como “restauração.” Todos os documentos contidos neste decreto mostram que a ação pedagógica e a educação escolar são fundamentais tanto para a fixação de diretrizes quanto para o estabelecimento de meios estratégicos e táticos da ação restauradora da Igreja Católica (MESQUIDA, 2006).

²⁶Reunião de bispos e cardeais da Igreja Católica, ocorrida de 1545 a 1563, na cidade italiana de Trento. Definiu as principais ações da Igreja Católica contra a expansão do movimento da Reforma Protestante. As principais definições deste Concílio foram: estabelecer a idade mínima para o sacerdócio (25 anos) ; instituição de seminários destinados à formação dos clérigos; definição dos sete sacramentos; fortalecimento da autoridade pontifical; adoção do latim como língua litúrgica; determinação do celibato clerical (SILVA, 2010, p. 43).

²⁷A Revolução industrial está atrelada as mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX. Sendo assim, o setor socioeconômico foi o principal eixo da revolução, que foi substituído o trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas. Apesar de a produção ser predominantemente artesanal, países como a França e a Inglaterra, possuía manufaturas. A Inglaterra foi precursora na Revolução Industrial devido a diversos fatores, entre eles: possuir uma rica burguesia o fato do país possuir da mais importante zona de livre comércio da Europa, o êxodo rural e a localização privilegiada junto ao mar o que facilitava a exploração dos mercados ultramarinos (BOULOS, 2013).

as classes pobres e burguesas que migraram para a capital, ou que adquiriram o emburguesamento de uma classe abastada, através das oportunidades de emancipação que a economia da borracha ofereceu (SARGES, 2010, p. 20).

O crescimento urbano paraense estava diretamente associado aos consideráveis investimentos no setor econômico, no que diz respeito aos cofres públicos os quais canalizavam a internacionalização da economia local, ao passo que havia a necessidade de ampliação e reprodução do capital. Para tanto, Sarges (2010) aponta que:

A nova ordem econômica e a nova filosofia financeira nascida com a República impunham não somente a reordenação da cidade através de uma política de saneamento e embelezamento, mas também a remodelação dos hábitos e costumes sociais. Era preciso alinhar a cidade desordenada, feia, promíscua, insalubre e insegura fazia parte de uma nova estratégia social no sentido de mostrar ao mundo civilizado (entende-se Europa) que a cidade de Belém era o símbolo do progresso, imagem que se transformou na “obsessão” da nova burguesia (SARGES, 2010, p. 20).

De certo, o apogeu econômico de Belém garantiu a reorganização do espaço social, no mais também resultou em um solapamento urbano, já que a cidade recebeu um grande fluxo migratório nacional²⁸ e internacional²⁹. Nos anos de 1900, a província paraense aumentou para 445.356 e a cidade de Belém passou a ter 96.560 habitantes, ao passo que tal crescimento provocou “um impacto na cidade à medida que o aparelho urbanístico mostrou-se insuficiente para atender às demandas da população” (SARGES, 2010, p. 146).

Na literatura, argumentada por Sarges (2010), explana-se que: “...a composição da nova elite formada por comerciantes, seringalistas, financista, com destaques para os profissionais liberais, geralmente das famílias ricas e oriundas de universidades europeias. É este o grupo dominante que, em nome do progresso, vai direcionar a remodelação da cidade, imprimindo-lhe o brilho da *Belle Époque*” (SARGES, 2010, p. 21).

²⁸As afirmações de Souza (1994) mostram que entre os anos de 1877 e 1879 o nordeste foi alvo de uma das piores secas da história. Sendo assim, o Estado do Ceará somou 65.000 imigrantes para a região amazônica. A crise predominantemente agrária determinou a saída contingente de pessoas para os seringais amazônicos, em colônias agrícolas no Estado do Pará.

²⁹De acordo com Marília Ferreira Emmi (2010), os imigrantes portugueses contaram no ano de 1872 e 1879 26.599 entradas na capital do Pará.

A sociedade burguesa paraense acreditava que para haver uma verdadeira civilização³⁰ concretizada, não bastava somente construir prédios modernos, avenidas, teatros³¹, cinemas, cafés ou livrarias. O importante era transformar as pessoas, em especial, aquelas que representavam um atraso para a sociedade, como exemplo, os sujeitos silenciados e/ou pobres considerados sem cultura, contradizendo a afirmativa de Barros (2005) que pontua que as manifestações culturais aparecem através da cultura popular, que qualquer objeto material produzido pelo homem faz também parte da cultura material. E que toda vida cotidiana de um indivíduo está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Que ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura. A própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam uma noção mais ampla de cultura (BARROS, 2005, p. 3).

Conquanto, havia muito a ser feito na urbe belenense, já que a classe pobre instalava-se no centro urbano e zonas comerciais: mendigos, velhos, órfãos e desvalidos de sorte perambulando pelas ruas, o que causava incomodo à elite local pela questão da segurança e remodelação moral que se instaurou no ideário republicano nacional. A população considerada desvalida era também oriunda do fluxo migratório de várias regiões do Brasil e de outros países, os quais visavam conseguir melhores condições de sobrevivência e oportunidades financeiras, encontrando-se em condição de pobreza já que não haviam obtido sucesso nessa empreitada e se ajustando a uma situação de dependência da sorte e das autoridades públicas.

³⁰O conceito de civilização encontra-se nos livros de Norbert Elias (1990-1994). Para efeito deste estudo cabe explicar os problemas que existem na descrição deste conceito. Para Elias, o conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: no nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, as ideias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitação ou a maneira como os homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” e “incivilizada”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo que se pode descrever como civilização. Mas se examinarmos continua Elias, o que realmente constitui a função geral do conceito de civilização e que qualidade comum leva todas essas atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: esse conceito expressa a consciência que o ocidente tem de si mesmo; a consciência nacional e muito mais. ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: J. Zahar. 1990.

³¹Para proporcionar o entretenimento da elite que vivia em solo paraense, eram contratadas companhias artísticas advindas da França, Portugal e Rio de Janeiro, apresentavam longas temporadas no Teatro da Paz. A estimativa aponta no ano de 1878, foram apresentados aproximadamente 126 espetáculos. Em decorrência dos espetáculos artísticos denominados de *Vaudeville*, surgem várias casas de diversões, como *Café Chique*, *Café da Paz* (local apreciado pelas figuras política), *Moulin Rouge*, *Chat Boir*, *Café Madri*. Em 1902, foi inaugurado o cinema *Olímpia*, que contava com um amplo salão de projeção e outro para concerto. Os coronéis da borracha selecionavam suas cocotes, que eram assim chamadas as prostitutas de luxo, muitas delas de nacionalidade europeia (SARGES, 2010).

Diante do exposto, as políticas públicas³² foram pensadas para o atendimento à classe desfavorecida, direcionando-as em favor da segurança pública e de medidas de reorganização social. As autoridades governamentais criaram dispositivos para afastá-los do centro da cidade, recolhendo-os em hospitais e em espaços assistencialistas e educativos. Desta forma, a Europa foi modelo para uma construção de ordem pública e administrativa da cidade de Belém, gestando nas pessoas uma nova aparência que estava estampada desde a forma de se vestir.

Como exemplo, cita-se a indumentária e o luxo ostentado pelas classes burguesas que funcionavam como uma estratégia para contradizer o ambiente insalubre³³ dos espaços públicos. Deste modo, os sujeitos adequavam-se à cultura europeia que era diferenciada das outras classes pela vestimenta das mulheres ricas, que trajavam segundo Sarges (2010): “[...] serafins, sedas e veludos, e para gente comum, os panos de tipo inferior, como algodão. As damas quase nunca apareciam em público e, quando faziam, era com grande ostentação em roupas” (SARGES, 2010, p. 50). A partir do uso deste artefato, diferenciado dos demais, afastavam-se as marcas do passado colonial, representado nos costumes, nas tradições, na forma de se expressar e em especial na maneira de se vestir, e tal exibição moldava o imaginário da elite belenense, um resistente elo entre civilização e modernidade.

As mudanças ocorridas no contexto belenense remontam à descrição de seu idealizador, que investiu na capital para a modernização da cidade, o então intendente republicano Antônio José de Lemos³⁴ oriundo de uma família humilde, nascido no

³²Políticas públicas são conjuntos de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado diretamente ou indiretamente, com a participação de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania, de forma difusa ou para determinado seguimento social, cultural, étnico ou econômico. As políticas públicas correspondem a direitos assegurados constitucionalmente ou que se afirmam graças ao reconhecimento por parte da sociedade e/ou pelos poderes públicos enquanto novos direitos das pessoas, comunidades, coisas ou outros bens materiais ou imateriais (<http://www.meioambiente.pr.gov.br> acessado em 08/08/2016).

³³Com relação à cidade de Belém, o ambiente insalubre está também relacionada à manifestações de doenças no corpo social belenense como se observa nos relatório de províncias: “Sobresaltos agudos trouxe a população de Belém o aparecimento da peste bubônica na cidade do Porto, por causa das contaminações numerosas e frequentes entre essa praça burguesa e a nossa. Na iminência de perigo, tomei a mais enérgica providencias, de modo a colocar Belém ao abrigo de invasão do mar oriental; e entre outras, importar o *serum Yersin* e o *serum Haffkin*, reputados geralmente como meio curativo e prophylatico” (PARÁ, Estado do. Relatório ao Governador do estado Augusto Montenegro por José Paes de Carvalho ao deixar a administração, 1901, p. 39-40).

³⁴Antônio Lemos (1843-1913) e Lauro Sodré (1858-1952) constituíam-se como os dois maiores líderes políticos do Pará até 1930. Lemos, foi um monarquista que administrou (1896-1912) a cidade de Belém, mas entregou-se ao regime republicano, através do partido conservador. Neste sentido, foi responsável pela modernização e embelezamento da cidade de Belém. Lauro Sodré, republicano histórico paraense, governou o Estado por duas vezes (1891-1897) e (1917-1921) assumiu desde o início da república a liderança política do Estado, porém suas pretensões eram realmente a presidência da república, mudou para

Maranhão em 17 de dezembro de 1843, e realizou o curso secundário no “*Liceu do Maranhão*”. Por conseguinte, foi inserido na Marinha de Guerra, lugar pelo qual firmou carreira militar, com seus 22 anos de idade. Lemos chega ao Pará no cargo de secretário do Almirante e, em seguida, como oficial da quarta classe do Corpo da Fazenda (ROCQUE, 1996).

De acordo com Sarges (2002), Lemos fixou-se em Belém quando assumiu o cargo de Secretário do Arsenal de Marinha, através do capitão-de-mar-e-guerra Manuel Carneiro da Rocha. Para tanto, na obra intitulada *Memórias do Velho Intendente*, escrita por Sarges (2002), a literatura aclara o trajeto da vida política de Lemos, pondo em destaque que ele foi redator do jornal “O Pelicano” que posteriormente faliu e, em seguida, foi vendido para o chefe do partido liberal.

Antônio Lemos inicia sua vida política em 1885, momento no qual ele esteve inserido junto ao partido Liberal onde foi eleito deputado provincial. Após a proclamação da república quando ele ocupou o cargo de presidente da Câmara Municipal, onde foi eleito vereador em 1889. Assim sendo, Lemos foi empossado pela primeira vez pela junta composta por Justo Chermont³⁵, José Maria do Nascimento³⁶ e José Fernando Júnior para governar o Pará durante os primeiros anos do regimento republicano.

Nessa altura, o projeto liberal brasileiro estabelecia uma nova organização da oligarquia, que defendia um ideário sem revoluções e exclusões, ou seja, os partidos monarquistas foram extintos, e por sua vez deram origem ao partido republicano defendendo dois ideários liberais e conservadores. Em justificativa, Sarges (2002, p. 48) sustenta suas ideias na ata do Conselho Municipal de 1896 que discursa que: “persista a mesma estrutura econômica, pois o poder continuava nas mãos das velhas oligarquias” que implicava dizer que o Pará ainda era mantido no poder de Justo Chermont.

o Rio de Janeiro e deixou Lemos em uma situação mais favorável. Mesmo diante do conforto político, ocorreram disputas políticas intensas envolvendo seus correligionários que podem ser percebidas nas páginas de jornal “A folha do Norte” (reduto dos lauristas) e a “Província do Pará” (propriedade de Antonio Lemos) (SARGES, 2010).

³⁵Justo Chermont, governador do Estado do Pará em 1890 a 1891, nascido em Minas Gerais 17 de janeiro de 1830, titulado em ciências sociais e jurídicas pela faculdade de São Paulo em 1854, chegou à província do Pará como secretário de presidência, em julho de 1855, foi membro da assembleia provincial, procurador fiscal, Diretor da Instrução Pública, representou a província de Mato grosso na Câmara dos Deputados tendo feito parte outrora da comissão Diretora do partido Liberal (MEIRA, 1981, p. 61).

³⁶José Maria do Nascimento seguiu carreira na Marinha e, quando da proclamação da república em 15 de novembro de 1889, era capitão de fragata. Após a proclamação, participou da junta provisória que assumiu o poder no Pará com a deposição do então presidente da província, Antônio José Ferreira Braga. A junta era chefiada por Justo Chermont e composta ainda pelo tenente-coronel Bento José Fernandes Júnior. Por ordem do governo provisório da República, chefiado pelo marechal Deodoro da Fonseca, em 17 de dezembro a junta foi desfeita e Justo Chermont foi nomeado governador, enquanto Gentil Bittencourt era designado vice-governador (CRUZ apud SETEMY, s/d).

Contudo, a solidez política de Lemos foi ganhando novas dimensões fazendo com que ele fosse eleito duas vezes senador do Estado e cinco vezes intendente de Belém o que lhe garantiria quatorze anos no poder político. Neste fluxo, as ações das autoridades públicas investiram fortemente nas áreas de saneamento³⁷ e higienização do espaço público e privado, reformulando as leis para garantir um novo *padrão de convivência*³⁸ corroborando com o espírito modernizador que estava em curso.

Neste discurso, ganha destaque as implantações de cunho educacional e assistencialista na cidade com propósito que fosse evitado que a reforma social fosse desalinhada e futuramente desmaterializada. Essas premissas apontam que as institucionalizações educacionais e caritativas serviram de base para que o progresso fosse mantido em curso, como exemplo, o Orphanato Municipal³⁹, um dos seus maiores investimentos durante a gestão lemistá. No século XIX, ficou impregnada à intensidade dos discursos sócio-político-econômicos em uma sociedade considerada pela elite política e intelectual como indolente e atrasada. Com relação a este enunciado Veiga (2007) aponta que:

Foram inúmeras as falas que retrataram um país indolente, de povo preguiçoso, sem cultura, de hábitos suspeitos, atrasado, indiferente, impulsivo, enfim, uma infinidade de adjetivos desqualificadores. Neste sentido, a população se tornou objeto de ciência através das práticas dos

³⁷O intendente foi o responsável por diversas medidas saneadoras na capital. Foi criado o Departamento Sanitário Municipal, dividindo a cidade em quatro Distritos Sanitários; e uma Polícia Municipal foi formada, cujo papel era zelar pela "ordem" pública. A limpeza urbana e a cremação do lixo também foram metas prioritárias do período: o intendente foi autorizado, pela lei municipal n.229, de 13 de junho de 1889, a adquirir área destinada à construção de forno crematório de lixo e animais mortos. Localizado na atual Avenida 9 de Janeiro com a rua Fernando Guilhon, sua instalação deu origem ao bairro da Cremação, em Belém (SARGES, p. 168). Na administração lemistá houve a efetivação do estabelecimento da rede geral dos esgotos. Somando a este importante progresso, instituiu-se o Matadouro do Maguari, para que houvesse salubridade necessária tanto nas ruas da cidade quanto nos gêneros alimentícios ingeridos pela população. Outro aspecto relevante no governo de Lemos foi destinos dados aos cadáveres. Para evitar os perigos das epidemias, a incineração dos cadáveres foi estabelecida através da criação do necrotério da cidade, inaugurado em 28 de março de 1899 na doca do Ver-o-Peso (SARGES, 2010).

³⁸O padrão de convivência estava atrelado à reconstrução do espaço urbano acionado pelo governo lemistá. O discurso de Lemos reflete as concepções de "ordem", "harmonia" e "civilização", conceitos associados a valores do mundo europeu, considerado centro da civilidade e da estética. (SARGES, 1998, p. 137-138). No século XIX, o controle do poder público tinha como incumbência disciplinar o espaço da cidade. Esse dever extrapolava os critérios urbanos, abrangendo a vida social dos habitantes, por meio de mecanismos que ordenassem os hábitos da população. Para isso, foram promulgadas novas leis e códigos de posturas municipais, que regulavam desde a higienização dos estabelecimentos públicos até aspectos ligados à moralidade dos cidadãos, como por exemplo, usar de vocábulos obscenos em público ofensivos a moral e a decência; tomar banho nas praças e fontes públicas (SARGES, 2010, p. 163).

³⁹Através da lei de nº 238, de 27 de dezembro de 1900, a aprovação Municipal de Belém, a Intendência é autorizada a receber, da Associação Protectora dos Orphãos, o *Orphelinat Paraense*. Fruto do sentimento republicano e, acima de tudo, da benevolência de Antônio Lemos (DUARTE, 2013, p. 34).

médicos higienistas, dos discursos eugênicos, das novas idéias pedagógicas (VEIGA, 2007, p. 56).

Com o propósito de lapidar os sujeitos, os governos dos diversos estados da Federação aprovaram leis para sustentar o direito à instrução do povoado que vivia na ignorância. A despeito da edificação da nação brasileira com o ideário do movimento higienista, conceituou-se a educação como um meio de grande importância para transformar o homem. “A função de preparar o homem para habitar o espaço urbano e lidar com as determinações com que se defrontava” (RESENDE; GONÇALVES NETO, 2009, p. 376), com esse objetivo, o espaço escolar perpetuaria a formação de novos cidadãos, educando mentes e corpos, tornando-lhes curados e higienizados com o intuito de formá-los para viver em uma sociedade regenerada por intermédio da organização escolar remodeladas pelos médicos (GONDRA, 2004, p. 479).

Dentro desta realidade educacional, retoma-se a discussão sobre a interferência de modo simultâneo da Igreja Católica no cenário nacional que, por sua vez, atuou na educação e formação-cristã do povo miscigenado. Neste contexto, coube à Igreja católica trabalhar em favor dos sujeitos para educá-los moralmente, visto que era necessária a expansão das práticas cristãs, a fim de incuti-las na cultura brasileira, sobretudo, paraense. As ações da Igreja refletiam “as práticas que regiam a conduta dos cristãos católicos, que estavam ligadas às obras caritativas” (NASCIMENTO, 2007, p. 72). Tais práticas eram consideradas o ideário da irmandade cristã no intuito de atender ao pobre, à infância desvalida⁴⁰, aos órfãos, enjeitados e expostos à má sorte.

Assim, na cidade de Belém foi se desenhando o cenário ideal para as missões religiosas no Pará, em especial as congregações católicas, a fim de instalar e expandir os preceitos religiosos em território brasileiro. Todavia, a educação tornou-se porta de entrada para a instrução religiosa na América latina. O ideário civilizatório, diante disto, era fundamentado nos discursos dos homens da ciência que trouxeram um discurso

⁴⁰Segundo Rizinni (1993), a infância desvalida era representada pela classe de sujeitos em determinada sociedade, que eram abandonados e enjeitados pela própria família. Assim estavam entregues as situações de risco tais como: a marginalidade, insalubridade, mendicância entre outras desordens sociais. Para tanto, a autora sinaliza que: Relatórios médicos, discursos políticos (em geral, médicos e juristas) e reportagens nos jornais mencionavam instituições repletas de crianças que eram abandonadas em grande número por pais apontados como inescrupulosos e irresponsáveis; relatórios e depoimentos de médicos denunciavam um índice alarmante de mortalidade que chegava a 80% nos asilos, que abrigavam crianças expostas, crianças entregues a ociosidade e às más influências pelas ruas da cidade (RIZZINI, 2008 p.89-90).

liberal⁴¹ para o campo educacional, disputando de forma acirrada com a Igreja, que no que diz respeito, promovia a educação católica⁴².

No Século XIX, a Igreja Católica no Brasil apresentava suas propostas convenientes à forma de vida que existia no sistema oligárquico brasileiro, mesmo que a educação liberal estivesse colocada em pauta para a sociedade reforçando o caráter individualista e o civismo como sustento para uma nova “nação”. A educação católica não destoava dos preceitos oligárquicos, já que sua postura conservadora sempre foi de direcionar o sujeito a ser ordeiro, moderado, respeitador, entre outros.

Nesse ínterim, os ideais do liberalismo ganharam força no Brasil e foram defendidas pelas autoridades públicas, em aceitar a completa liberação do sistema escolar, desvinculando o Estado de ser o único e exclusivo promotor da Educação e canalizando a educação a ser mantida também pelas instituições privadas. Na perspectiva de Manoel (1996),

Já que o investimento das províncias na educação era muito pequeno, a solução encontrada pela elite para educar suas filhas era contratar professores para educar as jovens em suas próprias residências ou enviá-los para estudar nos colégios internos. Tais colégios eram mantidos na maioria das vezes, pelas diversas congregações católicas que aqui chegaram na segunda metade do século XIX (MANOEL, 1996, p. 52).

Com o advento das congregações religiosas e a fundação de instituições, que se destinavam a atender ao público feminino, em especial, da classe abastada, a fim de prepará-las para uma profissão de esposa e mãe, que fosse capaz de cuidar de uma família, ao passo que esses indivíduos precisavam fazer parte do projeto de modernização imposta pela burguesia e inseri-las no mundo do trabalho, entendendo que este ideário era considerado requisito para uma sociedade moderna.

⁴¹A educação é vista como sendo o vínculo integrador das gerações às novas condições de um mundo em mudança. Ela deve organizar-se como instrumento de adaptação às situações novas de um meio social essencialmente dinâmico. Neste sentido a educação é tão imprescindível que do seu sucesso ou não, depende o crescimento ou perecimento da civilização [...] a educação é também a própria condição do humanismo tecnológico. Ela é tida como maior e o mais difícil problema proposto ao homem, já que ela deve formar o espírito e a unidade da nação, restabelecer o equilíbrio social e aproximar-se cada vez mais dos homens (CURY, 1984, p.80-81).

⁴²A Igreja obteve êxito no campo da educação católica. Segundo Moura (2000), nos anos de 1930 cerca de 80 % dos estudantes secundários do País se encontram nas escolas particulares, sendo que a maior partes deles pertencem à igreja. Por volta de 1931, (...) há poucas escolas primárias, mas três quatro das 700 escolas secundárias eram católicas (MOURA,2000, p. 99).

Neste contexto da expansão dos institutos religiosos destinados à educação no período de transição do século XIX para o XX foi o momento em que a Igreja e o Estado sofreram uma ruptura a partir da Proclamação da República, obtendo como consequência ao fim do regime de Padroado⁴³, no qual ela foi desligada como religião oficial do País. Contudo, a Igreja católica se manifestou de forma autônoma e atuou de diversas formas na esfera social. Desta maneira, as inserções dos grupos de missionárias católicas exerceram suas práticas educativas movidas pelo movimento conservador denominado de ultramontanismo, estilo pelo qual perdurou em território brasileiro até o século XX. Lustosa (1997), para maior compreensão, interpreta que:

Segundo a interpretação do catolicismo ultramontano, o mundo moderno se constituía em um imenso perigo para a salvação da alma, porque ele se fundamentava na liberdade política. Em outros termos, o mundo moderno se desenvolvia sem obedecer aos preceitos católicos e controle da igreja(...) fortalecimento do clero ultramontano permitiu-lhe assumir o poder interno à igreja e impor essa sua visão como válida para todo o obre católico. Ancorado na ideia de ser a igreja portadora de verdade, desde sempre estabelecida a claramente definida no concílio de Trento, os ultramontanos julgaram que a salvação da sociedade em geral e do homem individualmente dependia de recristianização do mundo, tarefa, portanto, da exclusiva competência da Igreja (LUSTOSA, 1977, p. 400).

Diante disto, a ação religiosa das irmandades⁴⁴ esteve centrada na atuação educativa da população, junto ao novo ordenamento institucional que atendia as necessidades da Igreja católica brasileira.

Nesse momento, a figura feminina aparece no cenário social como “um alvo privilegiado” (NUNES, 2000, p. 491). As ações femininas atuavam em associações na direção e fundações de instituições educativas para meninas, tinham como intuito da aprovação o ideário reformista e o resguardo do espaço político-religioso daquela instituição. A educação direcionada às mulheres brasileiras⁴⁵ estava enraizada na cultura

⁴³Conforme a determinava a constituição Imperial Brasileira a religião oficial do Brasil era o catolicismo e a igreja no país estava subordinada diretamente às ordens e ao controle do Estado Imperial.

⁴⁴Desde o período colonial, devido à escassez de clérigos, “os dois núcleos de organização e transmissão das crenças e práticas religiosas eram as irmandades ou confrarias leigas e as famílias” (NUNES, 2000, p. 490). Isto fez com que no Brasil, as Irmandades mantivessem o poder político e religioso, porém em contrapartida fragilizavam institucionalmente a Igreja Católica.

⁴⁵ A forma mais visível do papel da mulher era de submissa e com a mera função de procriação, valores pertencentes a uma sociedade patriarcal, cujas bases remontam os tempos antigos, cristalizada pela força da tradição e do costume, em função de economias mais lentas e ritmos de produção em escala mais local etc. (HOLANDA & MORATO, 2015).

patriarcal desse período, partindo dos preceitos do catolicismo, oriundos do Concílio de Trento, a fim de assegurar a “manutenção do modelo familiar cristão tradicional” (NUNES, 2000, p. 495).

Não obstante, compreende-se que a Igreja influenciou fortemente o Brasil e de forma singular no âmbito educacional que combinavam os interesses liberais e ultramontanos, porém ambos defendiam suas particularidades antagônicas: “os primeiros lutavam para dar à igreja a matriz do catolicismo nacional, e os últimos, acentuando o caráter universalista da Igreja romana” (AZZI, 1992, p. 71). Dentro dessas concepções, as instituições católicas foram sendo esculpadas como “Instituição Modelo” por reunir as práticas dogmáticas⁴⁶ da Igreja. No que diz à instrução moral, intelectual e científica, ela passou a ser responsável pela educação dos sujeitos, polindo seu caráter pelas práticas socioeducativas governadas pelas congregações religiosas no Brasil.

Nesse momento, a cidade de Belém do Pará se tornou palco de atuação social, a fim de se expandir a fé católica por meio das missões religiosas. A Europa, em decorrência da Revolução Francesa⁴⁷, atravessou conflitos políticos e ideológicos entre Igreja e os Estados europeus. Por este motivo, a ideologia de um Estado laico dificultou as atividades religiosas. E neste turbilhão de acontecimentos, “as congregações católicas encontraram então na vinda para o Brasil uma solução para este problema, mostrando-se motivadas pela ideia da “missão” em terras estrangeiras e legitimando, oportuna religiosamente, o êxodo da Europa” (NUNES, 2000, p. 492). Nessa perspectiva, em 14 de setembro de 1903, o navio Colombo desancorou em Gênova durante a noite, trazendo as

⁴⁶Para a Igreja Católica, dogma é uma verdade de fé revelada por Deus. Logo, um dogma é imutável e definitivo; não pode ser mudado nem revogado, pois Deus, sendo Perfeito e Eterno, não está sujeito à mudança. – O SENHOR é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13,8). Uma verdade divinamente revelada só pode ser considerada dogma quando proposta diretamente à fé cristã católica, através de uma definição solene (clarificação ou esclarecimento da Sã Doutrina), portanto infalível, do Magistério da Igreja. Para que tal aconteça, são necessárias duas condições: O sentido deve ser suficientemente manifestado como sendo uma autêntica verdade revelada por Deus; Essa verdade ou doutrina deve ser proposta e definida solenemente pela Igreja, Corpo de Cristo como um todo. ([Http://www.ofielcatolico.com.br/2004/10/os-dogmas-da-igreja-catolica.html](http://www.ofielcatolico.com.br/2004/10/os-dogmas-da-igreja-catolica.html) acessado em: 05/08/2016).

⁴⁷A Revolução Francesa se instalou por meio de um processo social e político que se desvelou entre 1789 e 1799 em França e que, com o tempo, se estendeu a outros países. Sendo assim, suas principais consequências, estava associada à queda do rei Luís XVI, acabando assim com o Antigo Regime (um sistema onde o poder recaía numa única pessoa e onde não existia a mobilidade social). A partir da abolição da monarquia francesa, que foi proclamada a Primeira República, visto que tense este período como revolucionário devido às contradições internas e divisões entre os seus próprios impulsores, até que, em 1799. Com o 18 Brumário, Napoleão Bonaparte deu um golpe de Estado, dando por finalizada a revolução entre suas principais conquistas cabe citar: a criação do consulado; na área da educação, incentivou a escola primária gratuita e obrigatória, criou ginásios e liceus nas grandes cidades e um centro de formação de professores em Paris. Além disso, promoveu a criação de uma universidade subordinada ao Estado, que coordenava as faculdades destinadas a formar quadros técnicos e políticos (BOULOS, 2013, p. 454).

seis primeiras missionárias vinculadas à congregação Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena para o Brasil como vislumbra a imagem 16.

Imagem 16 – Pintura do Navio Colombo



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Durante 24 dias, navegaram sobre mar aberto, levando na bagagem os corações contritos, as bênçãos apostólicas do papa e de madre Savina, que comovida com a partida de suas amigas e irmãs em Cristo Jesus, tinha a certeza de que não mais as veria como em outrora. Nesse sentido, Alimandi (s/d) sinaliza sobre os ideais das missões: “todavia é preciso seguir [...] esta também é uma missão: educação de juventude, socorro dos pobres, salvando as almas, em toda parte há tanta miséria e tanto bem a ser feito. Sem dúvida, é um risco que se corre” (ALIMANDI, s/d, p. 123).

Na manhã do dia 07 de outubro de 1903, aportou no cais de Belém do Pará o navio Colombo com as imigrantes missionárias, como mostra a imagem 17, que pela primeira vez pisaram em solo brasileiro: Celestina Lemmi, Edvierge Pescucci, Gesuina Nutarelli, Cristina Daddi, Tecla Doro, Candida Mainardi vindas da Itália, especificamente da cidade de Gênova, conforme imagem 18, acompanhadas pela assistente geral Irmã Bernardina Pichelli, grupo feminino da ordem religiosa denominado “Irmãs dos Pobre de Santa Catarina de Sena”.

Vale ressaltar que Belém foi o primeiro lugar de obras missionárias realizadas pelas missionárias italianas, assentando-se em solo paraense, recebidas pelo reverendo

bispo diocesano Dom Francisco Maia⁴⁸, segundo a imagem 19, que solicitou a vinda delas por meio do contato com Madre Savina Petrilli quando esteve em Roma em 1899, argumentando na época que havia a carência de cultura religiosa na região (ALIMANDI, s/d, p. 120-121).

Atingir uma expansão dessa relevância para madre Savina era motivo de realização, visto que ela contemplou em vida aquilo que lhe foi designado há anos atrás, isto é, ampliar a missão por meio da congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena⁴⁹. Então chegar ao Brasil, sem dúvida, foi resultado de muito esforço e perseverança. Alimandi comenta sobre a arquitetura da cidade observada pela madre:

Naturalmente embora a humilde Irmã toscana tenha perguntado e lido algo a respeito, não sabe muito sobre Belém. Ignora que foi fundada em 1615 com o nome de Maria do Grão-Pará que se trata de uma cidade típica, de imensos parques e ruas, com uma flora luxuriante (...) Ela só sabia que, no início do século, pouquíssimas congregações religiosas haviam fundado casas no Norte, ao equador, próximo ao rio Amazonas, não se dão conta disso? Quantas dificuldades para superar devido ao número exíguo de pessoas disponível! As irmãs dos pobres são mesmo poucas (ALIMANDI, s/d, p. 121).

⁴⁸A figura do bispo Dom Francisco Rêgo Maia (1849-1928), nasceu no Recife em 1849. Em Roma, laureou-se em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana. De regresso ao Brasil, nomeado professor e Reitor do Seminário de Olinda, secretário particular de D. Vital, conde da Catedral, Vigário Geral do bispado por ocasião da “Questão Religiosa”, cargo este que também exerceria no episcopado de D. João Esberard, quando bispo de Olinda. Elevado ao episcopado a 12/09/1893 foi consagrado em Roma a 26 de novembro do mesmo ano, tomando posse de sua diocese, por procuração, a 25 de fevereiro do ano seguinte. Ao chegar ao Brasil, encontrou o país convulsionado com a Revolta da Armada, que estourou a 6 de setembro de 1893, estando Niterói submetida a severo bombardeio da esquadra sublevada, sendo que tal revolta só cessaria a 13 de março de 1895. Diante deste fato calamitoso, foi então residir em Nova Friburgo, como acima referimos, e, a seguir, em Campos, até ser sua sede episcopal novamente transferida, para Petrópolis. Apesar da situação anormal em que se achava a diocese, escreveu cerca de dezoito Pastoris, refletindo o pensamento de hora grave por que passou o Estado do Rio. Em 1901, foi transferido para a então Diocese de Belém do Pará, tendo renunciado em 1906. (<http://arqnit.org.br/arqnitfinal/d-francisco-do-rego-maia-1893-1901> acessado em: 05/08/2016).

⁴⁹A congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena foi fundada em Sena na Itália, em 08 de setembro de 1873, por madre Savina Petrilli, servindo aos irmãos e educando a infância e juventude pobre e desvalida.

Imagem 17 – Primeiro Grupo de Irmãs Missionárias advindas de Gênova para Belém



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Imagem 18 – Primeiro grupo de Missionárias junto ao acolhimento imediato do Bispo Diocesano e do povo de Deus



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará, 1903.

Imagem 19 – Bispo diocesano de Belém, Dom Francisco Rêgo Maia



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Antes de todo o trajeto das missionárias, tudo foi planejado para que nada desse errado. No plano espiritual, foram dispensadas muitas rezas em favor das jovens e o apoio da mãe pela corajosa decisão de enviá-las à diocese paraense. Assim, com propósito de simbolizar a proteção divina, a senhora Luisina Franchi Mussini doou à beata Savina uma pintura para ocasião da primeira viagem das Irmãs dos pobres para o Brasil como exposto na imagem 20 (IRMÃS DOS POBRES, 1996, p. 25).

Imagem 20 – Réplica do quadro Sra. Mussini doado à Beata Savina



Fonte: Acervo fotográfico do Memorial *Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará*, 1903.

Ao residirem em Belém, às Irmãs foram remanejadas para que trabalhassem como auxiliar do pároco no ensino de formação cristã de meninas pobres da paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, assim foram remuneradas pela Igreja e mantiveram seu sustento para permanecerem no Brasil. Neste ínterim, a primeira instalação delas foi em uma casa localizada na avenida Generalíssimo Deodoro, esquina da *avenida Gentil Bittencourt*, como a imagem 21 expõe. Diante das atividades que elas já exerciam, as missionárias adquiriram um público considerado para darem continuidade na educação de meninas, assim fundaram um espaço educativo na própria casa que residiam cujo espaço foi destinado à aprendizagem de trabalhos manuais tais como: bordados, pintura, canto

orfeônico⁵⁰ e Formação Cristã, entre outras práticas educativas que ganharam maturidade de forma gradativa.

Imagem 21 – Primeira casa onde as missionárias foram alojadas, localizada na Av. Generalíssimo Deodoro



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará, 1903.

Nesse entretempo, o ensino nas escolas paroquiais funcionou como uma reorganização acerca da fé católica, ao passo que com esta estratégia criada pela Igreja, garantiu a recatolização na cultura escolar republicana laica. Logo, o episcopado brasileiro induziu a fundação de escolas primárias em cada paróquia, que eram comumente conhecidas como paroquiais, com esta forte intervenção contra o Estado laico a educação católica, que disputou espaço com as escolas públicas de regime republicano, já que nelas foram implementadas a nova “Pedagogia Moderna.” (DALLABRIDA, 2011, p. 80).

⁵⁰O canto orfeônico é considerado um elemento caracterizador da educação moderna, que possibilita o educando a se socializar e disciplinar não somente a voz, mas a todo um conjunto tornando-se um dispositivo de poder na educação (Grifos meu). Neste sentido, segundo Barreto (1970) O Canto em conjunto impõe a nação de solidariedade no esforço, acostuma o indivíduo a fundir suas próprias experiências com as dos seus companheiros, ensina-lhe a sentir e agir em massa, realizando o seu trabalho de acordo com o trabalho do grupo, tornando-o consciente de ser parte de um todo num conjunto organizado, valorizando, assim, a necessidade de uma disciplina por todos consentida e adotado com um fim de conseguir a melhor execução musical (BARRETO, 1970, p. 70-71).

Conquanto, houve uma procura acentuada para inserção de novas meninas na escola que funcionava na residência das religiosas, conseqüentemente elas necessitaram de novas instalações, devido à nova demanda de matrículas. Em 18 de março de 1904 na avenida Braz de Aguiar em Belém, foi inaugurada oficialmente em um novo espaço educativo, amplo para melhor acomodação das meninas, que foi nomeada de Escola Paroquial. A nova escola consistia em um barracão de madeira com três salas sustentadas por colunas de alvenaria, que comportavam 200 meninas, assistidas pelo serviço gratuito das irmãs, onde recebiam instrução das aulas de ensino elementar e primário⁵¹ que foi mantido até 1909.

Para Saviani (2007), as instituições foram criadas para atender às necessidades humanas e instituições como unidades de ação. Nesse seguimento, após a fundação do referido espaço educativo, a demanda de meninas a serem educadas pelas Irmãs tomou grande proporção, haja vista que no mesmo ano, em abril, já contava com um número de 500 meninas ao ponto de exigir um aumento do estabelecimento que lhes davam condições de atingir a transmissão dos saberes para todas elas. Assim, segundo imagem 22, registrou-se a presença de meninas desvalidas e pobres, que eram assistidas pelas irmãs missionárias. No mais, nota-se a existência de moças oriundas de outras classes sociais infere-se que à educação que era oferecida neste contexto, repercutiu de forma positiva no seio social paraense, onde a demanda de atendimento foi exposta a outras classes sociais.

⁵¹No livro de Exames e Registros do Instituto Santa Catarina de Sena afirma que: Ensino Elementar e Primário tinha como prioridade a instrução básica das alunas, como exemplo, ensino das primeiras letras, noções de *Arithmeticae* a ampliação do ensino cultural como língua Nacional, conhecimentos religiosos associado aos Cursos Primários Oficiais do Estado do Pará por acto de I.Ex^a do Interventor Federal, Major Joaquin Magalhães Barata, que baixou Decreto nº 1.383 de 11 de Setembro de 1934 (Livro de Exames e Registros, 1934).

Imagem 22 – Terceiro grupo das 500 primeiras meninas da Escola Paroquial em 1904



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Sob esta ótica, as missionárias enfrentaram grandes dificuldades financeiras porque os padres barnabitas⁵² não tiveram condições de continuar a remunerá-las pela paróquia, entretanto, elas não viram alternativa senão fundar uma instituição privada para mantê-las, pois já havia público-alvo garantido para este seguimento, além da obra de caridade que já mantinham. Diante das dificuldades em curso, as Irmãs revezavam suas

⁵²Ao chegarem a Belém o primeiro grupo barnabita foi acolhido pelos Irmãos Maristas, também franceses recentemente instalados (1902) no convento/colégio do Carmo. Dom Francisco do Rego Maia então superior da diocese de Belém havia negociado “a direção do Seminário Diocesano de Nossa Senhora da Conceição e a gestão da Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Desterro”, importantes instituições ambas na cidade o que provocou reclamações do clero secular principalmente no que dizia respeito à concessão da gestão da freguesia de Nossa Senhora de Nazaré que já concentrava um dos maiores eventos da Igreja local: as festividades ligadas ao culto e o círio da santa, ante as reclamações do clero e dos paroquianos, mesmo contrariado o bispo recua e demora ainda mais um ano para estabelecer definitivamente os barnabitas em Nazaré. Em 1905 após negociações com o clero secular os barnabitas assumem a então freguesia de Nossa Senhora de Nazaré substituindo o então pároco Frederico Benício da Costa por Francisco M. Richard, cabe ressaltar que esta freguesia tinha uma enorme extensão sendo posteriormente desmembrada: ‘foram assim as de São Miguel (Cremação), Nossa Senhora de Fátima (antiga matinha), São José de Queluz (São Braz) e boa área da pedreira’ (RAMOS 2003, p.47), ainda hoje a paróquia de Nazaré (Antiga freguesia) está no centro das atividades religiosas católicas em Belém, iniciava-se então os trabalhos pastorais e a afirmação da congregação em meio a sociedade belenense e posteriormente em vários municípios paraenses (GOUDINHO, 2014, p. 1).

atividades no barracão, como exposto na imagem 23, onde foi realizada a primeira cerimônia de formatura das alunas, entretanto, logo tiveram outras oportunidades, como em 12 de Abril de 1909 na avenida Nazaré em Belém, 108, de fundar o Instituto Santa Catarina de Sena.

Sendo assim, em concordância com suas ideias, às irmãs missionárias e o Rev. D. Santinho Coutinho que substituiu D. Francisco Rêgo Maia, considerou pertinente a ampliação de suas atividades educativas, legalizando o instituto com regime de Externato e Internato a partir de 1909, para meninas conforme imagem 24, que viviam na capital e/ou que vinham de outros lugares, tendo a instituição católica como modelo de qualidade e formação cristã, oferecendo orientação educacional e profissional, ao amparo da juventude e da assistência aos pobres e desamparados, respondendo à proposta de Savina Petrilli.

Imagem 23 – Cerimônia da primeira formatura no Barracão



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Imagem 24 – Primeiro Grupo de Meninas do Internato



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Para atender esta necessidade, no ano de 1910, foi mantida a Escola Paroquial (para crianças pobres) que funcionou desde a residência das Irmãs, cujo nome foi denominado neste período de Escola Paroquial Nossa Senhora de Nazaré. Para a fundação deste espaço filantrópico, as religiosas contaram com a ajuda das senhoras, Santa e Dolores Mc Dowel, que futuramente solidificaram o Instituto para alunas pensionistas. Vale ressaltar que o jornal da capital intitulado “Folha do Norte” circulava na cidade e divulgava chamadas para a realização de aulas de prendas, além do ensino gratuito, como se pode visualizar na imagem 25.

Imagem 25 – Propaganda publicada no Jornal “A Folha do Norte” 03.11.1908

Collegio de Santa Catharina

No dia 15 de janeiro reabrir-se-ão as aulas deste estabelecimento. Além do ensino que o mesmo collegio subministra gratuitamente á infancia pobre desta capital, haverá do dia 1º de fevereiro em deante uma aula de prendas para as meninas que desejarem um ensino mais aperfeiçoado neste genero, mediante a mensalidade de 10\$, funcionando esta aula tres vezes por semana á tarde, nas terças, quintas e sabados. Para outras informações entender-se com a directoria do mesmo estabelecimento.

2114-3

Fonte: Biblioteca Arthur Vianna do Estado do Pará – Setor de Microfilmagem.

As práticas pedagógicas das missionárias foram reconhecidas pela demanda de matrículas que o Instituto recebeu. Após sua fundação, as alunas da classe elitizada de Belém somaram uma grande porcentagem, e tal fato sinalizou que os valores educativos correspondiam aos ideais que a elite esperava na educação de suas filhas, já que a clientela burguesa era composta pela classe dos políticos, médicos, empresários estrangeiros entre outras figuras que representavam a aristocracia paraense. Neste percurso, os registros históricos do instituto esboçam que o setor apostólico era confiado também às Irmãs, o ensino de catecismo dos grupos escolares do bairro de Nazaré junto à administração dos cursos: corte, costura, bordado, pintura e datilografia.

Entretanto, a instituição em 12 de setembro de 1919 foi regularizada sob o nº de ordem 24.382; livro nº 3 o registro do Estatuto dos Estabelecimentos da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, como Entidade mantenedora do Colégio Santa Catarina de Sena, Sociedade Civil Religiosa, de fins não econômicos, mas filantrópicos de caráter Educativo e Cultural, o qual coordenava a Assistência Beneficente Social, já que a educação tinha sido direcionada ao público pobre em primeira instância.

A esfera educacional da referida Instituição oferecia à sociedade o ensino de vários graus profissionais, todavia, com o propósito de atender os desafios no campo educacional, o Instituto Santa Catarina de Sena como expõe a imagem 26, expandiu suas práticas educacionais, inserindo cursos para capacitar a educação de meninas. Obteve-se por meio do levantamento dos cursos após a década de 20 a 67: 1926-Curso Comercial em “04 anos” diplomou 48 alunas; 2 e 3 séries propedêuticas; 1934-Curso Primário equiparado aos demais cursos do estado; 1935-Curso Comercial Básico; 1943-Curso de Guarda-Livros; 1945-Técnico em Contabilidade; 1949-Ginasial; 1967-Colégio Normal.

Para atender às necessidades do espaço era necessário cobrar financeiramente as alunas denominadas de pensionistas pela educação ministrada no Instituto, elas eram submetidas à exame de admissão, a fim de serem inseridas no educandário. De tal modo, o financeiro foi indispensável devido à situação que as missionárias passaram para manter erguido este espaço educacional e as obras de caridade mantidas por elas.

Imagem 26 – Instituto Santa Catharina de Sena localizado na Av. Nazaré em Belém em 1909



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Diante do exposto, a educação em instituições religiosas foi criada com objetivos comuns e semelhantes, já que tinham o ideário de instruir no sentido de transmitir os valores expressos na filosofia moral-cristã. Para a Igreja católica, educação e fé são insubstituíveis no caráter do ser humano, isto é, “educar é formar cristãmente as pessoas” (PASSOS, 2002, p. 185), no entendimento do autor a educação católica:

Em linhas gerais, teve por princípio formar as inteligências para a verdade. O objetivo central era garantir a formação religiosa e a educação da fé. A concepção que orientava o pensamento cristão, num primeiro momento, baseava-se na teoria do pecado original. Todo processo formador do ser humano é um processo de volta àquela imagem do homem perfeito, criado por Deus. Ou seja, não se trata de construir um novo ser, mas de volta a ser perfeito, destruído pelo pecado. A inspiração deste princípio era agostiniana e articulava as categorias de graça e pecado (PASSOS, 2002, p. 187).

Em particular, o Instituto Santa Catarina de Sena possuiu características únicas que fizeram parte da construção de sua história como exemplo, as práticas educativas desenvolvidas e focadas na formação das meninas. Estas práticas constituem uma parte da cultura imaterial do espaço escolar. Nesse sentido, a cultura escolar está presente nesta

instituição, a qual possui identidade própria, cultura política própria e cultura religiosa própria. Para confirmar este pensamento, Julia (1995) aponta que:

A cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, como um conjunto das culturas que lhes são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular (JULIA, 1995, p. 10).

No mais, para Chervel (apud SABINO 2015):

O estudo da cultura escolar permite compreender o funcionamento e a organização da escola por meio de tipologias e dos usos de determinados artefatos, que somente ganham sentido se relacionados ao tempo, ao espaço e aos diferentes métodos de ensino e natureza das disciplinas escolares (CHERVEL apud SABINO, 2015, p.1).

Assim sendo, para melhor compreensão da História da Educação no Pará, articulada ao construto sócio Histórico do Instituto Santa Catarina de Sena, usou-se a cultura escolar como processo de análise porque, por meio dela, há possibilidade de relacionar e interpretar as práticas culturais exercidas no espaço escolar. Neste prisma, ao compreender as práticas socioeducativas da referida instituição, torna-se claro o processo educativo normatizado às referidas alunas.

Este discurso produz um reforço nos apontamentos de Nóvoa (2004) quando enuncia a pergunta “Para que serve a História da Educação?”, e uma de suas conclusões encaixa-se nas referências “para compreende a lógica das identidades múltiplas”. Para o autor é por meio dessa história, que se define a memória e as tradições, pertencas e filiações, crenças e solidariedades em um mundo plural “para pensar os indivíduos como produtores de História” e “para explicar que não há mudança sem história”, ao passo que as mudanças são pensadas a partir de um determinado lugar e sem história significa dizer que é ilusão (NÓVOA, 1996, p. 10-1).

Quando se profere “mundo plural”, não se pode desvincular que o mundo é composto por uma pluralidade pragmática interligada à “cultura”, de maneira que nela reverberam-se as multifaces de significados que estas palavras trazem. Chartier (2009) atribui à noção de cultura de forma ampla, aborda que ao nascer, o indivíduo já produz cultura, por meio da linguagem esta representação está ligada às “práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vive e reflete sobre sua relação com o mundo com os outros ou com eles mesmos” (CHARTIER, 2009, p.34). Todavia, se o sujeito ao

nascer produz cultura, suas ações e seus gestos estão ligados à produção de novas práticas que não se pode deixar de compreender, que os indivíduos ao se relacionarem produzem culturas e adquirem novos conhecimentos.

O Instituto Santa Catarina de Sena era visto como um espaço social, inserido no seio da sociedade paraense desde o início do século XX. Em sua construção foram vinculadas novas dimensões culturais exercidas pelas práticas educativas das missionárias italianas, que possivelmente acrescentou à cultura local, novos padrões educativos na formação de meninas de ambas as classes sociais.

A discussão do espaço escolar como social é necessária nesse contexto, visto que as contribuições de Durkheim (1952) e suas reflexões acerca do pensamento educacional e social trazem a ideia de que a educação é capaz de moldar o homem e transformá-lo, proporcionando a elaboração de fundamentos educacionais voltados para a construção moral e coletiva. Destaca-se que a Educação e a Sociologia são compreendidas por meio de dois aspectos: homens de sensibilidade e homens de ação, no sentido de que alguns indivíduos são destinados a refletir com gêneros de vida variados, que possuem funções diferentes a preencher na sociedade.

Assim, a educação passa a ser concebida como fenômeno social por excelência, destinada a socializar os indivíduos. No entanto, é importante lembrar que cada sociedade possui suas escolas que dirigem a educação que lhe convêm. Todo o construto social do passado reverbera nas práticas de princípios que dirigem a educação do presente. Independente da classe social de cada sujeito, a instrução educacional que cada classe recebe será com o intuito de incutir e fixar ideias como “verdades únicas” nas mentes dos sujeitos, é o que se pode denominar de ideologia⁵³.

⁵³Uma **ideologia** é um conjunto de ideias conscientes e inconscientes que constituem os objetivos primordiais do indivíduo, expectativas e ações. Uma ideologia é uma visão abrangente, uma maneira de olhar as coisas como em várias tendências filosóficas, ou um conjunto de ideias propostas pela classe dominante de uma sociedade para todos os membros da mesma (o chamado produto da socialização). As ideologias são sistemas de pensamento abstratos aplicados a questões públicas, tornando este conceito central para a análise política. Implicitamente, qualquer tendência política ou econômica implica uma ideologia, uma proposta explícita de pensamento ou não. O termo "ideologia" nasceu nos debates filosóficos e políticos altamente controversos, durante as lutas da Revolução Francesa, tendo adquirido vários outros significados a partir do início do Primeiro Império Francês. A palavra foi cunhada por Destutt de Tracy, em 1796, juntando "idea" a "logia". Ele a usou para se referir a um aspecto da sua "ciência das idéias" (para o estudo em si, e não o objeto de estudo). Ele separou três aspectos: a ideologia, a gramática geral e a lógica, considerando, respectivamente, o sujeito, o meio e a razão desta ciência. Tracy argumenta que entre estes aspectos, a ideologia é o termo mais genérico, pois a ciência das ideias também contém o estudo da sua expressão e dedução (PORTO, s/d).

Dentro deste pensamento defendido pelo autor, a educação não tem como objetivo oprimir o homem e nem retirar sua essência, mas sim torná-lo um sujeito dialeticamente e socialmente autônomo. A ação exercida pela sociedade, especialmente através da educação, não tem por objeto, ou por efeito, comprimir o indivíduo, amesquinhá-lo, desnaturá-lo, mas ao contrário, engrandecê-lo e torná-lo criatura verdadeiramente humana (DURKHEIM, 1952, p. 36).

A partir desses conceitos, sabe-se que o homem é um ser social em permanente construção, adaptável ao seu contexto cultural, ou seja, é possível dizer que as meninas inseridas no Instituto Educacional em questão, obtiveram seus valores culturais galgados pela educação que a congregação das Irmãs dos de Santa Catarina de Sena ofereceram a elas. Por fim, os sistemas culturais, educacionais e sociais transitam juntos, posto que, todos agregam valores à espécie humana. Pode-se ainda dizer que a sala de aula é um espaço marcado por várias modalidades, porque é por meio dela que a criança compreende, por exemplo, como o mundo é constituído; quais as regras para viver em sociedade; a concepção do que é bom ou mal entre os homens e entre outras construções de valores sociais.

Seção IV

A cultura escolar como vetor de relações sociais conjugadas às Práticas Educacionais do Instituto Santa Catarina de Sena, no século XX em Belém do Pará



Fonte: Álbum de comemoração ao centenário do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos – sedimentadas a lo largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y compartidas por sus actores en el seno de las instituciones educativas (FRAGO, 2000, p. 3).

A presente seção explana sobre os aspectos essenciais do estudo da cultura escolar para pesquisas em História da Educação, bem como a sua relação com o contexto do I.S.C.S, já que a instituição é eixo do referido estudo. Nesta investigação, os regimentos Internos do instituto e da escola gratuita (Anexa ao I.S.C.S) foram artefatos culturais de exploração para análise das práticas educativas na formação das meninas do período 1903-1960. Neste sentido, outros ângulos importantes foram avaliados, visto que possuíam uma função para o funcionamento do cotidiano escolar tais como: a cultura material escolar, que está correlacionada com a funcionalidade das trocas de conhecimento e metodologias de ensino, as narrativas orais que trouxe luz às práticas de ensino do I.S.C.S entre as outras fontes documentais que foram usadas para estruturar e corroborar as atividades desenvolvidas no Instituto.

A cultura escolar tem sido objeto de investigação nas pesquisas engajadas no campo da História da Educação, já que esta expressão tem sido fomento nas discussões oriundas das crises educacionais conduzidas por Bourdieu⁵⁴ e Passeron⁵⁵ em seus diversos textos, nas quais se pode citar como exemplo, o livro “A reprodução” editado no Brasil no ano de 1975 que tomou grande proporção quando de certa forma incitaram ao desafio de pesquisas no campo educacional brasileiro, não apenas a refletir sobre as reformas educativas e na perspectiva de ancorar outros referenciais teóricos para interpretar o âmbito escolar. Neste sentido, expõe-se esta temática aos educadores, por haver a necessidade de compreender e assimilar a existência da cultura escolar como fonte de exploração.

A partir da década de 1970, as problemáticas da História da Educação Brasileira, refinaram-se de forma considerável, mas também desconheceu, em grande parte, o estudo das práticas escolares (OLIVEIRA, 2015, p. 05). Dominique Julia criticava as análises de numerosos historiadores como Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron que viam a escola apenas como um meio inventado pela burguesia para adestrar e normalizar os indivíduos. Para Julia (2001), a escola ela é reprodutora de ideologias, e também carrega consigo um

⁵⁴Adicionar a leitura do seguinte trabalho que abordam a proposta de Pierre Bourdieu: NOGUEIRA, A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. Artigo publicado na revista Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 78, Ed. Abril,2002.

⁵⁵MASSON, Philippe. Retorno sobre Os herdeiros de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Revista Linhas. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 92-111, jul./dez. 2014. Título original: Retoursur Les Héritiers de Pierre Bourdieu et Jean-Claude Passeron. Traduzido por Ione Ribeiro Valle, com revisão técnica de Ione Ribeiro Valle. DOI: 10.5965/1984723815292014092 <http://dx.doi.org/10.5965/1984723815292014092>

manto de uma igualdade abstrata, que veicula as desigualdades herdadas, pela reprodução das heranças culturais e pela reposição do mundo tal qual ele é, questionando assim, os possíveis acordos entre a cultura que vem do alto pelo Estado e a cultura popular (JULIA, 2001, p. 12).

Dentro da perspectiva cronológica, a constituição da cultura escolar se justifica a partir desses elementos sócio históricos, que vêm viabilizando uma análise mais sintetizada sobre as normas e finalidades que regem a escola, no sentido de se atingir mais facilmente os textos reguladores, os projetos pedagógicos e as próprias realidades. Assim, é nos tempos de crise e de conflitos dentro da escola, que se pode captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas a ela, para alcançar e alimentar este discurso. Em destaque alguns autores que fomentam esta discussão: Antônio Viñao Frago, Antônio Novoa, Guy Vicente Lahine, Daniel Thin, Jean Hébrard, André Chervel entre outros.

Para André Chervel (1998):

A noção de Cultura escolar [...] comporta uma ambigüidade de princípio trata-se ela cultura que se adquire na escola, ou da cultura que só se pode adquirir na escola? Dito de outro modo, por “Cultura escolar” queremos significar a parte da cultura global que é difundida pela escola às novas gerações, ou, pelo contrário, uma cultura especificamente escolar, não só no seu modo de difusão, mas também na sua origem, na sua gênese e na sua constituição? (CHERVEL, 1998, p. 5).

Observa-se que o autor explora a cultura escolar na perspectiva funcionalista, que tange à especificidade desta cultura, estimulando seu estudo por meio de compreender a forma que ela é produzida e absorvida. Para tanto, Chervel (1998) aplica seus estudos no processo de explicação do saber escolar, visto que ele explora a história das disciplinas escolares, a fim de conhecer o universo dos conteúdos que são repassados aos indivíduos, e como se desenvolve este sistema. Não obstante, o escritor considera que uma disciplina é: “em qualquer campo que se encontre um modo de disciplinar o espírito, que dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento, da arte” (CHERVEL, 1990, p. 180).

Quando o autor destaca as disciplinas escolares como categoria de análise da cultura escolar, ele transporta sua forma de compreender os processos de ensino-aprendizagem no espaço educativo aos valores políticos e econômicos da sociedade civil. Neste sentido, agrega-se a escola uma dimensão diferente de vê-la, como por exemplo,

de que forma estes conteúdos estão sendo abordados e trabalhados perante os alunos e profissionais da escola, então “formar não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global”. (CHERVEL, 1990, p.184).

Julia (1995) afirma que:

Cultura escolar é um conjunto de normas que definem saberes a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses saberes e a incorporação desses comportamentos, normas e práticas que são subordinadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA,1995, p. 356).

À frente deste conceito pode-se compreender que esta cultura é o resultado das normas que definem os comportamentos subordinados às finalidades sócio históricas de cada época, de acordo com a incorporação de saberes transmitidos pelas práticas educativas institucionais. Neste seguimento, encontra-se a presença de dois recursos, a “prática”, que proporciona a funcionalidade; e as “normas”, que estruturam e mantém o bom funcionamento do maquinário educacional, instalada na escola para finalidades sociais gerais. Neste caso, menciona-se que a escola é uma mediadora na sociedade, ou seja, o que é absorvido em seu interior, também não está alheio à “Cultura Geral”, absorvida fora dela. Logo, pode-se inferir que o espaço social que as instituições educativas possuem, desenvolve-se num processo de aculturação específica, na qual consiste a apropriação de uma cultura familiar e de grupo, para uma extensão social/global.

Chervel (1998) acrescenta que:

É o próprio sistema educativo, esse imenso corpo de dezenas, e depois de centenas de milhares de profissionais, que toma a seu cargo a concretização dos grandes objetivos de que foi incumbido. Para isso, ele põe de pé, métodos, exercícios, progressões, teorias, que, após confrontação com outros concorrentes, acabam por sobreviver, através de um processo de seleção natural, num oceano de tentativas individuais. Ora é precisamente neste processo que os decisores políticos e a administração educativa apostam. Longe de o contrariarem para imporem, arbitrariamente, as soluções didáticas da sua preferência, a administração prefere favorecer todas (ou quase todas) às iniciativas, porque sabem que é a economia íntima do sistema educativo que está em jogo. Enquanto os grandes objetivos não forem postos em causa, o ministério, a administração, a inspeção abstêm se de intervir. (CHERVEL, 1998, p. 194).

O autor mantém um ponto de vista diferente, quando expõe os resultados de seu estudo acerca da história das disciplinas na França, que está diretamente relacionada à cultura escolar. Chervel (1998) desvela seu entendimento sobre a escola que não se limita apenas a reproduzir uma cultura exterior, porém ela, na sua concepção fabrica sua própria cultura específica. Nesta perspectiva, o corpo social escolar possui vida própria, e conduz seu sistema interior. Pensamento que já havia sido exposto na obra de Durkheim (1938) em *“L'évolution pédagogique”*, no texto narrado por Maurice Halbwachs (1938), afirmando que:

Como todas as grandes funções sociais, o ensino tem um espírito, expresso princípios gerais da administração escolar nos programas, nas matérias ensinadas, nos métodos, e um corpo, uma estrutura material, que, em parte, exprime esse espírito, mas que, por vezes, reage a ele, colocando-lhe a sua marca própria e impondo-lhe, temporariamente, os seus limites. Das escolas catedrais às universidades medievais, destas aos colégios dos jesuítas, depois aos nossos liceus, houve, certamente, muitas transformações. E isto porque os órgãos de ensino estão, em cada época, em relação com as outras instituições do corpo social, com os costumes e as crenças, com as grandes correntes de ideias mas eles têm também uma vida própria, uma evolução que é relativamente autônoma, no decorrer da qual eles conservam muitos dos traços da sua estrutura antiga. Eles defendem-se, por vezes, contra as influências que se exercem sobre eles, do exterior, apoiando-se sobre o seu passado. (HALBWACHS, 1938).

Nessa ótica, a cultura escolar está presente na forma como são articuladas as práticas e os saberes repassados pelos sujeitos que compõem as instituições educativas. Na tentativa de somar novas concepções ao termo: cultura escolar, Jean Claude Forquin (1993) aborda o uso dessa terminologia como um conceito sociológico e etnológico de cultura. Para ele é interessante focar e considerar que os sujeitos de classe social diferentes chegam ao âmbito escolar, manipulados por características culturais externas. Para tal realidade, o autor diz que: “os alunos de diferentes meios sociais chegam à escola portando certas características culturais, que influenciam diretamente a maneira pela qual eles respondem às solicitações e às exigências inerentes à situação de escolarização” (FORQUIN, 1993, p.166).

Por outro lado, cada professor é possuidor de um perfil próprio, com seus saberes, referenciais e valores ocultos à sua realidade, muitas vezes contidas por vozes opostas, que farão parte dessa cultura. Sobre as características escolares, o autor expõe: “tem suas características de vida própria, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seus imaginários,

seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolo” (FORQUIN, 1993, p. 167).

A partir das ideias expostas por Forquin (1993), compreende-se que essas são apenas características da cultura e não da cultura escolar, de maneira que para ele a melhor interpretação se define “como o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos que, selecionados, organizados, normalizados, rotinizados, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas”. (FORQUIN, 1993, p. 167).

Outro ponto de vista importante a ser abordado nesta pesquisa é feita por Viñao Frago, contribuindo com o estudo locado no espaço e no tempo escolar. Nesse aspecto, ele mostra a cultura escolar como objeto histórico, já que, ele destaca que existe a necessidade de compreender essa cultura com a contribuição da sociologia à antropologia das práticas cotidianas. Ele enfatiza que: “a cultura escolar pode ser defendida como um conjunto de ideias, princípios, critérios normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas” (FRAGO, 2000, p.100). Nas escolas, encontra-se e se produzir modos de articulações diferenciadas, que atingem os indivíduos comprometidos nas práticas escolares, estratégia para desenvolver as aulas e os projetos no espaço das instituições.

Não obstante, espaço e tempo são utilizados pelos sujeitos inseridos na escola. Então, a forma como estão sendo manipuladas estas atividades cotidianas da escola irá determinar as práticas e os modos de pensar e fazer a escola em si. Para isso ele infere que o tempo e o lugar são considerados “diverso e plural, individual e institucional, condicionante e condicionado por outros tempos sociais”. (FRAGO, 2000, p. 101). Este tempo, pode ser conflituoso e precisa ser compreendido nas dimensões de atitudes tomadas por pedagogos, inspetores e mestres. Trazendo ao espaço escolar leis, regulamentos que promovam o bom funcionamento das instituições. Portanto o tempo e espaço não são neutros, mas contribuem e determinam uma parte da cultura escolar.

Ao fazer uma analogia sobre a cultura escolar, foi possível encontrar uma relação com a Cultura Material Escolar⁵⁶, que também tem sido, recentemente, estudada no

⁵⁶Segundo Castro e Castellanos(2013), esta temática – a cultura material escolar – abarca um emaranhado de saberes e de práticas que, para serem compreendidas nas suas múltiplas dimensões, devem-se considerar alguns aspectos como as disciplinas escolares, localização geográfica, as estratégias de produção, circulação e principalmente as diferentes formas de apropriação e uso, que sem dúvidas estavam relacionadas ao tipo de escola, à graduação dos alunos, ao método de ensino e ao gênero a que se destinavam. (CASTRO e CASTELLANOS, 2013, p. 176). “Reconhece-se os objetos escolares como portadores de mensagens, vestígios da circulação de ideias pedagógicas, indicadores de práticas (não uma

campo educacional brasileiro, a qual influencia na construção do saber, no que tange o olhar sobre o estudo dos materiais de apoio que eram utilizados pelos professores e alunos no processo ensino aprendizagem. Assim, a Cultura Material Escolar está presente no *corpus* da coleta de dados desta pesquisa, como fontes que descrevem os artefatos sólidos, como objetos que possuem uma produção de sentido às práticas pedagógicas intrínseca do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém no início do século XX.

Todavia, esclarecer a relevância da Cultura Material Escolar como eixo analítico na pesquisa em curso, contribuirá para maior compreensão do processo educacional exercido pelas *Irmãs dos Pobres* no cenário republicano paraense. Sincronizando este caminho metodológico, considera-se que a Cultura Material Escolar se revela no campo da História da Educação como um campo fértil de estudo. Nesse sentido, é possível introduzir um olhar ao interior da escola e as práticas exercidas dentro dela, a fim de compreender sua funcionalidade, organização, artefatos (lápiz, papel, livros, mesas, fardamentos, brinquedos etc.), costumes que estão fortemente ligados a um determinado valor cultural e ao tempo vivenciado por um grupo social.

Do ponto de vista histórico, a Cultura Material Escolar se deu pela ampliação significativa da composição material da escola primária que ocorreu em meados do século XIX, no bojo do processo de constituição dos sistemas nacionais de ensino e de desenvolvimento do capitalismo. Seu surgimento se deu a partir da construção de prédios escolares, do moderno mobiliário escolar e dos novos materiais de ensino que se disseminaram de forma considerável, articulando-se com a moderna pedagogia, como o processo de escolarização em massa e a expansão do mercado industrial (SOUZA, 2007).

Para tanto, é necessário compreender que a cultura material escolar é algo que não está alheio ao contexto social das diferentes culturas do mundo ocidental no passado. A preocupação com os materiais para uso escolar remonta períodos anteriores, como se observa nos textos de Comenius⁵⁷ do século XVI, na invenção da lousa no século XVIII pelos lassalistas e na utilização de novos artefatos no ensino mútuo (BARRA, 2001).

prova real, mas um vestígio), elementos constitutivos e significativos do projeto educativo. A partir de Richard e Jean-Marie Pesez (1989), advoga-se que os artefatos, neste caso escolar, comuns e anônimos, estabelecem um laço material com uma data histórica e, através deles buscamos pistas para entendê-la e escrevê-la”. (SILVA e PETRY, 2003, p. 35-36).

⁵⁷João Amós Comênio (1592-1670) – pastor e bispo dos morávios (atual República Checa), conhecido mais pelo seu nome em latim, Comenius – é um pensador do século XVII que antecede a Rousseau em relação a propostas para a educação infantil, sendo considerado um pioneiro nesta área e o pai da pedagogia moderna. Sendo assim, Comenius foi precursor e pensador do século XVII, na proposta educacional democrática, que incluía uma educação a todos: pobres, ricos, homens, mulheres, inteligentes e aos

Nesse sentido, a expressão *Cultura Material Escolar*, por sua vez, passou a ser utilizada na área da História da Educação nos últimos anos, influenciada pelos estudos em cultura escolar, pela renovação na área provocada pela *Nova História Cultural* e pela preocupação crescente dos historiadores em relação à preservação de fontes de pesquisa e de memória educacional em arquivos escolares, museus e centros de documentação (SOUZA, 2007, p. 170).

Mas para além dos limites da escola como reforça Julia (2001), pode-se identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir, largamente difundidos no interior de nossas sociedades e modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e habilidades senão por intermédio de processos formais. Pode-se também observar os interesses que cercam a cultura escolar como reprodutora de intenções, geralmente inseparáveis dos resultados, e fruto da imposição segura de uma pedagogia normativa.

Conquanto, no trabalho dos historiadores da pedagogia sobre os textos normativos que se tendem a superestimar os modelos e projetos constituídos na cultura escolar como algo isolado, choca-se com as restrições e contradições do mundo exterior. E para entender melhor o universo escolar nas perspectivas cultural e material, é preciso, a priori, remeter esta abordagem à retomada sócio histórica dos elementos que imbricam neste processo.

Nessa perspectiva Oliveira (2015), explana que vai-se remontando a história das práticas pedagógicas desde as escolas jesuíticas no século XVI, onde se percebe um espaço escolar à parte, com edifício, mobiliário e material específicos. A potência absoluta desses projetos pedagógicos é o que conforma talvez uma utopia contemporânea. Ela tem muito pouco a ver com a história sociocultural da escola e despreza as resistências, as tensões e os apoios que os projetos têm encontrado no curso de sua execução. Conforme o exposto, Julia destaca que:

Quanto à escola elementar, tem-se a impressão de que as instituições de caridade tiveram um papel pioneiro, a partir do século XVIII: nos Países Baixos, as escolas diaconais dos pobres e os orfanatos tiveram assim, relativamente cedo, seu equipamento específico; na França, as escolas urbanas dos Frades das Escolas Cristãs dispunham de um local e de mobiliário apropriados ao ensino simultâneo e Jean-Baptiste de La

limitados de intelecto em sua obra *Didática Magna* (1632) era composta pela pansofia, prega um ensinar “tudo a todos totalmente” (Omnes Omnia Omnino). (COMÊNIO, 1966, p. 45).

Salle inspirou-se, em suas diretivas, nas experiências realizadas nas escolas das paróquias-piloto da capital a partir do século XVII (JULIA, 2001, p. 13).

Assim, é a partir do século XVI, no qual nasce o conjunto de profissionais especializados na educação, que se toma a forma de corporações ou de congregações religiosas. No fim do século XVIII, quando os estados ilustrados entendem que era necessário tomar da Igreja o controle tanto do ensino das elites como do povo, a formação profissional dos educadores se torna uma prioridade reconhecida por meio do estabelecimento das escolas ditas “*Normais*”, nascidas primeiramente em torno do monastério dos cônegos Agostinho de Sagan e desenvolvidas, em seguida, no conjunto da coroa austro-húngara, antes de se estender ao conjunto da Europa. Este modelo de escola passou de uma minoria no século XVI, para um conjunto de escolas autônomas e primárias no decorrer do século XIX (JULIA, 2001, p.14).

O esforço aqui realizado acerca da conceituação de “cultura” na perspectiva escolar e material vale como título de advertência, pois segundo Geertz (1989), é importante lembrar que o conceito de cultura vem sendo objeto de inúmeras e intermináveis reflexões no âmbito das ciências sociais, particularmente, no da antropologia. Sua apropriação por parte dos historiadores da educação, sobretudo, não se deve limitar a área de um esforço para melhor precisá-lo, tendo em vista transformá-lo em uma ferramenta mais eficaz e eficiente, na medida direta da formulação de uma definição mais rigorosa, ou de sua redução a uma dimensão mais justa (GEERTZ, 1989, p.14).

Na presente pesquisa, a escolha do Instituto Santa Catarina de Sena se tornou eixo para análise da cultura escolar, contemplada pela valorização sobre os estudos na história das instituições educativas, produzidos no decorrer das últimas décadas do século XX, sobretudo, das instituições religiosas, onde há ênfase à Cultura Material Escolar, voltando-se para os aspectos internos da escola: o vestuário, o espaço, os objetos de apoio às aulas das disciplinas curriculares, a arquitetura, tornando visível às práticas escolares e sua constituição material.

O campo investigativo da História da Educação permite que se atribuam valores ímpares à análise dos artefatos culturais inseridos no contexto material das instituições. Nesse sentido, Bencostta (2013) ressalta que:

A pesquisa em História da Educação tem identificado e analisado objetos escolares, livros didáticos, edifício, equipamentos diversos etc, utilizando a noção de Cultura material escolar para trabalhar suas

interpretações. Até para não correr o risco de naturalizar estas abordagens, padronizando-as, uma preocupação que é vista com atenção trata do movimento de esquivar-se de anacronismo que utiliza desta noção para explicar diferentes contextos que marcaram profundamente a historicidade da escola. Quando nós historiadores da educação, passamos a enxergar a escola como um ‘Lugar de Memória’, naquela concepção defendida por Pierre Nora⁵⁸ que o explica como local material e imaterial no qual se cristaliza as memórias de uma nação e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupos, que foram surpreendidos com a necessidade de compreendê-las como parte de um conjunto de representações e linguagens semânticas construídas e manifestadas no tempo e no espaço histórico. (BENCOSTTA, 2003, p. 21).

A este respeito, este estudo se fundamenta na perspectiva da cultura escolar do Instituto Santa Catarina de Sena, o qual proporcionou visibilidade às práticas pedagógicas implementadas pelas missionárias italianas da congregação das Irmãs dos Pobres, inseridas no bojo do processo de formação de meninas no século XX em Belém do Pará. A existência do conjunto destes artefatos se permite, através do âmbito histórico, compreender os processos de escolarização, que indicam quais práticas educativas eram normatizadas no espaço escolar, ou seja, por meio deste suporte material, conjecturam-se as formas de controle, bem como os conteúdos selecionados e eleitos pela escola, e os instrumentos de ensino, como eram construídos e pensados para abrigar as atividades de ensino. Ainda assim, é possível fazer uma analogia desses utensílios, buscando novos sentidos do seu uso, pois a escola não está vinculada somente ao ensino de conteúdo, mas participa de forma sólida na socialização dos indivíduos que se justificam na representação do âmbito social.

Por meio deste viés, validar a escola como ‘Lugar de Memória⁵⁹’, implica dizer que é importante refletir também sobre as fontes imateriais como caminho metodológico,

⁵⁸NORA, Pierre (Dir.). *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard (Bibliothèque illustrée des histoires), Tome 1- *La République* (1 Vol., 1984), Tome 2- *La Nation* (3 Vol., 1986), Tome 3- *Les France* (3 vol., 1992). NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos Lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. Nº10, 1993.

⁵⁹Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos. (NORA, 1993, p. 12-13). Assim, os “lugares de memória” são apresentados como lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais (NORA, 1993, p. 21), nisso diferindo somente quanto ao grau: “os três aspectos coexistem sempre” (NORA, 1993, p. 22). Neles a separação entre história e memória não seria rígida: ainda segundo o autor, os lugares de memória seriam constituídos em “um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva à sua sobre determinação recíproca” – jogo que supõe um componente político: “vontade de memória”, “intenção de memória” (NORA, 1993, p. 22) Portanto, um lugar de memória não seria meramente um lugar “digno de lembrança”. Não sendo

uma vez que elas são responsáveis pela construção de valores culturais, a partir das vivências de um determinado grupo social. A imaterialidade está ligada diretamente ao abstrato, perpetuado pela memória individual ou coletiva⁶⁰. Assim, foram coletadas as narrativas orais de ex-alunas do Instituto Santa Catarina de Sena, a fim de caminhar por meios de relatos orais, entrecruzando as experiências das ex-alunas no processo de ensino-aprendizagem, no que diz respeito às práticas educativas que elas recebiam no contexto da escola. Logo, a imaterialidade ganha visibilidade nesta pesquisa por meio das narrativas de memórias, servindo de fontes fidedignas para vislumbrar a realidade educacional do Instituto no início do século XX.

4.1 *Educação e Memória: Saberes e Práticas Aplicadas à Formação das Meninas*

Como foi explanado anteriormente, o território brasileiro sustentou por longo tempo a expansão das atividades educacionais da Igreja católica, pois é possível perceber que a partir da disseminação das congregações religiosas europeias no Brasil, tornou-se proeminente a preocupação de perpetuar e semear o catolicismo romanizado através de suas instituições, lançando-se a proposta de educação como condutora alternativa para a preservação da fé católica cristã.

O binômio, educação-religião⁶¹, transitou pelas instituições católicas de ensino por meio das ações socioeducativas das congregações europeias⁶², na perspectiva de

possível detectar ou rastrear os investimentos humanos que, ao longo do tempo, buscaram estabilizar significados para esses “lugares” (entendidos como lugares da memória da nação), ou concluindo-se que deles estaria ausente uma vontade ou intenção de memória, não seriam propriamente lugares de memória, mas “lugares de história.” (GONÇALVES apud NORA, 1993: 22).

⁶⁰Segundo Halbwachs (1990), declara que toda memória individual é também social (coletiva). Neste sentido, pode-se dizer que as memórias individuais estão imbricadas nas memórias coletivas, que são construídas através das “lembranças” do que “vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isso é nossa memória não se confunde com as dos outros”, porém é importante lembrar que quando se usa a memória coletiva, deve-se considerar e analisar o lugar ocupado pelo sujeito no interior das atividades sociais e das relações mantidas com outros meios. A formação da memória pode refletir nas lembranças “é uma imagem engajada em outras imagens” da vivência em grupo, ser remodeladas e criadas a partir de representações do passado na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido por conta da apropriação de representações de uma memória histórica. (HALBWACHS, 1990: pp. 51-55).

⁶¹A relação existente entre educação e religião que levou o clero brasileiro a ampliar sua rede de colégios, dando ênfase ao currículo de cunho literário, com a execução de disciplinas envolvendo a arte, aulas de piano, Francês e outros. (AZZI, 1992).

⁶²A entrada das ordens e congregações católicas intensificou-se após a promulgação da Constituição de 1891, que contornou o anticlericalismo radical dos primeiros meses de regime republicano, permitindo maior liberdade à Igreja Católica. Os membros das congregações imigraram com o intuito de ensinar a verdadeira doutrina Cristã, contribuindo para reconstruir o colonialismo cultural europeu, elas contribuíram para o trabalho litúrgico e catequético nas paróquias e criaram várias redes de instituição assistenciais e

instruir e formar um caráter lapidado por valores singulares da educação católica. O ensino oferecido por estas instituições agradava e foi bem recebida pela elite conservadora da sociedade brasileira, que em grande demanda procurou ser atendida nas referidas instituições.

Nesse período, o Brasil passou por transformações econômicas, políticas e sociais, com movimentos que promoveram o embate entre a ação da Igreja e do Estado, que ocasionaram mudanças no campo educacional, sobretudo, pelas escolas governadas por ordens católicas. Sob esta ótica, Dallabrida (2011) discorre que:

A laicização do Estado brasileiro, colocada em marcha pelo governo republicano e mantida na constituição de 1891, representou um corte peremptório no regime de padroado⁶³, estabelecido no período colonial e mantido durante a monarquia brasileira. Com a perda da condição da religião oficial, a Igreja Católica libertou-se da dependência em relação ao Estado e passou a concorrer com outras associações religiosas. Nas primeiras décadas do regime republicano, a Igreja Católica passou a ser profunda reestruturação institucional, vinculada estreitamente a Santa Sé, cujo traço mais visível foi o crescimento expressivo dos números de dioceses. Cada Estado da federação brasileira passou a ter no mínimo uma diocese, que centralizava e animava as ações pastorais em consonância com as determinações à cúria romana e do episcopado brasileiro. (DALLABRIDA, 2011, p. 77)

O episcopado brasileiro posicionou-se contra o Estado laico, posto que o advento de novas concepções ideológicas provocou a reação do povo, mediante os ideais de liberdade e progresso. Tal realidade imobilizou de certa forma a Igreja perante a sociedade, fazendo com que seus fiéis se afastassem do tradicional conceito religioso. Em uma acelerada solução, o episcopado brasileiro investiu na fundação de escolas católicas no país, pois a partir de tal iniciativa a presença da Igreja Católica manteve-se em evidência. Esta estratégia tentou recuperar a retomada do ensino religioso para o sistema educacional brasileiro. Segundo Azzi (1983), a reforma interessava tanto à Igreja católica quanto ao Estado, pois a Igreja era responsável pelo estabelecimento de um novo clero observado pelo celibato e dedicado exclusivamente à missão espiritual. Por outro ângulo,

educativas, como orfanatos, creches, casa de saúde, hospitais, asilos de idosos e especialmente colégios e escolas. (DALLABRIDA apud AZZI, 1990).

⁶³Movimento que visava a reformar o catolicismo, aproximando-o da Igreja de Roma, pregando um catolicismo conservador e fiel às diretrizes do papa. (PANTOJA, 2012 p. 97)

o governo trazia respostas positivas que afastavam o clero de seus ideias liberais do meio político⁶⁴.

Nesse cenário, acomodaram-se em Belém as missionárias italianas (1903) que deram origem ao Instituto Santa Catarina de Sena, escola caracterizada como “Instituição Modelo” pelo seu padrão tradicional de ensino católico, ao passo que atendia de um lado a classe favorecida da sociedade; de outro lado, instruía à classe desvalida, ou seja, aqueles que necessitavam receber educação e formação, no entanto estavam na condição de pobreza social. Expressa com satisfação por D. Clotilde: “Era um colégio de elite mais tinha todas as classe sociais. Na minha época tinha gente que não pagava e estudava com a gente, a gente ajudava as alunas carentes”. Segundo D. Clotilde, suas amigas que faziam parte da elite paraense eram “as Barbalhos, filhas do dono da Phebo, Marlie Santiago, Vânia Santiago, Sônia Santiago, Eleonora Rabelo filha de médico” entre outras famílias que não foram citadas.

Com o propósito de conhecer o contexto institucional das Irmãs dos Pobres nesse período, a memória das ex-alunas internas e externas do Instituto serviu de apoio no construto da história da referida instituição, bem como as fontes documentais que a sustentaram. Para maior compreensão, Bosi (2003) afirma que: “A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios” (BOSI, 2003, p. 15).

Sobre a importância da memória, entende-se que ela não possui uma funcionalidade estritamente biológica do desenvolvimento humano, como já foi considerada em um determinado momento da história “[...] um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e ideias, gestos e palavras” (CHAUÍ, 2002, p. 128). A partir de novas concepções científicas e históricas, a memória não se resume a uma caixa de “registros” e sim como ela está interposta nos indivíduos através das influências do mundo social. Sob este aspecto, ela se instala diretamente no psicológico humano, reproduzindo lembranças que são selecionadas pela memória. Para Chauí (2002):

[...] selecionamos e escolhemos o que lembramos e a lembrança como a percepção, tem aspectos afetivos, sentimentos, valorativos (existem lembranças de lugares tristes, saudade, arrependimento, remorso). [...] também não se pode explicar o esquecimento, pois se tudo está

⁶⁴No caso do Pará, o clero participava ativamente da vida política. Em 1838, quando se instalou a primeira assembleia legislativa provincial no Pará, dos 28 deputados, 10 eram sacerdotes (AZZI, 1983, p. 22).

espontâneo e automaticamente registrado e gravado em nosso cérebro, não podíamos esquecer coisa alguma, nem podíamos ter dificuldades para lembrar certas coisas e facilidade para recordar de outras. (CHAUÍ, 2002, p. 128).

Não obstante, Henry Rousso (2002) afirma que a memória resgata a presença do passado, e sincronicamente da atualidade, pois é a memória do presente que te lança ao passado e a questionamentos em busca de respostas e compreensão de si ou de outro. O autor enfatiza ainda que a memória é um fenômeno social e que unifica uma construção derivada das relações sociais estabelecidas pelos sujeitos “[...] um elemento essencial das identidades, da percepção de si e dos outros” (ROUSSO, 2002, p. 95). Neste processo, valemo-nos da memória das ex-alunas através das narrativas orais para compreender e obter informações do convívio social deste espaço educativo. Diante disso, compreende-se que:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é um intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura (BOSI, 2003, p. 15).

Por esta razão, é pertinente usar a coleta dessas memórias uma vez que ao investigá-las é possível remontar a ordem de cunho social de um dado momento histórico. Então, é justamente nesse entendimento que se deseja chegar, pois colocar em evidência a historiografia do colégio das Irmãs, não somente pela ótica das análises de documentos e fotografias é retomar a história do “Instituto” que se mantém viva na memória das ex-alunas. Pode-se dizer que as lembranças são vestígios da história que estão internalizadas na mente de cada uma delas. Embora saibamos que: “uma história de vida, ou mil histórias de vida, jamais substituirão um conceito ou uma teoria da História [...] o depoimento oral ou escrito necessita de sistematização e claras coordenadas interpretativas” (BOSI, 2003, p. 49). No mais, as fontes materiais e imateriais completam o sentido dos fatos que se deseja construir.

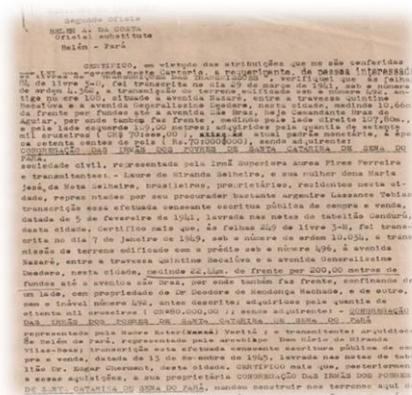
Na Belém do século XX, Orlanda Maia Lima⁶⁵, filha de português, foi destinada à formação no colégio das Irmãs, haja vista que, como mecanismos da modernidade, a educação ideal era compreendida como prioridade, em especial pela classe burguesa,

⁶⁵ A ex-aluna Orlanda Lima (83 anos) foi interna e pensionista do I.S.C.S, nascida em 10/03/1933 começou a estudar no instituto com a idade de 13 anos (1946).

neste caso a instrução de caráter cristã era esmerada pela sociedade belenense, já que tempos à frente a figura feminina era projetada para assumir novos espaços públicos.

A parte da estrutura física da escola é compreendida como está exposto no registro do histórico da fundação, sob a fiscalização federal do Ministério da Educação e Cultura. Não obstante, o interesse da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena do Pará pelo terreno edificado sob o número 492, sob o número de ordem 4.362, transcrito em 29 de março de 1941, porém fundado em 14 de setembro de 1909 e mantido pela congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, baseado no direito de livre iniciativa e instituição independente. A escola possui personalidade jurídica sob a certidão nº 29.363-de-2-9-1909, institucionalmente apolítica, situada à avenida Nazaré, entre a travessa Quintino Bocaiúva e avenida Generalíssimo Deodoro, nesta cidade, fez com que o adquirisse o mais breve possível, pela quantia de setenta mil cruzeiros (Rs. 70:000\$000). Logo, o terreno estava edificado com um prédio, situado na avenida Nazaré entre Quintino Bocaiúva e Generalíssimo Deodoro nº 496, nesta cidade, com área de cerca de, 22,44 m de frente e 200 metros de fundos até à av. Braz de Aguiar, o qual também foi vendido para a congregação pelo montante de oitenta mil cruzeiros (Rs. 80.000,00) como desvela a imagem 27.

Imagem 27 – Descrição do documento de compra e venda do terreno e do prédio da congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena como disposto no texto



Fonte: Acervo documental do Histórico da Fundação do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará no século XX.

Diante do exposto, fez-se necessário apresentar as finalidades do Instituto Santa Catarina de Sena que tinham por objetivo dar à criança formação integral consubstanciada nos princípios cristãos, bem como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1946) que eram compreendidas a partir do art. 1 do regimento interno do Colégio:

- a) Compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, da família e os demais grupos que compõe;
- b) O desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança;
- c) A sua integração no meio físico e social;
- d) Cultivar na criança o espírito de observação, pondo-a em contato direto com a realidade;
- e) Proporcionar o ensino que visa fornecer a aluna os instrumentos/básicos para manejo da língua da pátria, para participação da vida em sociedade, dotá-la de conhecimentos utilizáveis para uma boa escrita e linguagem oral;
- f) Capacitar a aluna para transferir a vida prática, todos os conhecimentos matemáticos adquiridos;
- g) Condenação a qualquer tratamento desigual por motivos de convicções políticos ou religiosos, bem como quaisquer preconceito de classes ou raça.

Sob estes aspectos as meninas admitidas no instituto, possuíam deveres e regalias que são interpretadas a partir do Regimento Interno de 1939, situado nos seguintes artigos:

CAPÍTULO I

Artº 1 – As orações na capela serão feitas por turno semanal pelas próprias alunas. Cada dia haverá um quarto de hora de medição.

Artº 2 - As alunas que tiverem bom comportamento e desejarem pertencer à Pia União das Filhas de Maria, poderão fazer parte desta piedosa Congregação.

Artº 3 - Das 8 horas da noite às 7 da manhã seguinte, o silêncio e observar é de todo rigor. Durante as refeições, será feita uma pia leitura, que será ouvida por todas em silêncio e com atenção.

Artº 4 - Deverão guardar toda a modéstia no vestir e no despir, observando também no dormitório rigoroso silêncio. Serão solicitadas a levantar-se, respondendo ao primeiro chamado feito pela irmã encarregada.

Artº 5 - Deverão guardar inteiramente o silêncio em todos os atos comuns, que se dirijam para o refeitório, para o dormitório, máxime na capela, lugar santo de maior respeito devido à presença augusta e real de Jesus Sacramentado.

Artº 6 - São terminantemente proibidas quaisquer modas exageradas, só podendo as alunas sair do colégio vestindo o uniforme. Não podendo usar pintura de espécie alguma; encontradas nessas condições são obrigadas a tirar imediatamente.

Artº 7 - Ao entrar no colégio deverão entregar à superiora qualquer jóia ou quantia em dinheiro que tenham trazido. A superiora ou uma irmã encarregada revistará as malas a fim de evitar que entre no colégio livros, revistas, postais inconvenientes.

Artº 8 - As alunas poderão ser visitadas todos os domingos às 9 da manhã e de 3 às 5 da tarde. Nos dias feriados é proibida qualquer visita. Só haverá licença para visitas dos Srs. Pais correspondentes ou pessoas da família. Sendo vedada a entrada á pessoas do sexo masculino estranhas ás mesmas.

Artº 9 - É proibido comer no parlatório, devendo ser entregue a irmã encarregada os doces, frutos e receberem de casa.

Artº 10 - Só haverá saída no primeiro domingo de cada mês, devendo regressar no mesmo dia às 6 horas da tarde, ou no dia seguinte às 7 da manhã, afim de não perderem aulas. Deverão sair no domingo às 8 da manhã, estando dispensadas dessas aulas, as alunas que residirem fóra da cidade, que poderão sair no sábado à tarde.

Artº 11 - Toda correspondência deverá passar pelas mãos da Superiora, sendo absolutamente proibida qualquer comunicação com as alunas externas. Quem transgredir qualquer artigo desde Regulamento, será punida.

Artº 12 - O serviço da roupa lavada e engomada ficará a cargo dos pais, e estabelecimento poderá se encarregar, mediante o pagamento da quantia de 15\$000 mensais (REGIMENTO INTERNO, 1939).

O documento deixa claro que o espaço educativo é de caráter religioso, já que as normas são compreendidas por meio do rigoroso ritmo de reverência as práticas cristãs, zelando da educação espiritual do grupo de meninas. O conjunto de regras, que rege os artigos pertencentes a este regimento, proporciona o bom funcionamento das atividades internas, visto que o silêncio era entendido como uma ferramenta de excelência na execução das tarefas diárias. Neste sentido, o capítulo I descreve que existia um controle na entrada e saída das alunas, que eram sempre supervisionadas por um administrador superior, cada competência adotada pela instituição era aceita pelos responsáveis de cada menina. O corpo organizacional do instituto era compreendido por uma diretoria como cita o capítulo VI, artº 2 – São atribuições da Diretoria, cumprir e fazer cumprir o presente regulamento mediante ordens e instruções, não somente ao pessoal interno como também às professoras.

No mais, com relação à entrada das alunas carentes, que recebiam educação gratuita na escola, é importante conferir a narrativa de D. Orlanda quando frisa que: “A escola gratuita era entrada pela Braz de Aguiar”, destacando ainda, que existiam duas classes de alunas: as alunas pobres, que entravam pela Brás de Aguiar e as alunas pensionistas, que já residiam no Instituto e tinha acesso à entrada pela avenida Nazaré. Diante das desigualdades socioeconômicas entre as meninas, nota-se que no regimento interno da escola anexa gratuita da Congregação os importantes pontos que defendem os mesmos destinos do pensionato:

CAPITULO VIII - DISCIPLINA

Artº 26 – A aluna regularmente matriculada terá como direito:

a) Participar das festividades religiosas organizadas para o corpo discente pela direção da Escola.

- b) Participar das festividades escolares e cívicas destinadas ao corpo discente.
- c) Comparecer as aulas programadas na conformidade dos horários.
- d) Utilizar-se de sua caderneta escolar.
- e) Requerer em tempo útil, sua transferência para outro estabelecimento de ensino.

Art.º 27 – A aluna procurando conforma-se com os preceitos gerais da moral e da boa educação em seus hábitos, atitudes e palavras tem como deveres:

- a) Apresentar-se uniformizada e com asseio.
- b) Entrar para as aulas logo após o respectivo sinal.
- c) Ficar responsável pela conservação da carteira que ocupar na classe.
- d) Acatar a autoridade na pessoa de seus depositários sejam religiosos, diretora, professores, ou vigilantes.
- e) Tratar com afabilidade e respeito a superiora, autoridade de Ensino, Religiosas, professores e pessoal administrativo.
- f) Tratar com urbanidade as estudantes e manter com as colegas o espírito de solidariedade, baseado no espírito de família que deve reinar sempre entre colegas e mestras.
- g) Ocupar-se em classe somente com o assunto referente à aula do momento.
- h) Levantar-se em classe à entrada e saída do professor.
- i) Não visualizado
- j) Portar-se quer na escola, quer fora dela, como cidadã consciente dos seus deveres morais, cívicos e religiosos.
- k) Respeitar as proibições expressas nesse regimento (REGIMENTO INTERNO ESCOLA GRATUITA, 1965).

A partir destes eixos, entende-se que a disciplina era controlada de forma acentuada pela supervisão da escola. Embora, o referido documento esteja datado em anos à frente do regimento de 1939, percebe-se que o controle ainda estava continuamente presente, como antes, como explana o Capítulo VIII:

Artº 28 – Às alunas é expressamente proibido:

- a) ter consigo livros, revistas, gravuras, impressos ou escritos imorais.
- b) Entrar na classe e sair sem permissão do professor.
- c) Levar e trazer bilhetes, cartas, embrulhos, sem permissão da Superiora.
- d) Danificar as paredes internas e externas do estabelecimento e ainda riscar as carteiras e outros móveis.
- e) Organizar dentro da escola rifas, subsincrições, sem permissão da Superiora.
- f) Usar uniforme em passeios, jardins ou praça pública.
- g) Impedir a entrada dos colegas na sala de aula, ou concitá-las em ausência coletiva (grave).
- h) Trazer consigo qualquer objeto perigoso.
- i) Praticar dentro ou fora do estabelecimento, ato ofensivo a moral e aos bons costumes. (REGIMENTO INTERNO ESCOLA GRATUITA, 1965).

Assim, o descumprimento das regras no instituto levava as alunas às seguintes advertências:

CAPÍTULO VIII

Artº 29 – pelo não cumprimento dos deveres e pelo desrespeito às determinações expressas no artigo anterior serão as alunas passíveis das seguintes penalidades:

- a) Admoestação simples em aula pelo professor.
- b) Exclusão de sala de aula pelo professor.
- c) Repreensão reservada, pela diretoria técnica e pela Superiora.
- d) Suspensão por alguns dias.
- e) Exclusão definitiva da matrícula (REGIMENTO INTERNO ESCOLA GRATUITA, 1965).

Sob estes aspectos, o instituto Santa Catarina de Sena, primava pelos valores religiosos dentro e fora do estabelecimento de ensino. Observa-se, diante do que se apresentou, a preocupação da escola acerca da representação social que ela mantinha na sociedade paraense, resguardando os valores morais, culturais e educacionais apreendidos e amadurecidos por meio da educação que a escola oferecia. Sendo assim, as narrativas das ex-alunas irão subsidiar a melhoria da compreensão desses regulamentos.

a) *A Indumentária Escolar*

O ato de cobrir e cuidar do corpo estavam devidamente relacionados aos bons costumes e hábitos cristãos, que era uma prática educativa presente na educação das meninas do instituto. Para tanto, a narrativa de D. Orlanda Maia, pensionista interna, também levanta outra questão: sobre o uso dos uniformes no instituto, quando menciona que “até os uniformes eram diferentes”, haja vista que a ex-aluna conjectura que além de existirem outros modelos para as alunas pensionistas, não lembra que as não pensionistas possuíam uniformes, segundo relato: “não lembro delas terem uniformes, era gente muito humilde, vinha como podia” (MAIA, 2016).

De maneira entusiasmada a ex-aluna, pensionista externa, a Sra. Clotilde Costa também declara que: “o nosso primeiro uniforme era de marinheiro, com gola de marinheiro e gravatinha de marinheiro [...] em festas era todo mundo de branco saia plissada de tecido flamengar, uma seda pesada e gola com gravata azul” (COSTA, 2016), assim ilustrado na imagem 28. Nesse sentido, esclarece-se que os modelos de uniformes eram diferentes, pois além de fazerem distinção entre as alunas (pensionistas e não

pensionistas), também diversificavam segundo os momentos civis da instituição e atividades externas.

Imagem 28 – Uniforme de Gala na cor azul claro usado nos desfiles e eventos formais do Instituto e o Tradicional na cor azul escuro do Instituto Santa Catarina de Sena



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

A indumentária escolar é um dispositivo de poder que tem a função da representação e organização de um grupo social em particular, que é padronizada através do seu uso. Neste sentido, tal vestimenta possibilita uma comunicação dentro e fora do contexto escolar, revelando a identidade da instituição impressa na sociedade. Para tanto, deve-se considerar que o uso deste artefato tornou-se um instrumento próprio da Cultura Material Escolar que media a transmissão de valores culturais, sociais e políticos relacionados ao meio de produção e consumo. “O próprio nome justifica, visto que o uniforme é uma tecnologia de poder que submete o sujeito ao padrão desejado” (ALCÂNTARA, 2006, p. 8).

Avalia-se o espaço escolar como um ambiente produtor de identidades e manutenção da disciplina. Nesse sentido, Lonza (2005) aponta que a institucionalização

da Educação no Brasil teve grande necessidade de padronizar os estabelecimentos por meio dos uniformes, tornando-os relevante na representação da instituição de ensino e para os valores que esta possui, tais como: “o nome, a tradição, o método, o grau de disciplina, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas” (LONZA, 2005, p. 22). Associa-se este pensamento com as reflexões de Umberto Eco (1989) justificando que “a indumentária assenta códigos e convenções, muitos dos quais são fortes, intocáveis, defendidos por sistemas de sanções ou incentivos” (ECO, 1989, p. 15).

Além disso, Oliveira (2015, p. 08) sinaliza que o uniforme escolar estava relacionado ao modelo higienista de educação, a partir da boa visibilidade de assepsia do grupo escolar inserido em determinada sociedade, a fim de informar aos alunos de como utilizarem as práticas higienistas para mantê-los saudáveis e bem apresentados. Dessa maneira, a escola evidencia as atitudes políticas direcionadas ao ensino, como parte do processo de construção de uma sociedade padronizada e organizada no âmbito educacional e social, formando assim indivíduos intelectuais e sadios.

A partir desse raciocínio, Gondra (2004) questiona a forma de se vestir dos alunos que deveria ser baseada nos fundamentos da medicina e higiene, que possuem “a função de vestir e proteger o corpo de modo adequado” (GONDRA, 2004, p. 187). Sendo assim, a vestimenta deveria atender às necessidades da natureza e ao bom funcionamento do organismo humano possibilitando ao aluno desenvolver suas atividades dentro da escola.

Para Dr. Coutinho:

Antes da puberdade o menino produz menos calorico, entretanto pelos jogos próprios da idade, pelos movimentos que elle executa, a produção do calorico é sufficiente; segundo a diversidade das estações fazem-se necessários vestuários diversos, assim estabeleceremos: no verão os alumnos devem usar roupas de linho ou algodão, porque os tecidos destes vegetaes recebem e perdem o calorico rapidamente; no inverno devem usar roupas de lã, porque recebem lentamente e guardão o calorico por mais tempo, e alem d'isto isolão o corpo da influência dos agentes externos e conservão melhor a caloridade do corpo. A lã tem outras vantagens, e o algodão, bem que em menos escala, participa d'ellas; estes tecidos não se impregnão promptamente de humidade como o linho, o que depressa molha-se, condensa o produto da transpiração cutânea e resfria o corpo; os tecidos de lã e algodão deixam escapar pelas suas malhas os vapores aquosos, - não condensam a humidade, que molhando apenas o tecido logo se evapora (DR. COUTINHO apud GONDRA, 2004, p. 184).

Um vestuário apertado e inadequado compromete o desenvolvimento do corpo, deixando-o exposto às enfermidades. Apropriando-se também da ideologia religiosa, destaca-se a preocupação com o pudor, já que o Instituto Santa Catarina de Sena obedecia às orientações cristãs da Beata madre Savina Petrilli, que professou o catolicismo como doutrina religiosa da instituição. Destarte o objetivo das Irmãs dos Pobres era também educar as meninas para informá-las de suas obrigações, ensinando-as a desempenhá-las; inculcando-lhes sentimentos sobrenaturais, hábitos religiosos e as virtudes cristãs. Nesse sentido, Pablo Pizzurno também comenta que:

La gente sensata, educada e com gusto se vieste simplemente, tratando de no llamar La atención, y tomando em cuenta, sobre tudo, las reglas higiénicas e las que debesometerselaropa (PIZZURNO apud DUSSEL, 2005, p. 72).

Dussel (2005) destaca sua ideia sobre a vestimenta para que se analise a indumentária escolar sob a perspectiva moral no início do século XX, uma vez que, segundo ele, a exposição do corpo na forma de se vestir poderia levar as pessoas a atos insanos, já que expor o corpo não trazia uma boa visibilidade social, em especial às mulheres.

Não obstante, destaca-se que sobre o uso do uniforme escolar ou farda escolar das meninas do Instituto Santa Catarina de Sena, existiam vários modelos conforme as ocasiões internas e externas, como exemplo: jogos olímpicos internos, atividades solenes, apresentações públicas, visitas a autoridades e outras instituições.

Desse modo, Augustin Escolano Benito (2010) propõe o uso das fontes materiais, que supõe um grifo epistêmico e social importante, por um lado retoma a investigação histórica sobre o conhecimento das práticas culturais e sobre os modos de produção da cultura escolar em que os objetos dão visibilidade a essa cultura; por outro lado, atribui-se aos materiais uma importância que antes não possuíam, ao considerá-los como “elementos empíricos que afetam a coletividade que foi educada, entre outras coisas, mediante dispositivos visíveis, ou seja, por meio de sua materialidade” (BENITO, 2010, p. 577). Assim, o uso do uniforme escolar é entendido como parte da cultura de uma instituição educativa e identidade social num processo de valorização histórica da cultura material escolar, podendo também pressupor a memória sócio histórica da escola de determinado seguimento e época.

b) *Atividades Internas do Instituto*

No tocante às atividades internas do instituto, a ex-aluna Orlanda Maia explana que começavam por volta de 04h30min, segundo ela “tudo tinha horário, antes que as freiras, eu já estava acordada porque quando a carne chegava, a arara da escola chamava a Ritinha⁶⁶ pra abrir o portão” (MAIA,2016). Neste curso, o banho era organizado para esperar as meninas, D. Orlanda descreve que o lugar de asseio: “era um tanque largo, água gelada, aquele tanque todo tempo cheio. A gente era enfileirada e vestida com uma roupa com o nome de camisa⁶⁷ todas nós pixotas⁶⁸ vestia essa roupa, pra não ir naquele banho criança despida. Alzira dava banho na gente, cada uma passava na fila ela jogava água e depois passava de novo pra tirar aquele sabão. Acabava ía se cuidar”. Assim sendo, infere-se que a importância de manter a disciplina dos corpos para organizar o espaço e ordenar os sujeitos.

O controle⁶⁹ e cuidados dos corpos⁷⁰ em todos os aspectos era uma preocupação constante no processo de formação das alunas, pois tais valores se constituíam a partir da cultura⁷¹ enraizada nas práticas das religiosas e das novas políticas em progresso, como exemplo, as práticas higienistas. Cabia também a esse grupo de religiosas, administrarem o tempo e orientar o comportamento das educandas.

⁶⁶Segundo dona Orlanda Maia, “Ritinha” era funcionária de confiança da escola. Ela dormia no estabelecimento e ficava responsável pela lavanderia.

⁶⁷A partir dos relatos orais de dona Orlanda, constatou-se que a indumentária vestida nas meninas denominada pelo termo “Camisão” era customizada de um pano grosso “[...] acho que hoje conhecido como saco de açúcar, que a gente usa como pano de chão”.

⁶⁸No entendimento de D. Orlanda, “Pixota” era um termo usado para as meninas que ainda não tinham passado pela puberdade e ainda não havia acontecido sua menarca” (Grifo nosso).

⁶⁹A partir dos conceitos de Foucault (2004) quando afirma que: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2004, p. 126). O autor explicita que micropoderes atravessam o corpo social, promovendo transformações na condutas dos indivíduos. Sendo assim, os sujeitos enquanto corpo social se consolida como objeto fabricado, dominado por uma coação calculada, condicionando a função corpórea, com fins de automatização.

⁷⁰Sob outra visão, o corpo é visto como matéria-prima que é moldado por meio do comportamento humano, pois, a vida social é regulamentada pelo corpo. Toma-se como base os saberes científicos que teve grande emancipação no início do século XIX e, dentre eles, destaca-se a medicina e o estudo da microbiologia. De acordo Inês Dussel (2005), o movimento social relacionado ao higienismo que trouxe no âmbito social às novas questões a serem discutidas: urbanísticas, ecológicas, morais, políticas e educacionais, dando origem a diferentes projetos políticos, e ousadamente podemos citar a *escola* como exemplo (DUSSEL, 2005).

⁷¹O Cristianismo, por possuir uma história difícil e paradoxal na sua relação com o corpo, foi, por muito tempo, reticente na interpretação, crítica e transformação destas imagens duplamente globalizadas do corpo, independentemente e para além do discurso do pecado e do controle do corpo, este é um tema essencial da teologia e da espiritualidade cristã. (BARBOSA, MATOS & COSTA, 2011, p. 27). Para compreender melhor sobre esta temática a leitura de: Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34.

Não obstante, aproximava-se o momento das demais atividades e D. Orlanda expõe que às 6:00 horas “Depois do banho era a missa, todo dia o padre vinha rezar a missa pra internas. Algumas alunas eram tiradas da fila por tamanho, umas quatro, porque enquanto providenciavam o café naquelas mesas cumpridas, algumas ajudavam passando uma vassoura rápido na sala, passava o pano na mesa do professor, na lousa, era uma forma de trazer o colégio limpo e fazer alguma coisa” e “Não me interessava se a gente pagava, é aquilo que Cristo disse: eu vim para servir e não para ser servido” (MAIA,2016).

Constata-se que elas eram ensinadas a trabalhar em grupos, já que tinham hábito de desenvolver tarefas diárias paralelas à sala de aula. Porém, estas atividades na realidade estavam arraigadas nos princípios religiosos repassados por meio da Educação Católico-Cristã, e tais práticas como, “servir aos outros”, faziam-se presentes na prática doação, assim como Cristo a executou, de acordo com os valores que foram/estão fortemente inseridos na pedagogia fomentada por madre Savina. No instituto, alunas tinham que assistir às missas todos os dias, pela manhã e na oração da noite. Elas só poderiam faltar por motivo de doença ou se apresentassem uma justificativa convincente à escola. “Tinha a oração da noite, não podia fugir daquela rotina. Por isso digo quando fui externa, meu desempenho melhorou muito, podia estudar a hora que quisesse” (MAIA, 2016).

Segundo os relatos sobre disciplina e obediência, as alunas tinham sempre: “horário para tudo, para ir no sanitário, tinha que falar com a irmã, por que todo tempo nós estávamos acompanhadas por uma Irmã” (MAIA, 2016); e sob outro aspecto D. Maria Dolores expôs que “quando a gente ia dormir elas viam se estava tudo certo, olhando os quartos⁷²” (ESPINHEIRO,2016). É notório que a presença das Irmãs era constante, pois polir e torná-las cultas e sociáveis era a missão delas, contudo nem sempre os resultados foram os esperados para as meninas, ao passo que antes de responderem com obediência, a indisciplina predominava, assim, D. Clotilde complementa que: “eu só rodei duas baianas na minha vida, uma foi na escola. O único problema que eu dei lá foi de usar um batom e de farda não podia estar de batom, eu teimava e ia, mas as outras usavam, só comigo que implicavam. Eu não sei por quê? Talvez por eu ser negra e não ficasse bonito”. (COSTA, 2016)

⁷²Os quartos mencionados pela aluna tinham a seguinte disposição: as camas uma ao lado da outra. As meninas menores dormiam no cômodo de baixo e as maiores no cômodo de cima. D. Dolores declarou que sempre antes de dormir, as meninas comiam torradas e bebiam chá.

Quando havia indisciplina, elas eram corrigidas pela madre superiora, que neste caso era a “Irmã Margarida”, como afirma D. Clotilde: “Quando foi um dia, ela chegou comigo e disse: ‘Clotilde desce! Vai lá para o gabinete, tira esse batom’. Não tiro, ‘você vai tirar se não vai ser suspensa do colégio’ (COSTA,2016). Só tiro se a senhora chamar todas as meninas e mandar tirar, ela disse: ‘não vou fazer isso!’ Então, ela me suspendeu uma semana”. Evidentemente que as suas ordens tinham que ser obedecidas, pois o controle da educação e a manutenção do bom comportamento das meninas estavam sob seus cuidados.

Diante das narrativas das ex-alunas internas, o controle de disciplina se dava dentro do próprio colégio, pois não havia como mandarem algumas alunas para suas casas, devido muitas morarem no interior da cidade e por estarem sob os cuidados das religiosas no regime de internato. Nessa perspectiva, Guingue e Boulin (2016) declaram que:

O internato foi claramente encarado, primeiro, como uma estratégia de luta contra os particularismos e os laços locais, sociais e familiares, mas também de promoção da justiça social. No século XIX, o internato era um recurso necessário para possibilitar uma escolaridade desenvolvida. Pouco numerosos, os estabelecimentos secundários eram reservados a uma minoria. O pensionato, como se dizia então, evocava estabelecimentos com longos dormitórios, de conforto rudimentar e disciplina de ferro; e estavam associados às imagens negativas da prisão, do convento ou da caserna. O internato é percebido e descrito como um elemento contextual importante (GUINGUE & BOULIN, 2016, p. 986-987).

Sobre este aspecto, entende-se que os sistemas de internatos eram necessários para que alcançassem um desenvolvimento socioeducativo pleno e para que o indivíduo se adequasse aos padrões sociais de acordo com a conjuntura do período. No regime de internato, os indivíduos tinham à sua disposição comodidade rudimentar e disciplina rígida. A este respeito, D. Orlanda discorre que “quando a molecada tava demais, a Irmã Arcangêla dizia que tinha que terminar o bordado até a tarde, porque era aula de manhã e à tarde” e se a ordem fosse descumprida, a sentença era “[...] ficar de castigo”, em complemento ela acrescenta que sobre o refeitório “eu ficava de castigo por causa da comida, quando tinha um almoço que eu não gostava e tinha que comer, era maxixe com carne cozida pra não ficar lá, minha irmã vinha pulava a janela para comer por mim” (MAIA, 2016).

Por outro lado, D. Maria Dolores relata que “tinha menina, eu não sei se por doença ou nada, fazia xixi na cama então pra não fazer mais ela botava de castigo com o lençol de joelho” (PINHEIRO,2016). As regras disciplinadoras por muito tempo estiveram presentes na conduta das alunas, visto que elas tinham um caráter polido, fundamentalmente moral, com a “função de reduzir os desvios” (FOUCAULT, 2009).

Ainda sobre o regime de internatos, Guingue e Boulin (2016) declaram que:

A escola dispõe, no dia a dia, de tempos que normalmente seriam geridos livremente pelos jovens e seus pais, fora do olhar da escola. As atividades que se desenvolvem nesse tipo de estabelecimento pertencem aos três setores da vida cotidiana: a sobrevivência (repouso e sono, alimentação, higiene), o trabalho (aulas e estudo dirigidos) e a distensão (os fazeres) (GUINGUE & BOULIN, 2016, p. 989).

As autoras ainda enfatizam que tais características correspondem aos critérios que Goffman (1968) utiliza para construir o conceito de *instituição total*, a esses ele define precisamente ao compará-la com as condições da vida contemporânea:

Uma característica fundamental das sociedades modernas é que o indivíduo dorme se distrai e trabalha, em lugares diferentes, com parceiros diferentes, sem que essa diversidade de pertencimento obedeça a um plano global. As instituições totais, ao contrário, quebram as fronteiras que separam ordinariamente esses três setores de atividade; essa é mesmo uma de suas características essenciais (GOFFMAN, 1968, p. 47).

O termo *total* utilizado por Goffman (1986) exprime uma ideia de qualificação de “controle transversal” sobre as atividades internas nas diferentes ordens institucionais à medida que os indivíduos e grupos são obrigados a viverem no mesmo espaço e desempenharem as atividades impostas pela instituição. Nessa perspectiva, Guingue e Boulin (2016), declaram que apesar da delimitação feita por “quatro paredes”, essas organizações eram “[...] ricas em atividades clandestinas, porque as oportunidades de sucesso total de qualquer programação diminuem na medida em que se alonga a duração do tempo programado” (GOFFMAN, 1968, p. 258).

Nesse sentido o sociólogo Erving Goffman (1974) afirma que as instituições totais de nossa sociedade foram criadas para cuidar de pessoas incapazes de cuidar de si mesmas, tais como velhos, órfãos, indigentes, entre outros (GOFFMAN, 1974, p. 16). Além disso, o autor declara que um estabelecimento que se caracteriza como “Total”, é aquele onde um grupo específico de pessoas é afastado de forma ampla da sociedade por

um determinado período de tempo e possuem uma vida fechada e formalmente administrada por regras e rotina contínua, sob autoridade de um sujeito. Assim, Goffman (1974) frisa:

Cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de pessoas, todas elas são tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer a mesmas coisas em conjunto, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva um tempo determinado, à seguinte, e toda a sequência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais e explícitas e um grupo de funcionários (GOFFMAN, 1974, p. 18).

Os conceitos do autor demarcam características de um espaço que é controlado por um indivíduo considerado supremo, que governa o sistema normativo do estabelecimento ou instituição. Neste sentido, diante dos princípios de uma instituição total, pode-se admitir que o regime de internato do Instituto Santa Catarina de Sena é considerado “Total” para as meninas que residiam na escola, já que todas as suas necessidades aconteciam neste espaço social, tais como: estudar, comer, dormir, acordar, entre outras atividades do cotidiano.

À vista disso, o regime para permanecer nessas instalações é a provável “mortificação do eu” devido suas vontades individuais e internas serem anuladas para cumprir princípios estabelecidos por terceiros. Nessa perspectiva, compreende-se que este processo se ancora nas declarações de Goffman (1974):

Os processos pelos quais o eu da pessoa é mortificado são relativamente padronizados nas instituições totais [...] a barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu [...] se proíbe as visitas vindas de fora e as saídas do estabelecimento, o que assegura uma ruptura inicial profunda com os papéis anteriores [...] (GOFFMAN, 1974, p. 24).

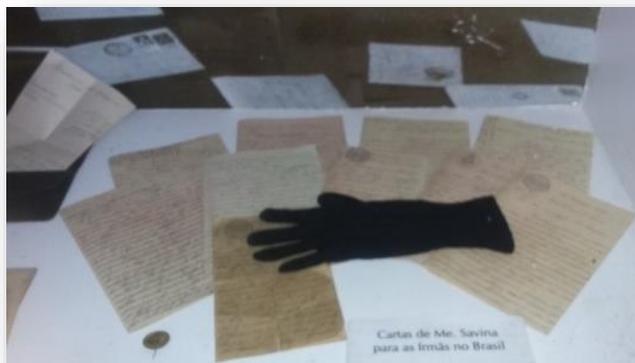
Desse modo, a partir da narrativa da ex-aluna D. Orlanda, foi possível identificar nos relatos de sua memória, a realidade do confinamento na instituição, quando dizia que as visitas eram feitas somente quando “tinham boa conduta e as notas eram boas, aí sim saía para ver a minha família” (MAIA, 2016). Maia (2016) corrobora com a presente discussão no sentido de confirmar em sua declaração que o dia no instituto tinha sua programação exata para todas as atividades.

Devido às Irmãs governarem as meninas do grupo externo e interno da escola, valendo-se também de outras estratégias para manter a ordem e o disciplinamento do

grupo de meninas, então para elas, era eficaz usar o lúdico para controlá-las. Assim, Maia (2016) explana que: “Era assim, tinha uma gruta, a imagem de N. S. de Lourdes. Pra cada aluna elas desenhavam uma pombinha, recortavam e colocavam o nome do alunado, era individual, cada aluna tinha uma pombinha, ela subia à medida que as alunas iam se comportando, as que estavam lá em baixo eram as que eram rebeldes, malvadas e tudo.” Sendo assim, elas aconselhavam as meninas, “você deve se comportar melhor, ter um acompanhamento para a pombinha ir subindo, para os pés de N. Senhora” (MAIA 2016). Segundo as narrativas, as Irmãs eram muito atenciosas e carinhosas, mas mantinham sempre uma postura rígida na educação das meninas.

O refinamento na educação dessas meninas foi paulatinamente desenvolvido com práticas elaboradas e fundamentadas por madre Savina. A religiosa até o início de 1923 manteve contato com as missionárias instaladas em Belém por meio de cartas segundo a imagem 29, nelas a religiosa narrava sua preocupação com as Irmãs, orientando as missões e acompanhando o progresso da educação destinada às meninas paraenses. Contudo, as ex-alunas creem que o colégio que estudaram oferecia o melhor ensino da cidade, certificando com clareza os predicados da instituição e das instrutoras: “as irmãs grandes formadoras de opinião” (MAIA, 2016). D. Clotilde⁷³ também expõe sua opinião a respeito: “foi um colégio de boa educação, estudei e aprendi muito, minha mãe me colocou no melhor colégio, ainda é o melhor colégio”. Ambas valorizam até hoje os ensinamentos que receberam na instituição, adquiriram os valores morais através da *Educação Religiosa*: aprendiam a respeitar e praticar os ensinamentos cristãos, entre as demais disciplinas que estavam presentes no currículo escolar.

Imagem 29 – Cartas de Me. Savina para as Irmãs do Instituto



Fonte: Memorial do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

⁷³Clotilde Duarte da Costa (73 anos), ex-aluna externa do Instituto cursou as séries do ensino primário, ginásial e curso técnico. Segundo D. Clotilde seus pais eram: “[...] mãe não tinha cultura nenhuma, não sabia ler, mas queria que a gente fosse educada, mas meu pai era militar”.

Além das meninas serem condicionadas a fazer uso de boas condutas, que estavam expressas por meio dos saberes do silêncio, a disciplina, a postura entre mais experiências diárias ligadas à rotina em sociedade, bem como ser uma boa esposa e mãe. Desta forma, destacam-se os hábitos: higiene, comer, vestir, sentar, rezar entre outras, que repetidas com frequência, promoviam o lapidar e educar de suas mentes e corpos. Suas práticas estavam muito além das boas maneiras, pois o ensino da escola também era responsável pela formação intelectual das meninas, já que o colégio estava adequado à modernização e a emancipação educacional vigente do sistema nacional de ensino.

Assim, as alunas descreveram que: “era muito rigor a gente estudou muito. As aulas de canto a gente aprendia as notas musicais e solfejar Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si com a professora Maria Helena Figueredo, aprendemos a bordar, tinha aulas de piano, pintura e violino, mas era pago [...]” (COSTA, 2016). “Na missa a gente vestia a de manga cumprida na sala de aula a manga curta” (ESPINHEIRO⁷⁴, 2016) e “Nas aulas de economia doméstica quem dava era Irmã Elena Vincenzi, aulas teóricas como você tem que se portar no seu casamento, seu marido tá doente você tem que ficar em casa ao lado seu marido sem poder comparecer em outro lugar[...]” (MAIA, 2016).

Ainda em relação às práticas de sociabilidade, é possível conferir que havia uma rigorosa incursão no contexto da formação das meninas, concernente à aprendizagem de valores considerados importantes e necessários à educação da mulher adulta, tanto no campo material quanto no espiritual. A este respeito, tem-se como exemplo a: *Educação Doméstica*: eram ensinadas como proceder no governo do lar e casamento, assim concatenando as ideias de Rodrigues (2008) sobre o discurso feminino e o debate sobre as mulheres. Nesse sentido, a autora destaca que:

É este olhar que torna possível a compreensão da diversidade de representações de feminino produzidas nos anos de 1920 e 1930. No âmbito deste estudo, o conceito de representação foi utilizado conforme as definições de Chartier. De acordo com o autor, num esforço para superar as limitações do conceito de mentalidades, a chamada história cultural do social toma por objeto as representações sociais. A noção de representação permite articular três modalidades de relação com o mundo social (RODRIGUES, 2008, p. 60).

⁷⁴Maria Dolores Espinheiro, ex-aluna interna pensionista filha de descendente espanhol, entrou na escola em 1956 com 10 anos de idade e permaneceu até o curso técnico.

Para Chartier (1990, p. 23),

Em primeiro lugar o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns “representantes” (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1990, p. 23).

Segundo Rodrigues (2008), Chartier (1990) analisa que a noção de representação possibilita entender o entendimento das práticas que se apropriam os materiais de formas diversas que circulam na sociedade. E que antes de se implicar numa forma única de compreensão dos acontecimentos sociais, a construção de representações é determinada pelos interesses dos grupos que as forjam e pelo fato de que estejam sempre imersas num campo de concorrências e competições que traduzem as lutas de representação. Assim, a autora destaca que:

A Educação Profissional Doméstica permite uma noção de representação, que permite superar a definição da mulher como “dona de casa” e “mãe de família” e alcançar a multiplicidade de entendimentos sobre a mulher e o feminino, bem como a forma como são produzidas as diferentes representações de mulher e de feminino a partir de uma modalidade de ensino constituída pela apropriação escolar de saberes tradicionais sobre o doméstico (RODRIGUES, 2008, p. 61).

O autor Scott (1995) lança seu olhar sobre o feminino na compreensão e análise histórica das representações, produzidas no âmbito da educação e na necessidade de compreender a forma como os diferentes sujeitos e grupos sociais vêm construindo as suas definições de gênero. Tomando o conceito de gênero como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 87).

Portanto, a despeito da transmissão de saberes a qual foi conduzida à formação das meninas pelas Irmãs. As alunas adotaram suas práticas para que se tornassem cidadãs polidas, inculcando em sua cultura os valores cristãos para viver em sociedade, além do conhecimento científico que somaram e agregaram novas perspectivas em suas vidas profissionais. Para maior compreensão D. Clotilde (2016) afirma que “meu diploma me

deu bons empregos, porque o que valia naquela época era ter um diploma”. No entanto, na escola tudo era articulado, elaborado e avaliado de forma organizada, para que o tempo fosse controlado de forma mais proveitosa possível, a fim de ampliar a formação intelectual dos sujeitos ali submersos.

Sobre as práticas e rotinas pedagógicas coordenadas pelas Irmãs gestoras do Instituto Santa Catarina de Sena, primavam por um espaço que desenvolvesse atividades educacionais singulares, referente também à orientação católica, em razão do processo de romanização da Igreja católica em nosso país, o qual encontrou em sua atuação educacional um meio de retomar sua hegemonia na sociedade, retomando os espaços de atuação e domínio social. A capital paraense não fugiu dessa realidade, pois a chegada das missionárias permitiu a fundação de mais uma instituição católica em terras brasileiras, que manteve um lugar de destaque na sociedade de imensurável representação que lhe reservou um espaço de formação tradicional privilegiada e diferenciada.

4.2 *A Proposta Curricular de Ensino do Instituto Santa Catarina de Sena*

O currículo não deve ser considerado um mero instrumento da educação. Nele é possível observar e investigar vínculos socio-históricos, os quais possibilitam a reinterpretação das práticas e saberes que ocorrem no espaço social. Neste escopo, conhecer a finalidade deste dispositivo requer justamente uma visão amplificada da realidade em que os sujeitos estão inseridos. Segundo Moreira e Silva (2001):

O currículo é considerado um artefato social e cultural. Isso significa que é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de sua produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo é um elemento transcendente e atemporal; ele tem uma história vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (MOREIRA & SILVA, 2001, p. 7-8).

Este artefato está posto na organização da escola, delimitando espaço/tempo social e educacional. A sua funcionalidade ultrapassa uma mera técnica, atingindo uma

complexidade de questões problemas e experiências vividas no âmbito escolar e social. Sendo assim, Moreira (1997) declara que não há um conceito fechado sobre currículo, porém ressalta sobre as possíveis definições dele conhecimento escolar e “[...] experiências de aprendizagem”; diante do prisma do conhecimento histórico escolar o currículo é “[...] tratado pedagógica e didaticamente, pela escola, o que se deve ser aprendido e aplicado pelo aluno, no que tange a seleção de conteúdo se como devem ser trabalhados”; sobre as práticas relacionadas à aprendizagem, “[...] currículo passa a significar o conjunto de experiências a serem vividas pelo estudante sob a orientação da escola” (OLIVEIRA, 2008 apud MOREIRA, 1997).

A partir dessa discussão, Oliveira (2008) expõe sobre o currículo, também existem distinções na base curricular de ensino: formal e real ou oculto, visto que a formal, é criada pela escola; já a oculto se direcionava aos valores transmitidos implicitamente, contudo não conduzido pela escola, no qual estavam relacionados ao controle social, embates ideológicos e políticos promovidos pelas mudanças na sociedade.

A presença deste dispositivo de poder agrega à sociedade e à escola um enfoque sobre a cultura escolar, essa dimensão marca de modo significativo as identidades dos grupos sociais e, possivelmente, dos indivíduos no seio das instituições. É importante ressaltar que os modos de agir, sentir, viver e analisar o mundo são individuais. Todavia, o reposicionamento diante do mundo é adquirido à frente das dimensões culturais relacionadas a uma ideologia política, social, econômica ou religiosa, por exemplo, que implicitamente estão presentes no currículo da escola e nas discussões no processo de ensino aprendizagem. Assim, espera-se que este processo resulte em uma sociedade justa e solidária. Sob este aspecto, Forquin (1993) relata que:

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima e orgânica. Quer se tome a palavra “educação” no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda a educação é sempre educação de alguém, por alguém, ela supõe também, necessariamente a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação. Devido ao fato de que este conteúdo parece irreduzível ao que há de particular e contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo, antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível, devido, então, a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos procede, nos ultrapassa, nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura. (FORQUIN, 1993, p. 10).

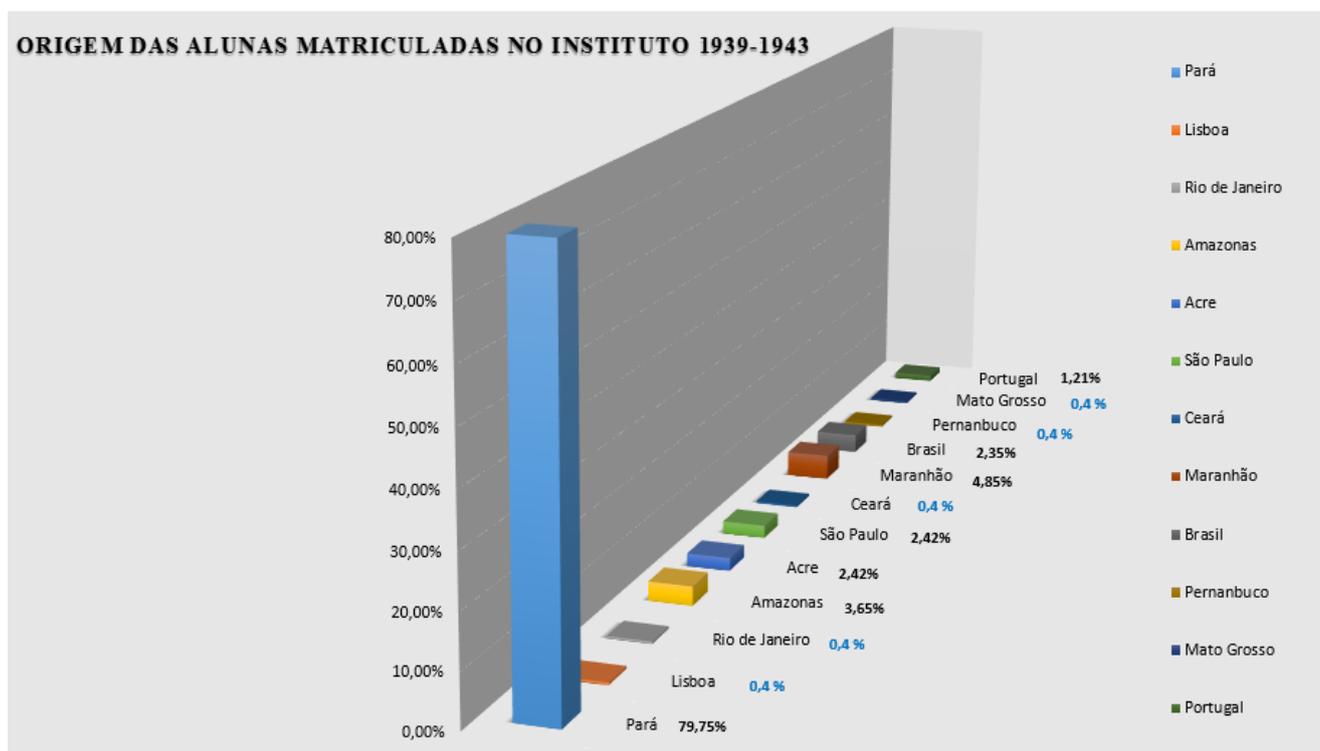
É importante fazer o reconhecimento do horizonte cultural, que é pilar da educação escolar, conjugado ao currículo, a partir dele se compreende de maneira intensa o que acontece no cotidiano escolar e fora dele, ou seja, como dialogam de modos diferentes. Nesse sentido, Forquin (1993) aborda que: “... esta ordem humana da cultura não existe em lugar nenhum como um tecido uniforme e imutável, ela varia de uma sociedade a outra e de um grupo a outro no interior de uma mesma sociedade” (FORQUIN, 1993, p. 14-15).

Compreende-se dessa maneira, que o Instituto Santa Catarina de Sena se apresentou como um espaço cultural, que foi responsável por produzir e esculpir valores singulares na educação de meninas. Assim, entende-se que o aprendizado que é gerado no espaço escolar, não é uma tarefa fácil, entretanto, é possível perceber de forma real, que houve uma predominância cultural e controle religioso, que eram determinados pela proposta pedagógica oferecida no referido estabelecimento de ensino, cujos princípios foram agregados à filosofia da congregação das *Irmãs dos Pobres*. Dessa maneira, as normas e práticas eram modelos a serem cumpridos por cada uma delas, garantindo assim um sujeito forjado àquele modelo desejado.

Contudo, não se podia invadir o mundo privado das meninas, principalmente daquelas que eram vinculadas ao regime de externato, posto que tinham vontades próprias, desejos pessoais, sentimentos relacionados à afetividade das meninas, entre outros, já que a escola é um espaço não só de apropriação do conhecimento, mas também de sociabilidade mesmo com sob controle e regras, não foi possível controlar as condutas restritas dos sujeitos que pensam e sentem de formas diferentes. A sociabilidade entre as educandas também faz parte da trama imbricada na cultura escolar do instituto, que permite “entender os próprios processos de constituições dos sujeitos- e de seus lugares sociais [...]” (FARIA FILHO, 2003, p. 85).

Não obstante, ressalta-se que a naturalidade e nacionalidade das meninas que eram admitidas no instituto eram diversificadas. Ao analisar o acervo documental da escola, foi possível fazer um levantamento dos anos de 1939 a 1943, com o propósito de certificar a procedência das alunas matriculadas, como mostra o gráfico 1.

Gráfico 1 – Origem das meninas matriculadas no Instituto (1939-1943)



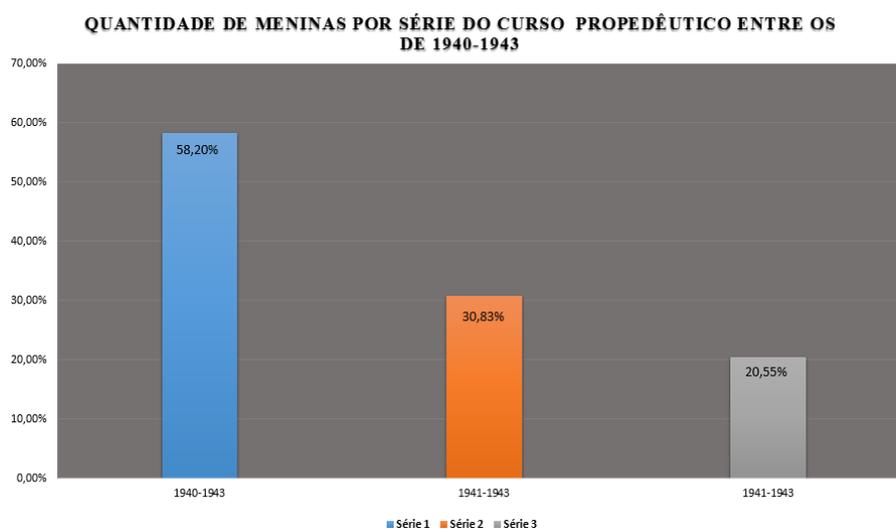
Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados encontrados nos livros de matrículas do acervo documental da secretaria do *Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará*.

Nesta descrição, é possível ter acesso ao país de origem das meninas matriculadas no Instituto Santa Catarina de Sena na 1ª, 2ª e 3ª série do Curso de Propedêutico com uma somatória de 256 alunas, entre os anos de 1939 a 1943. A partir das informações contidas no gráfico, observa-se que 79,75 % das meninas nasceram no Pará valor, que soma quase 80% do público feminino da escola, porém é importante ratificar que muitas dessas educandas eram filhas de estrangeiros, que fixaram moradia em Belém, em decorrência do processo migratório e imigratório que a cidade passou no período de reordenação da urbe paraense, marcado pelo período áureo da borracha, denominado de *Belle Époque*. No mais, 20% das alunas eram naturais de outras regiões do Brasil e de outros países tais como: Lisboa 0,4 % e Portugal 1,21 % ocupando 1,58 % das matriculadas do período; Rio de Janeiro com 04%; Amazonas com aproximadamente 3,65 %; o Estado do Acre com 2,42 % do percentual; São Paulo com taxa de 2,42; Ceará, Pernambuco e Mato grosso com 0,4 %; Maranhão que ocupou 4,85%. Assim, o diagrama mostra o Brasil com 2,35% como naturalidade, porém no livro de matrícula do instituto o termo “naturalidade” aparece fazendo referência à nacionalidade das meninas, ademais, a real naturalidade delas não foi identificada no referido documento, com registro entre os anos de 1939 a 1943.

Ao longo desse processo histórico, a partir da educação intelectual científica, foi possível conjecturar que a escola ofereceu diversos cursos os quais, de maneira paulatina, foram remodelar seu currículo de ensino, por meio das reformas educacionais que ocorreram país, como por exemplo, a reestruturação do Ensino Secundário em 1931, articulada por Francisco Campos pela fundação do Ministério da Educação e da Saúde Pública, “que em seu governo provisório tratou logo de estabelecer condições de infraestrutura administrativa para prevalecer alguns princípios básicos em que se fundamentava o Novo Regime” (ROMANELLI, 1986, p. 131).

Desse modo, ao analisar os livros de matrícula do Instituto Santa Catarina de Sena, foi possível constatar que os antigos *Cursos Propedêuticos* com (03 anos) de duração entre os anos de 1940 a 1943, como mostra o gráfico 2, preparavam as meninas da elite para os cursos, técnico Guarda-Livros e técnico em Contabilidade. Anos depois, outros cursos foram compondo o currículo do instituto, como: Auxiliar de Escritório; Curso Primário Básico, Curso Comercial Básico; Curso Ginásial e Colégio Normal. Nesse sentido, houve uma reforma significativa nas Leis Orgânicas do Ensino Comercial, que reorganizou oficialmente o funcionamento do Curso Comercial Básico, considerado curso de formação de 1º Ciclo de Ensino Comercial. Diante das novas normas estabelecidas pelo Ministério da Educação, o acervo documental da escola desvela que a instituição estava concatenada com Leis Orgânicas do Ensino Secundário e Comercial.

Gráfico 2 – Quantidade de meninas por série do Curso Propedêutico (1904-1943)



Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados encontrados nos livros de matrículas do acervo documental da secretaria do *Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará*.

Todavia, algumas mudanças estruturais ocorreram no sistema educacional do período, observadas a priori na Reforma Capanema, redefinindo-se a novos cursos comerciais, tanto no nível básico como no nível técnico, e especialmente na lista de disciplinas que passa a compor o currículo reformulado. Porquanto, Ulhôa (2007) descreve que:

Mediante ampla alteração, a nova reforma discrimina as disciplinas em “cultura geral” e em “cultura técnica” ampliando bem o corpo das de cultura técnica em todos os cursos comerciais técnicos (secretário, guarda-livros, administrador-vendedor, contador e atuário), definindo-os em cursos de formação, de aperfeiçoamento e de continuação, e constituindo o 1º e o 2º ciclos de ensino comercial⁷⁵ a exemplo do que já havia sido feito com a regulamentação do ensino secundário e do ensino industrial que anteriormente haviam recebido suas respectivas Leis Orgânicas (ULHÔA, 2007, p. 3).

Considera-se que a Reforma Campos permitiu traçar novas diretrizes a partir da inovação do sistema escolar, refletidas na nova realidade sócio-política nacional. As transformações econômicas, políticas e sociais permitiram uma ação planejada para salvar o país das velhas amarras oligárquicas e novas forças governamentais acabaram voltando os olhos para os problemas educacionais. Houve uma pressão do movimento renovador e seus representantes, entre eles, Francisco Campos, que foi responsável pela implantação da reforma, juntamente, com o recém criado Ministério da Educação e Saúde Pública.

Assim sendo, Romanelli (1986) apresenta o Decreto nº 20.158, de 30 de junho de 1931 ou Reforma Francisco Campos, que organizou o Ensino Comercial nos níveis médio e superior, regulamentando também a profissão de contador:

a) *Cursos Médios:*

1º ciclo - Curso Propedêutico, de 03 anos;

Curso de Auxiliar de Comércio, de 02 anos;

2º ciclo - Cursos Técnicos de Secretário, de 01 ano;

Guarda-livros, de 02 anos;

Administrador-vendedor, de 02 anos

Atuário, de 03 anos;

Perito contador, de 03 anos.

b) *Curso Superior de Finanças*, de 03 anos (ROMANELLI, 1986, p. 139).

⁷⁵ Na Reforma Campos são dois momentos para os cursos comerciais: o propedêutico e os cursos técnicos comerciais. Em nenhum momento Campos utilizará a definição de 1º e 2º ciclos de ensino como observado na Reforma Capanema (ULHÔA, 2007, p. 3).

Nessa perspectiva, a autora Romanelli (1986) enfatiza que para o candidato ingressar no 1º ciclo, tinha que se submeter a um exame de admissão e, para ingressar no 2º ciclo, tinha que ter concluído o 1º ciclo ou 5ª série do curso secundário fundamental. E que somente os cursos de atuário e perito contador davam acesso ao Curso Superior de Finanças. “O curso de auxiliar de comércio era um curso profissionalizante de 1º ciclo, assim como eram os demais do 2º ciclo tendo, portanto um caráter terminal” (ROMANELLI, 1986, p. 139).

Não obstante, Ulhôa (2007) pontua que o antigo curso propedêutico de Reforma Campos, com 03 anos de duração e de cunho preparatório para os cursos técnicos de secretário (01 ano), guarda-livros (02 anos), administrador-vendedor (03 anos), contador⁷⁶ (03 anos) e atuário (03 anos), desaparece com a presente reorganização do Ensino Comercial⁷⁷. No seu lugar, passa a vigorar o Curso Comercial Básico, considerado curso de formação de 1º ciclo do ensino comercial. Sequente ao Ensino Primário, e com duração estendida para 04 anos (ULHÔA, 2007, p. 3).

⁷⁶A denominação de perito-contador é alterada, em 1939, para contador (ULHÔA, 2007, p. 3).

⁷⁷ Com o único curso do 1º ciclo do ensino comercial, a habilitação era reservada ao concluinte e direito de acesso a qualquer um dos cinco cursos técnicos do 2º ciclo, sendo eles: comércio e propaganda, administração, contabilidade, estatística e secretariado. No caso do currículo do Curso Comercial Básico, a presença de mais disciplinas de caráter técnico justificando, uma boa medida, sua finalidade profissional, qual seja: “a formação de auxiliares de escritório tanto para o serviço público como para a administração das atividades particulares” (CAPANEMA apud ULHÔA, p. 9). Por sua vez, os Cursos Comerciais Técnicos, considerados como cursos de formação do 2º ciclo do ensino comercial passam todos a 3 anos de duração e seus currículos constam disciplinas de cultura geral, de cultura técnica e também de práticas educativas, compreendidas as de canto orfeônico até os 18 anos de idade e educação física até os 21 anos de idade. O curso básico preparava os alunos para a formação de auxiliares de escritório, os cursos comerciais técnicos destinavam-se a “preparação dos candidatos ao exercício de determinadas funções específicas do comércio e de funções administrativas gerais no serviço público e nas empresas particulares” (CAPANEMA apud ULHÔA, p. 6). Assim, para atender ao exercício de “funções específicas do comércio” foram constituídos outros cursos técnicos de comércio e propaganda, de contabilidade e o de secretariado; e para contemplar as “funções administrativas gerais”, os cursos técnicos de administrativa e o de estatística. Numa breve análise comparativa da proposição dos cursos de ambas as Reformas (Capanema e Francisco Campos), observa-se que da Reforma Campos, efetivamente, não sobra um curso comercial por completo, porém resquícios de dois deles, o de contador e o de secretário. Talvez, seja possível ainda, nesta soma, incluir o curso de administrador-vendedor, amplamente diluído nos cursos de administração e no de comércio e propaganda da Reforma Capanema. O curso de contador ou ainda de guarda-livros como designada na Reforma de 1931, recebe um “aperfeiçoamento”, segundo Capanema, sendo substituído pelo curso de contabilidade. Semelhante foi o ocorrido com o curso de secretário que teve sua estrutura ampliada, passando a denominar-se secretariado (ULHÔA, 2007, p. 3-4).

Diante do exposto, observa-se que dos cursos oferecidos pelo Instituto Santa Catarina de Sena, entre os anos de 1926 a 1967, como exposto no quadro 2, foram oferecidos às educandas os cursos implementados na Reforma Francisco Campos, ou seja, a escola manteve o programa de cursos segundo a legislação vigente, com o programa de disciplinas dos cursos comerciais ofertados, básico e técnico, com aplicação de exames de admissão e oferta de cursos comerciais técnicos no formato da nova legislação que reorganizou o ensino comercial brasileiro.

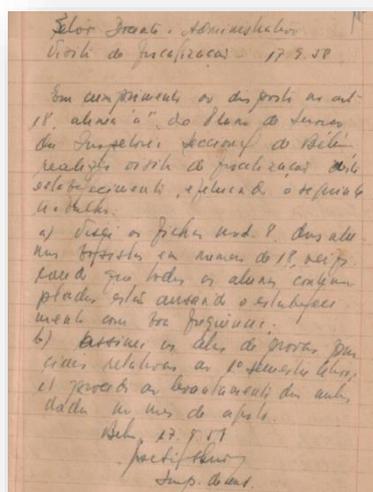
Quadro 2 – Cursos oferecidos entre as décadas de 1920 e 1960

1926	Curso Comercial
1934	Curso Primário Básico
1935	Curso Comercial Básico
1943	Curso de Guarda Livros
1945	Técnico em Contabilidade
1949	Ginasial
1967	Colégio Normal

Fonte: Arquivo da Secretaria do *Colégio Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará.

Conquanto, com a finalidade de manter a escola supervisionada, o espaço recebia a visita do Inspetor Federal regularmente, para acompanhar o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas, a administração dos conteúdos, dos exames de Admissão, das matrículas entre outras práticas educacionais. Tais afirmações são constatadas conforme as palavras de D. Orlanda ao mencionar que: “a inspetora Federal ia de sala em sala, observava, tenho pra mim que não era avisado, era de supetão”, junto às narrativas da ex-aluna, o registro dos livros de ocorrências da escola reverbera com o que foi dito por ela segundo a figura 30.

Imagem 30 – Folha do livro de ocorrência do ano 1955



Belém Docente e Administrativo

Visita de fiscalização-17.9.58

Em comprometimento ao disposto do art. 18 alínea “a” do plano de curso da superiora xxx de Belém, realizei visita de fiscalização deste estabelecimento, efetuado o seguinte trabalho.

- a) Visei a ficha uni. 8 das alunas bolsistas em número de 18 feito com que todas as alunas contempladas, xxx o estabelecimento com frequência.
- b) Assinei as atas de provas relativa ao primeiro semestre letivo procede o levantamento das alunas dada ao mês de agosto.

Belém, 17.9.58

xxxxxx

Fonte: Manuscritos documentais do acervo do *Colégio Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará.

Ao analisar a base curricular de Ensino Básico que era ofertado como conhecimento científico e geral às meninas pensionistas, destaca-se: Português, Matemática, Francês, Catecismo, Inglês, Geografia, História, Ciências Naturais, Física e Química, Caligrafia, Contabilidade, Matemática Comercial, Elementos da Economia, Canto Orfeônico, Política de Escritório, Mecanografia, Estenografia⁷⁸, Educação Física, Prendas, Desenho, Política Jurídica Geral Comercial e Economia Doméstica, as quais destoavam das disciplinas ministradas no currículo das aulas oferecidas às meninas que frequentavam a escola gratuita. Para maior compreensão da matriz curricular da escola gratuita⁷⁹, aponta-se o ensino de: Conduta, Religião, Português, Matemática, História, Geografia e Conhecimentos. Entende-se que existiu uma predominância das disciplinas que faziam parte do ensino da “Cultura Geral”, compreendidas pelas disciplinas de Português e Matemática em todas as séries aplicadas às alunas (gratuita/pensionista).

Em destaque, expõe-se uma parte das disciplinas da proposta curricular do curso técnico comercial do instituto conforme o quadro 3, compreendendo que houve mudanças nesse sentido:

⁷⁸Disciplina da grade curricular do curso de Contabilidade, que segundo a D. Orlanda Maia expôs “Eu era uma craque, em linguagem escrita por sinais [...]”.

⁷⁹Embora a proposta exposta na matriz da escola gratuita não conste as disciplinas de Religião e Prendas, constatou-se por meio de outras fontes que as alunas participavam das mesmas atividades, porém a disciplina necessitava de fazer pagamentos mensais, não eram oferecidas à escola Gratuita.

Quadro 3 – Base curricular do Curso Técnico Comercial

CURSO/SÉRIE/ANO	DISCIPLINAS
Tec. Comércio/1º/1955	<p>Cultura Geral: Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia Geral e História Geral</p> <p>Cultura Técnica: Desenho</p> <p>Prática Educativa: Somatória de 30% da totalidade no conjunto das práticas Educativas</p>
Tec. Comércio/2º/1956	<p>Cultura Geral: Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia Geral e História Geral</p> <p>Cultura Técnica: Caligrafia</p> <p>Prática Educativa: Somatória de 30% da totalidade no conjunto das práticas Educativas</p>
Tec. Comércio/3º/1957	<p>Cultura Geral: Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia Geral e História Geral</p> <p>Cultura Técnica: Datilografia</p> <p>Prática Educativa: Somatória de 30% da totalidade no conjunto das práticas Educativas</p>
Tec. Comércio/4º/1958	<p>Cultura Geral: Português, Francês, Inglês, Matemática, Ciência Natural e Economia Doméstica</p> <p>Cultura Técnica: P. Comércio e Op. Comércio</p> <p>Prática Educativa: Somatória de 30% da totalidade no conjunto das práticas Educativas</p>

Fonte: Arquivo da Secretaria do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Quadro 4 – Matriz curricular da Escola Gratuita do Instituto Santa Catarina de Sena

CURSO/SÉRIE/ANO	DISCIPLINAS
Primário Escola Gratuita / 1º / 1951	Fonte não encontrada *
Primário Escola Gratuita / 2º / 1952	Fonte não encontrada *
Primário Escola Gratuita / 3º / 1953	Português, Matemática e Conhecimentos Gerais
Primário Escola Gratuita / 4º / 1954	Português, Matemática e Conhecimentos Gerais

Fonte: Arquivo da Secretaria do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Nessa perspectiva, para garantir uma matrícula no curso da 1ª Série Básico Comercial, as educandas passavam pelo Exame de Admissão pautado na Lei Orgânica do Ensino Comercial Básico, descrita sob a Lei de n. 6141, de 28 de dezembro de 1943. O Curso Ginásial também passava pelo mesmo processo, que era ordenado pela Lei Orgânica do Ensino Secundário, sob o decreto da lei n. 4.224 de 9 de abril de 1942 e

8.347, de 10 de dezembro de 1945. Tais admissões eram feitas por meio da avaliação Oral e Escrita, cujas disciplinas exigidas para a realização dos testes eram realizadas acerca do conhecimento em: Português, Matemática, Geografia e História do Brasil. Dessa forma, o método utilizado para gerar as médias anuais dos cursos inseridos na proposta curricular era também feita por meio de provas orais e escritas, referentes aos conteúdos ministrados em sala de aula pelos professores. Ao analisar um dos boletins de uma das alunas, percebeu-se uma descrição de conceitos diferenciados entre: “R, B e E”, que estavam relacionados à formação de suas condutas e do bom desempenho nas atividades extras curriculares. Os eixos analisados são:

Análise das práticas de sociabilidade, por meio do boletim escolar das alunas



Fonte: A autora (2016) da presente pesquisa.

Além de todas cursarem as disciplinas e obterem as médias necessárias para serem promovidas para outra série, elas precisavam cumprir as regras de boa conduta e sociabilidade. Nesse sentido, a avaliação era feita por itens separados, como exemplo, no primeiro eixo se destaca: “relacionamento com os professores”, era atribuído um conceito para este termo e outro novo conceito para: “com os colegas” e “com as demais pessoas”. Desta maneira, ao primeiro grupo de regras e condutas foram inseridos três conceitos diferentes a mesma aluna. O mesmo processo era feito aos demais grupos, que somavam um total de 14 conceitos distintos. Da análise de sistema de valorização de condutas, observou-se que tal diagnóstico era feito quatro vezes ao ano, como expressa os boletins das alunas da instituição, ocorrendo sempre entre os meses de abril, junho, setembro e novembro.

Segundo as narrativas das ex-alunas, as Irmãs administravam algumas disciplinas, tais como: as Prendas e o Catecismo. Em contrapartida, as demais disciplinas foram governadas por professores leigos. A respeito dos educadores, D. Clotilde declara: “Professora Ivani Coutinho Dava Inglês, Odaléia professora de Desenho, Latim era Lemos, Professora Isabela de Português, Alberto Pinto de Inglês, Irmã Guilmar Santa Brigida de Trabalhos Manuais, Manoel Motinho professor de Matemática, Maria Helena de Canto e professor William de Geografia”.

Assim, para compreender como se disseminou este processo de ensino, houve a necessidade de expor a dimensão da estrutura do prédio escolar, visto que o espaço passou por modificações significativas, pois o público assistido pelo Instituto, também era mantido pela classe burguesa que vivia em Belém. Diante disso, o ensino precisava ser o mais moderno e adequado possível para atender às exigências de uma boa educação e modernização que se constituiu no mundo moderno capitalista. No entanto o espaço físico, depois de uma reforma, passou a ser composto configura o quadro 5:

Quadro 5 – Estrutura do prédio escolar do Instituto Santa Catarina de Sena

Pavimento / Acesso de Circulação	Térreo	1º piso	2º piso	3º piso	Estrutura Material
Capela	X				Piso à Venesiana, parede revestida com imitação de travertino e pintura base de cimento na cor creme e Altar de Mamoré
Pórtico	X				Piso à Venesiana
Corredor	X				Piso de granito e metade da parede de Combogó
Salas	X				Todas as salas do andar do térreo têm piso de granito e a pintura à base de cimento em cor cinza
Escada de comunicação com o 2º andar	X				Construída de cimento com apoio no centro, tipo balanço
Portas	X				De madeira pintada a óleo com ferragens La Fonte do Rio de Janeiro
Bebedouro	X				Senun com filtro
Sanitários	X				Caixa de descarga Montana e bacias inglesas
Lavatórios	X				Nacionais, com água corrente
Banheiros	X				Chuveiro, parede revestida de azulejo branco da altura 1,10m.
Sala 1		X			Piso a Venesiana, pintura a base de cimento em cor rósea
Sala 2		X			Piso idêntico pintura base de cimento em cor cinza
Sala 3		X			Piso igual
Biblioteca		X			Piso idêntico pintura base de cimento em cor creme
Portas e janelas			X		Iguais as do andar do térreo
Sala de desenho e geografia e outras			X		Piso a Venesiana pintura base de cimento em cor cinza

Fonte: Arquivo da Secretaria do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

É importante frisar que esta disposição não está alheia ao currículo escolar, de maneira que as materialidades do espaço estavam conjugadas à proposta que foi exercida de acordo com o suporte físico do ambiente. Compreende-se este espaço como dinâmico, moderno e adequado, com boa visibilidade e funcionalidade, possibilitando condições salubres para desenvolver as atividades de ensino. Todavia, a modernidade impressa na estrutura escolar, não se dava somente pelo motivo de ser uma escola moderna, mas por tornar evidente que o corpo social da escola *Santa Catarina de Sena*, além de garantir boas condições físicas, mantendo os padrões de higiene vigentes, defendidos pelos discursos médicos, que via no espaço escolar um meio de educar e civilizar o corpo civil. No entanto, os médicos higienistas eram responsáveis por este ideário social. E declararam suas preocupações quanto à educação do povo firmada sobre:

Os discursos médicos não se restringem a defender uma bandeira genérica de educação e saúde como solução aos problemas nacionais. Há uma intensa discussão sobre qual saúde e qual educação. Não apenas uma saúde física, mas mental, moral, intelectual. Não apenas uma intelectual, mas física, mental, moral, sexual. Nesse período, médicos brasileiros ocupam-se cada vez mais em discutir os conteúdos e objetos de ensino, os procedimentos pedagógicos, a avaliação, o exemplo do professor, a materialidade e a salubridade das escolas, os pressupostos teóricos dos pedagogos. (STHEPHANOU, 2011, p. 145).

Para Espírito (1934):

A escola é o local mais propício para promover a transformação. O ensino primário precisa ser vulgarizado... mas não apenas a administração dos conhecimentos das letras e das ciências. O capital humano precisa ser preservado das infecções que aniquilam o valor do homem, e para isso é ainda a escola o lugar melhor para infundir uma consciência sanitária, que será tanto mais habitual, quanto mais cedo for movida. De início, pois deve ser a escola um ambiente educativo por seus vários aspectos. (ESPÍRITO, 1934, p. 3).

Quando as políticas públicas médicas se voltaram ao espaço escolar, trouxeram novas noções e conceitos dos padrões da educação sanitária ao povo, a fim de agregar uma formação completa e presente desde a infância, havendo a necessidade de ampliar esse debate ao corpo social da escola. Logo, para essa resposta ser concreta, a educação administrada dentro das instituições educativas, em destaque para o estudo do Instituto Santa Catarina de Sena foi capaz de acompanhar e desenvolver projetos de ensino voltados à educação sanitária e práticas de higiene. Sob a perspectiva dos discursos

médicos nesse período, a saúde deveria estar vinculada aos saberes e às práticas de conhecimento de modo amplo, já que para eles não haveria êxito da propagação de tais práticas, se não recorressem ao contexto escolar.

O Instituto estava inserido nesta realidade, haja vista que as meninas recebiam orientações e visitas de médicos sanitários, durante o período letivo. Assim, eram feitas as fiscalizações da saúde delas e a vigilância das condições de salubridade que o prédio oferecia às meninas e funcionários. Este controle estava submetido também à disposição dos espaços, tais como: a limpeza das salas, banheiros, caixas d'água, sistema de esgoto, área de ventilação entre outros, evitando assim a contaminação e preservando a saúde dos sujeitos ali inseridos. Sendo assim, o dever dos médicos era instruir a sociedade a tomar conta e conhecer as medidas profiláticas, que garantissem o bem estar dos indivíduos, pois o país atravessava tempos de epidemias, por conta das doenças que se propagavam na sociedade de forma intensa, resultando em altas taxas de mortalidade em Belém e território nacional.

As práticas no Instituto não eram divergentes ao debate em questão, ao passo que cada menina era instruída a ter, por exemplo, seus pertences pessoais de higiene como afirma D. Orlanda Maia:

outra sala guardava os objetos de limpeza, cada uma tinha aquilo que elas recomendavam. O que tinha que comprar: era umas caixas de metal individual, cada uma com a sua saboneteira, um tubo de pasta, sua escova, seu pente fino por causa do piolho. Que guardavam em [...] um compartimento em baixo, cada uma tinha sua chave. De vez em quando Dr. Sival Coutinho inspecionava a saúde da gente [...](MAIA,2016).

A partir das imagens encontradas no acervo do instituto das narrativas de D. Orlanda, percebe-se com clareza o controle da adequação da matéria física das alunas pelo corte de cabelo padrão, usado por elas e a disposição do uso dos uniformes conforme imagem 31. Tais práticas asseguravam o bom funcionamento do corpo e da mente das alunas mantendo-as distante das moléstias que se propagavam.

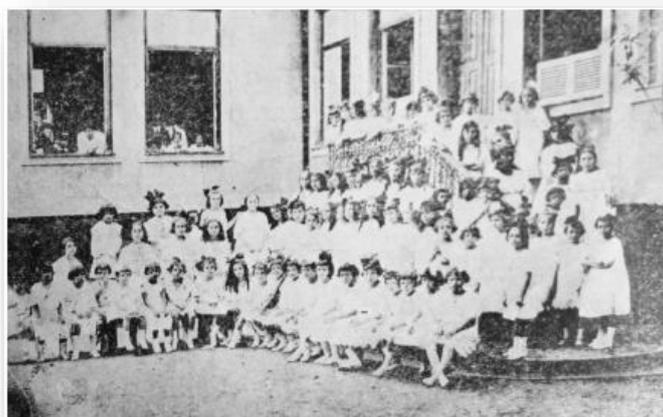
Imagem 31 – Grupo de Meninas: grandes, pequenas e médias



Fonte: Acervo fotográfico do *Colégio Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará.

A padronização da higiene e salubridade dos corpos e do espaço escolar era também divulgada implicitamente pela imprensa paraense, por meio de matérias que retratavam a criança na escola. Tais informações e fotos foram publicadas na revista “A semana” na edição do ano de 1919, onde foi possível perceber que a fotografia em destaque, foi exposta com intuito também de proclamar a boa visibilidade e civilidade que estavam presentes nos modos de sociabilidade aplicada à educação das meninas. Diante dessa percepção, está explícito na imagem 32 que o espaço educacional governado pelas *Irmãs dos pobres*, era responsável pelo desenvolvimento de Práticas Educacionais acerca da boa instrução de higiene e saúde.

Imagem 32 – Meninas do Instituto Santa Catarina de Sena



Fonte: NASCIMENTO, Sebastião Valério Silveira do. Revista “A *Semana*”, 1919. Acervo da Biblioteca Arthur Vianna- CENTUR, 2014.

Outra forma de observar e comprovar a preocupação das Irmãs com a formação das meninas era no gerenciamento dos conteúdos, que estavam presentes nas disciplinas do currículo da instituição. Antes de explanar sobre alguns aspectos importantes, sentiu-se a necessidade de expor alguns materiais usados pelos professores, cujo suporte foi dado nas aulas de forma dinâmica e moderna. Diante do exposto, privilegiar esses materiais como artefatos culturais, tornou-se indispensável nesta pesquisa, pois eles foram considerados dispositivos de poder difundidos na modernidade pedagógica do início do século XX.

A presença destes artefatos no contexto do colégio das Irmãs demonstra e certifica que o ensino da instituição estava em equilíbrio com os padrões contemporâneos vigentes. O quadro 6 detalha que o Instituto Santa Catarina de Sena procurou no decorrer do tempo, adaptar a educação das meninas à modernidade, fazendo uso de novos equipamentos, dentre eles: materiais de apoio nas salas de aulas para uso do professor, materiais visuais, cadeiras adaptadas de acordo com a idade das meninas, entre outros utensílios usados para repassar conhecimento científico.

De acordo com a tabela acima, a escola possuiu um suporte amplo de materiais, que proporcionava aos professores ter recursos didáticos para expor suas aulas e conteúdos. Os artefatos que compunham as aulas, por exemplo, estavam correlacionados ao estudo reflexivo sobre o território do espaço e tempo, articulados ao contexto político, econômico e social, que estavam em discussão no período supracitado. Dessa forma, esperava-se que houvesse uma expansão do conhecimento e melhores condições de aprimoramento do ensino, viabilizando tanto aos profissionais quanto às alunas uma nova perspectiva pedagógica, no ato de serem ensinadas de forma lúdica e prática que influenciava de forma direta na construção do saber.

Compreende-se que os estudos acerca da *Cultura Material Escolar* ganham destaque a partir dos estudos em Ciências Humanas, que proporcionam uma analogia da conexão entre os indivíduos, que se materializa sob diversas categorias a partir das disparidades da natureza e normas de civilidade. Sob outro aspecto, ela pode ser percebida quanto às práticas do homem; porque além dela representar um caminho de analisar os modos de vida de cada região ou grupo social, ela também proporciona dialogar de forma conjunta no campo da sociologia, antropologia, da própria história, que concordam em uma análise do instrumento de disputa e embate antagônico na sociedade (BENCOSTA, 2013).

Quadro 6 – Relação de materiais das salas e aulas

ESPAÇO ESCOLAR	MATERIAL ESCOLAR
SALA DE GEOGRAFIA	Globo Terrestre, Globo Celeste, Telúrio, Bússola, Atlas, Coleção de vistas, Mapa Mundi, Mapa de iniciação geográfica: Ásia, África, America do Norte, America do Sul, Oceania, Europa e Pará.
SALA DE CIÊNCIAS	<p>Mesa de laboratório, Quadro Negro, Termômetro de Mercúrio, Termômetro de mínima e máxima, pequena máquina a vapor, Higrômetro de cabelo, espelho plano e ângulo variável, espelhos esféricos, espelhos cônicos, cubas de refração e reflexão e prismas, jogo de lentes esféricas, câmara escura, Gronômetro de fração, aparelho para demonstração as leis do Pêndulo, Balança analítica, Estetoscópio, Bastos de vidros e abonite, eletroscópio de folhas de Ouro, Pilhas de Leclanché, Eletroimã, Campainha elétrica, Bubina de Rubkorf, Microscópio, Aparelho de kipp, Esfolado completo, Olho desmontável, Coração desmontável, Esqueleto de ave, Aves empalhadas, Insetos das principais Ordens, Mesa de fórmica, Armário embutido de fórmica de vidro;</p> <p>Material para experimento: tripés, Bicos de Bunsem, Tela de Amianto, Cadinho de porcelana, Cadinho de barro, Pinças comuns, Pinças de madeira, Gral de porcelana, Bastões de vidros, Tubos de ensaio, Estande para tubos de ensaio, Escovas para tubos de ensaio, Chapas de vidro, Frascos de boca larga, Cálices graduados, funis, Beckers, Cálice sem graduação, Enis de segurança, Cristalizadores, Vidros de relógio, Balões aferidos, balões de destilação, Refrigerador de 30 cm, Retorta com rolha esmerilhada, Pipetas graduadas, Cilindros graduados, Furadores de folhas, Lâmpada de álcool, Frascos de kitassato, Frasco de Wolf, Lâminas e Lamínulas, materiais Correntes, Mercúrio, Limalha de Ferro;</p> <p>Quadros Murais: Rins, Bexiga, Próstata, Coração e grandes vasos, Ligamento das articulações do joelho, Radiações talâmicas, Distribuição dos nervos requídicos, Estômago, Aparelho Respiratório, Esqueleto visto de frente e de costas, Aparelho Circulatório completo, órgão Urinários, Auditivos, Visual, Sentido, Gustativo, Olfativo e táctil, Borbela e Bezouros, Peixes de água doce, Pássaros, aves da Amazônia, Cobra, Ungulados e Roedores, Insetos, carnívoro, destendados, marsupiais, tapirus e suínos, órgão principalmente de vida animal e vegetativa mineralogia e geologia.</p> <p>Materiais para demonstração: dinamômetro, roldanas, balança de Roberval, balança de Hidrostática, areômetro de volume e peso constante, vaso comunicantes, tubos em “U” para líquidos de densidades diferentes, torniquete hidráulico, tubos capilares, tubo de Torricalli, Máquina pneumática, Hemisfério de Magdeburgo, Manômetro, Modelo de bomba Aspirante e premeante de diaporção, Sonômetro de corda;</p> <p>Materiais Químicos Reagentes: Fósforo branco, Lodo, Limalha de Cobre, Enxofre, ácido Sulfúrico, Ácido Clorídrico, Ácido Nítrico, Cal, Amoníaco, Cloreto de Sódio, Cloreto de Mercúrio, Cloreto de Potássio, Nitrato de Prata, Mármore em fragmentos, Sulfureto de Carbono, Álcool Etilico, Éter Sulfúrico, Ácido Acético, Amido, Fenolftaleína.</p>
SALA DE DESENHO Espaço amplo medindo 100m ² , com uma área e limitação de 22,10 m ² .	20 pranchetas individuais, 1 Diedro, Réguas graduadas, Esquadros de madeira, Compassos grandes, Transferidores, Coleção de sólidos geométricos de gesso: Cubos, paralelepípedos, Cilindros, pirâmides, Cones, esferas, Troncos de pirâmides, Poliedros, Coleção de modelo anatômicos (pé, mão, nariz, e rosto) motivos arquitetônicos (Coluna e friso);
SALA DE TRABALHOS MANUAIS	Bancadas pequenas com gavetas para ferramentas cavaletes e pranchetas para remodelagem, tanque com água corrente, Serrotes, aerrinhas, alicates, plainas, martelos, canivetes, tesouras, cartolinas, tintas, vernizes e cola.
SALA DE AULA REFERENTE A OUTRAS DISCIPLINAS – 8m ² x6m ² capacidade para 48 alunas	Quadros Negro 2m x 1m; Carteiras individuais apropriada para a idade das alunas; Cadeira do professor; mesa do professor; mesa do aluno, caixa para receber giz, apagador e estrado.
ED. FÍSICA (ÁREA LIVRE) / SALA MÉDICO-BIOMÉTRICA	Caixa para saltos, Aparelho de Pressão Arterial, Balança de precisão com Toesa Espirômetro de água, dinamômetro manual para adulto, Pêso esféricos (três e cinco quilos), bolas de estopa revestidas de couro, tiro ao alvo em quadro de madeira, trave 1m altura, Corda de dois metros para saltar, Medicine-balls (1,2,3 e 4 quilos), Trena com dez metros, Cronômetro, Rede de Volleyball, Duas mesas de Ping Pong, bolas de Volleyball tamanho oficial, Bola de borracha para jogos.

Fonte: Arquivo da Secretaria do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Souza (2007) declara que o estudo da Cultura Material Escolar está inserido nos acontecimentos históricos por muitos séculos, que se instalaram no campo do conhecimento em Ciências Sociais. A predominância desta técnica de análise dos artefatos escolares na era moderna marcou a ideologia no campo científico relacionada às mudanças que o mundo passou no setor industrial, econômico e social, possibilitou a ampliação da noção de Cultura Material Escolar. Ainda sob este aspecto, o propósito da emancipação do termo “cultura material escolar” oportunizou ao sistema capitalista evoluir cada vez mais o mercado industrial acerca de novas propostas de modernização de produtos educacionais, sempre no sentido de produção mercadológica, a fim de modernizar a escola aos padrões dos países europeus e americanos (SOUZA, 2007).

O percurso de socialização no setor político-pedagógico, exposto pelos outros países, intensificou a civilidade e modernidade no âmbito educacional. Dentro de uma proposta extensa, os métodos e programas educacionais foram incluídos à educação popular de ensino, possibilitando a identificação de cada país por meio do uso de seus utensílios. Proveniente a esta realidade do mundo ocidental, que buscou nas novas tecnologias de ensino sustentar a lógica da materialidade como pilar na nova produção econômica, coordenando não somente o campo industrial educacional como em outros setores. Dentro deste prisma, a dimensão da cultura material escolar foi se instalando e evoluindo claramente no ideário social da corrente positivista que correspondeu ao movimento modernista proveniente do crescimento capitalista, repercutindo em diversos países como o Brasil.

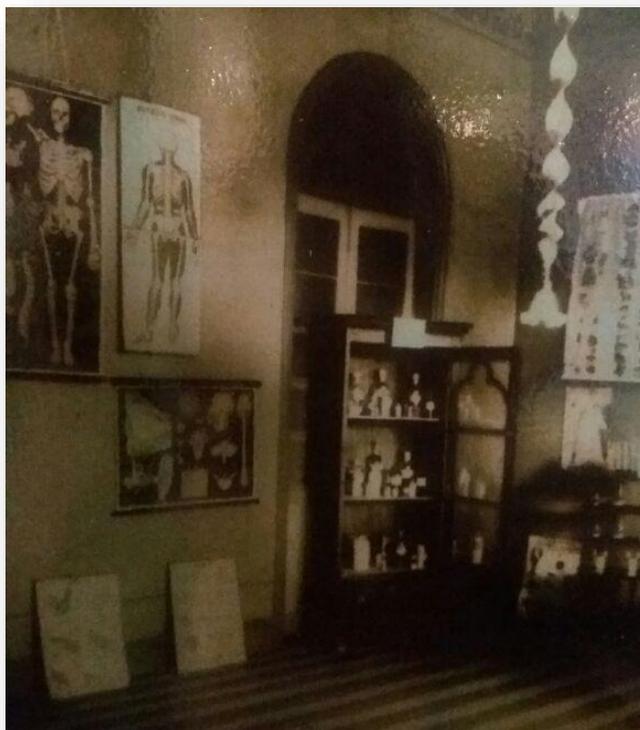
Em conformidade a estas concepções, Julia (1995) expõe que a análise tem que ser feita a partir do contexto histórico que cada grupo social. A partir dessa analogia, é possível interpretar a finalidade da transmissão do saber sociopolítico que modelam o intelecto dos profissionais, que acionam os sujeitos a ter domínio dos dispositivos pedagógicos manuseado em cada contexto histórico, projetando novas práticas embutidas no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Não obstante, a educação escolarizada está vinculada ao uso desses artefatos e contextos materiais, que se relaciona de forma dependente no sentido em que são fabricados e refabricados pelos indivíduos do corpo social, em momentos históricos diferentes.

Na virada do século XIX para o XX, o método intuitivo consolidou a diversificação do uso dos materiais didáticos, o qual serviu de fomento das ideias oriundas dos sentidos dos homens. Ao fazer uso desse método junto aos elementos, observou-se que o trabalho também era essencial para tornar estes artefatos pedagógicos valiosos,

por este motivo ele foi posto em cena junto ao modelo de sociedade moderna e capitalista. (SOUZA apud VALDEMARIM, 2007).

O Instituto Santa Catarina de Sena estava inserido na perspectiva capitalista-modernista. Desde a edificação do prédio escolar à materialidade dos dispositivos pedagógicos de ensino, que foi visto como indispensáveis a produção do conhecimento das alunas, sustentado pelo método intuitivo utilizado pelos professores para o ensino de Matemática, Linguagem, Ciências Naturais, Geografia, História, Desenho, entre outras. Assim sendo, Menezes (1998) aclara que “todo segmento do universo físico socialmente apropriado o qual os artefatos compreendem um dos componentes mais importantes e de grande valia” (SOUZA apud MENEZES, 2007, p. 176). Frisa-se que no universo educacional estão inseridos os diversos materiais ligados à educação como desvelam as imagens 33, 34 e 35 do acervo da escola. Sob estas afirmações, o processo de escolarização e educação era observado como uma prática social e cultural, que é esculpida em cada sociedade histórica.

Imagem 33 – Elementos do laboratório das aulas de Ciências



Fonte: Acervo fotográfico do *Colégio Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará.

Imagem 34 – Novos equipamentos



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Imagem 35 – Globo terrestre usado nas aulas de Geografia



Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.

Neste contexto, as concepções relacionadas ao processo educativo do Instituto Santa Catarina de Sena, visavam atender às demandas sociais no referido período histórico, a qual estava inserida no processo de modernidade e civilidade da urbe belenense. Não obstante, a ciência possibilitou ao homem alavancar de forma

significativa no campo educacional, desmembrando o antigo cenário da educação tradicional e avançando numa nova perspectiva educacional, sustentada pela nova pedagogia. No entanto, as práticas educativas do Instituto acompanharam este processo de emancipação, porém manteve a formação de cunho religioso, por ser uma escola fundamentada na filosofia da Igreja católica, estruturada por madre Savina Petrilli.

Ressalta-se que do ponto de vista cultural, a escolar é vista como uma sociedade viva e ativa por ser capaz de moldar o sujeito diante da sua forma de pensar, agir e fazer no processo de ensino-aprendizagem de diferentes ângulos. Portanto, a instituição ideal é aquela que consegue vincular o sistema de ensino ao meio social, com finalidade de não estagnar este processo a uma realidade inata.

4.3 *As Celebrações e os Momentos Cívicos*

Sabe-se que o espaço escolar não é considerado um conjunto de salas de aulas inocente, onde os profissionais da educação atuam com finalidades puramente pedagógicas. Como já fora explanado, os sujeitos imersos a este universo formam grupos que possuem sua identidade sociocultural refinadas pelo sistema equacionado pela própria instituição, que faz dela produto e instrumento cultural. Ao olhar de Silva (2004):

A escola constitui um organismo social vivo e dinâmico. Além da estrutura burocrática que a compõe, possui uma constituição cultural e simbólica que lhe confere vida própria que lhe permite responder as demandas e limitações questão expostas pelo meio (SILVA apud CÂNDIDO, 1977 p. 108).

As festas cívicas e outras celebrações fazem parte da cultura escolar do instituto, obtido através dessas práticas educativas, dentre elas, destaca-se: “As Quermesses do Santa Catarina” que segundo D. Orlanda Maia: “[...] era comunicado no jornal, cada uma trazia um prato, íamos para o bosque. Tinha salada Americana (batata, cenoura, ervilha, feijão, verde, ervilha [...] com bacalhau e camarão, outra levava bolo, pudim e sempre ía alguém responsável pelo colégio para recolher tudo no final”, armavam barracas que estavam identificadas pela série das alunas que vendiam os pratos; D. Orlanda lembra com detalhes que elas estavam sempre bem postas para se mostrar elegantes e educadas, um encontro que reportavam as meninas a praticarem a solidariedade e ao mesmo tempo, motivando-as a se envolver nas atividades culturais da escola. Tratava-se de uma festa beneficente, para angariar fundos com destinos filantrópicos, geralmente realizadas no

Bosque Rodrigues Alves, localizado na cidade de Belém. Nesse evento extracurricular, as alunas ficavam responsáveis pela venda de comidas em benefício de ajudar aos pobres, prática reforçada pelo método de ensino cristão que as meninas recebiam, incentivando a ajudar aos necessitados, ou seja, baseada na pedagogia saviniana.

No arraial de Nossa Senhora de Nazaré, as alunas também eram atração do público belenense, visto que o Santa Catarina de Sena reservava seu espaço para as vendas de comidas, sempre com o mesmo objetivo de angariar fundos financeiros para escola e para filantropia. A festa de Nazaré era muito esperada. A tradição católica do Círio em Belém era tão movimentada quanto na atualidade, vários romeiros chegavam à Cidade das Mangueiras. E antes que chegasse o grande dia de transladar pelas ruas de Belém em adoração à Virgem Mãe de Jesus, o arraial era centro de movimentos e diversão para a sociedade que vivia na cidade e de outras pessoas que vinham apreciar a Santíssima Imaculada.

As alunas do colégio estavam presentes para trabalhar nas vendas, sempre pela parte da noite, porém aquela aluna que não obtivesse boa média era proibida de participar da tradicional festa do arraial. Além de estar em atividades vinculadas à escola, tal momento era visto também como forma de sair do espaço, oportuno para observar novas pessoas e se socializar em outros ambientes.

A inquietude das alunas internas para participar das celebrações fora da escola, estava ligada ao interesse oportuno de sair para passear pela cidade e exibir a indumentária de gala. Um exemplo mais frequente era o desfile do dia 07 de setembro, em que as alunas marchavam em favor da pátria, dedicando-se ao civismo brasileiro pelas ruas de Belém. A roupa de gala expressava a padronização da tradicional Instituição Santa Catarina de Sena, em virtude do valor religioso diante da plateia nas ruas. Segundo D. Maria Dolores: “[...] todo mundo desfilando com a roupa de gala e a gente ganhava sim. Era uma festa quando ganhava, porque era uma disputa o Santo Antônio, Gentil, D. Bosco, Colégio do Carmo, Nazaré [...]”.

Os ecos da banda do Instituto Santa Catarina eram tocados pelas meninas, as quais eram treinadas pelo professor de Educação Física da escola. Além de expressar o valor do patriotismo, as meninas que eram ensinadas pelas freiras, que estavam sendo sempre observadas pelas autoridades civis e eclesiásticas. Tal momento era compreendido como uma oportunidade de expor a escola como modelo de educação católica de Belém, como confirma a imagem 36, espaço no qual era governado pela Congregação *Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena*.

Imagem 36 – Desfile escolar do Dia 7 de Setembro



Fonte: Memorial do *Colégio Santa Catarina de Sena* em Belém do Pará.

O festejo do dia 29 de abril era em memória de Santa Catarina, padroeira da cidade toscana que alicerçou os passos da vida espiritual de madre Savina Petrilli (idealizadora e fundadora) da congregação na Itália, ao passo que ela seguiu em vida as pegadas da Santa senense que era considerada como a doutora da Igreja católica. Segundo as narrativas das alunas, o dia era celebrado com uma missa em forma de ação de Graças, pois a data remetia ao dia de sua morte. Em exaltação, as alunas entoavam o cântico à bem nascida dominicana:

Ó CATARINA

*Tua fé foi mais forte que o granito
Do que a rocha batida pelo mar
Foi da terra à grandeza do infinito
Se elevando até junto a Deus chegar.
Ó Catarina, mimosa flor
Seguiste trilha do Salvador
Fostes fiel, e ouviste a voz.
Ó Catarina, rogai por nós.
Vigilante fugia do pecado
Conservando inocente o coração*

*O amor Jesus Crucificado
Teve em ti a mais alta perfeição.
Qual soldado no campo de peleja
Te mostraste heroína e por troféu
E por ela intercedes lá no Céu*

Fonte: Acervo Documental do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém.

Após a consagração do dia, a escola suspendia as aulas, proporcionando às alunas um dia de lazer, o qual era repleto de atividades esportivas, livre das salas de aula e livros. O evento era comemorado anualmente pelo Colégio Santa Catarina de Sena em Belém, que direcionava o dia 29 de agosto à celebrar a Mãe dos Pobres madre Savina Petrilli, a qual salvaguardou a pobreza humana de espírito e matéria, calando a fome da alma do povo senense, brasileiro e de outros países, observando na infância uma raiz de construção para uma vida santificada. Não obstante, madre Savina foi beatificada em 24 de abril de 1988. Em homenagem a ilustre madre, o hino do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém aplaudiu sua grafia, em agradecimento por mais uma casa fundada na direção de Deus e encaminhada por ela até o Brasil. A letra abaixo estampa a seguinte canção:

I

*Fé e cidadania na educação
Nossa casa amiga, nossa tradição
A cultura viva do amor cristão
Nossa frente Erguida, Nossa formação
Estrilho
Santa Catarina, o colégio, a vida
Cem Anos de história, cem anos de amor
Fonte de esperança, és nosso valor*

II

*És sabedoria do nosso sonhar
Base da família, construção do lar
A voz do sentido do verbo educar
Mestre que ilumina nosso caminhar*

III

*A primeira escola de Madre Savina
Em chão brasileiro, na Belém latina
Teu amor de mãe tem a luz divina
Irmãs do Colégio Santa Catarina (grifo nosso).*

Fonte: Acervo documental C.S.C.S; Hino do Centenário, letra composta pelo Sr. Baltazar Dias.

Entende-se que apesar de não obter tantos relatos sobre os jogos escolares, é possível dizer que por meio da análise de alguns documentos da escola, que o instituto foi premiado por liderar nas competições de esportes, por exemplo, o VI Jogos paraenses Ginásio- Colegiais de Belém, realizado pelo Ministério da Educação e Cultura do Estado em 15 de novembro de 1960; foram campeãs de Arco e Flecha no 1º Ciclo –V Jogos Paraense Ginásio- Colegiais de Belém, em 15 de novembro de 1959; e campeãs de Voleibol e Flecha do 1º Ciclo –V Jogos Paraense Ginásio- Colegiais de Belém, em 15 de novembro de 1959, que segundo D. Maria Dolores “era o time do colégio, nós internas que jogava”.

Os momentos festivos e cívicos eram respostas de debates e negociações entre as classes sociais. O Estado era o principal aliado neste processo, porquanto os ecos dos discursos sociais dominantes decidiam os acontecimentos e conceitos que estavam incutidos na memória da população brasileira. A partir dos seus decretos; institucionalizam-se os feriados, produzindo e separando o que era relevante e inapropriado. A cultura escolar, portanto, não está distante desse emaranhado de saberes constituídos nos intramuros da escola, isto é, ela se manteve sob domínio estatal no início do século XX, por ser canal de acesso aos indivíduos sociais no âmbito educacional, ajudando a construir outros saberes, sobretudo, consolidando o processo de emancipação da sociedade nas perspectivas histórica, social, cultural e educacional.

5 *Considerações Finais*

Conforme o que já foi discutido no decorrer deste trabalho, retoma-se a ideia de que reconstruir uma história é estudar a memória de um espaço, pessoas e experiências vividas e submersas a uma realidade histórica que produzem mudanças na vida de uma sociedade. A partir desta análise, entende-se que ao traçar a trama de uma história, devemos escolher que caminhos tomar e tentar compreendê-los em sua totalidade. Assim, o tema estudado neste trabalho proporcionou resultados a médio prazo e muitos percalços foram se apresentando ao longo de sua construção. Por exemplo, documentos que poderiam ter subsidiado ainda mais a pesquisa, mas que foram dissipados pelo tempo e destruídos por falta de cuidados. Eles contribuiriam para trazer à luz fatos do passado, fazendo entender a realidade atual. Contudo, as fontes que ora coletou-se retomam a história das instituições educativas no Brasil, sobretudo, em Belém do Pará, por meio das ações-educativas das missionárias italianas que ajudaram a construir uma parte da memória da História da Educação no Pará no século XX.

Vários questionamentos foram surgindo no decorrer do trabalho, pois as dificuldades foram muitas, devido ao silêncio e à omissão da gestão atual sobre o acesso aos documentos da instituição. Porém, entende-se que a importância da instituição para a sociedade paraense era maior que qualquer dificuldade e, mais ainda, para o campo da História da Educação na Amazônia.

Não obstante, gerenciar e garimpar fontes documentais tais como papéis, fotografias, pastas, atas, bem como coletar as narrativas das ex-alunas como documentos orais, não foi uma tarefa fácil, porque além de transcrever cada fala em um papel, foi necessário que aguçar a sensibilidade e perceber nos enunciados as informações nas entrelinhas dos textos e imagens. Assim, as peças se encaixaram e foram alinhadas conforme o entrecruzamento das fontes que foram analisadas. Cada minúcia, como a mesma cor da indumentária, por exemplo, mesmo corte de roupa e cabelos foram achados riquíssimos na consolidação do passado das meninas governadas no instituto.

A partir deste caminho, tornou-se possível compreender e redefinir as relações do instituto como espaço social, o qual abrigou a educação de meninas no período republicano paraense. Observar o instituto como lugar de memória é interessante, pois permite vislumbrar as informações acerca do campo político, econômico, religioso e cultural da cidade que foram responsáveis pela construção do homem como sujeito em

determinado momento histórico. Não obstante, trabalhar com a memória das narrativas das ex-alunas, permite um crescimento como profissional da educação e amadurecer como pesquisador. No desenvolver deste estudo, apreende-se traçar novos caminhos, por exemplo, deduzir que por meio do silêncio e um sorriso, podem estar presentes respostas ou indícios de verdades não ditas, porém pensadas. Analisar cada boletim escolar, cada revista em outro idioma, identificar cada palavra da folha amarela e quebradiça, permite retornar a um tempo distante no passado. Cada página uma experiência diferente, cada análise, uma descoberta ou confirmação de outra mensagem.

Assim, conhecer a trajetória histórica da chegada das missionárias italianas em Belém no ano de 1903 possibilita avançar no sentido epistemológico da pesquisa, pois consegue-se registrar um trabalho inicialmente dedicado à formação de meninas na escola paroquial, visto que havia a carência na formação de mulheres das famílias paraenses católicas de Belém. A elite social discutia sobre a necessidade de um colégio direcionado à classe elitizada, mais no centro da cidade, o nobre e populoso bairro de Nazaré, área privilegiada para fundação do Instituto Santa Catarina de Sena em 1909, sob a direção da congregação das “Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena” mantiveram a instituição religiosa de forma prioritária, com educadores cristãos por serem comprometidas com a evangelização da juventude feminina.

Mas, mediante todas as informações já mencionadas, os colégios católicos assumiram notoriedade na capital paraense, devido à figura feminina ter passado a ser observada como sujeito de projeção social, tanto no campo profissional como pessoal. A presença da obra filantrópica não foi extinta do instituto, porém diminuíram em virtude da permanência das religiosas em Belém, sem ajuda financeira da Igreja.

À frente dessa realidade, a escola se tornou um espaço valorizado pela elite da época, que referenciava a instituição como um espaço cultural, que não transmitiam somente valores cristãos, mas que de forma verídica formavam e poliam as meninas, garantindo a elas a continuação gradativa na formação intelectual, bem como as práticas socioeducativas inseridas no “processo de civilização” que se desejava obter naquele momento histórico. Vale ressaltar, que a imagem feminina ainda era tênue, ou seja, a mulher educada justamente para ter bons comportamentos e gerir o ambiente doméstico.

Em contrapartida, o sistema educativo do Instituto Santa Catarina de Sena, ao longo de suas manifestações emancipatórias, estava concatenado com as reformas educacionais do Ministério da Educação, inseridas no processo de modernização. Logo, a educação de cunho intelectual e técnica oferecida pela escola trouxe visibilidade ao

instituto que se tornou referência, que até os dias atuais é representada como uma escola de tradição católica em Belém. Nesse processo de escolarização, as meninas educadas pelas religiosas obtiveram a educação católica tradicional e a educação formal que permitiu acesso a um papel social que lhes proporcionou assumir certa identidade social, embora de forma ainda muito prematura.

Neste espaço pedagógico de representação singular, as meninas tiveram contato com as primeiras letras, línguas, artes, música, ciências naturais. É importante expor que a escola e sua organização curricular, conteúdos programáticos, práticas pedagógicas, ações socioeducativas e cultura escolar, perpetuaram-se nas alunas hábitos que estão presentes nos dias atuais. As ex-alunas relataram que a cultura de rezar o terço diariamente, por exemplo, é constante. Outro costume é acordar muito cedo, como era estabelecido no horário pelas regras do regime de internato, participar dos hábitos e festejos religiosos, coordenar obras de caridade, ou seja, a educação ministrada a elas permanece presente, o respeito e a valorização do cristianismo católico e os preceitos morais também.

Portanto, a cidade também contava com outras instituições dirigidas por ordens religiosas de cunho católico cristão. Porém, pode-se dizer que o Instituto Santa Catarina de Sena ocupou um espaço privilegiado na moderna Belém do Pará. A infância paraense foi assistida por instituições de caridade, onde muitas dessas meninas desvalidas foram acolhidas pelas irmãs no próprio instituto, recebendo e estabelecendo um vínculo educacional gratuito, que ainda existe para alguns alunos bolsistas do atual colégio. Esse grupo de meninas era mantido pelas missionárias italianas e recebia ajuda das meninas que ocupavam outra classe social. Neste sentido, a obra de caridade material e espiritual, foi mantida como era o desejo da madre superiora Savina Petrilli.

Transitando por meio da cultura escolar foi possível obter resultados satisfatórios acerca das relações sociais conjugadas às práticas educativas do instituto, pois ela proporciona e permite conhecer a política da escola, as normas, regras e suas finalidades inseridas no cotidiano escolar. A partir desta ideia, a escola é considerada uma sociedade inserida dentro de outra sociedade, visto que a cultura escolar é modelada, redefinida e estruturada pelos sujeitos submersos em determinado contexto, por esse motivo ela é considerada um objeto histórico para realização de pesquisas na área da História da Educação.

Considera-se, que o I.S.C.S se estruturou como uma “Instituição Modelo”, socialmente representada pela instrução moral e intelectual científica de qualidade na

capital paraense, uma vez que a educação funcionou com instrumento ideológico para alcançar significativas mudanças na área republicana que se firmava em um processo de reestruturação cultural emancipatórias.

Sob este aspecto, o lapidar dos sujeitos na região, era primordial ao crescimento da cidade. Neste sentido, a educação deu acesso às congregações religiosas por meio das práticas missionárias no Brasil, o poder de educar mentes e os corpos dos sujeitos inseridos no contexto das instituições governadas por missionários, por meio das missões, visto que assim facilitou a cristianização social e internacionalização da fé em solo brasileiro.

Nessa perspectiva, a educação e as práticas educativas passam a ser concebida como um fenômeno social e ferramenta de controle por excelência, que se destinou a socializar e moldar as meninas. Portanto, a fixação do Instituto Santa Catarina de Sena, se tornou vitrine para a educação em Belém do Pará, pois a educação das meninas dentro e fora da escola era resposta das práticas educativas que elas recebiam dentro do instituto.

REFERÊNCIAS

- ALIMANDI, Lia Carini. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d.
- ALVES, Maria, Silva Araújo. **Proteção e assistência à infância desvalida do Pará (1912-1934)**. IN: IX seminário nacional de estudos e pesquisas “História, sociedade e educação no Brasil” UFRN - anais eletrônicos- ISBN 978-85-7745-551-5
- APOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo, Atlas, 2009.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: EDUSC, 2006.
- AZZI, Riolando. **A Igreja e o menor na história social do Brasil**. São Paulo: Cehila - Ed. Paulinas, 1992.
- _____. **“A educação católica no período da romanização da igreja do Brasil: 1840-1960”**. *Convergência*, Jan. -fev. /1990^a, p. 48-64. Rio de Janeiro.
- _____. **A reforma Católica na Amazônia 1850-1870**. In: *Religião e Sociedade* n. 10. Rio de Janeiro, 1983. p. 21-30.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M., & COSTA, M. E. (2011). **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34.
- BARRETO, Ceição de Barros. **Côro Orfeão**. Companhia de melhoramentos de São Paulo, Biblioteca de Educação, 1970.
- BARRA, V. M. **Da pedra ao pó: o itinerário da lousa na escola paulista do século XIX**. Dissertação (MESTRADO EM EDUCAÇÃO) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.
- BARROS, José D’ Assunção. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. *Dialogos, DH/PPH/UEM*, v.9, n.1, p. 125-141, 2005.
- _____. **História e Cidade**. 2 ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2012.
- BASÍLIO, João, Frei, Alves. **Vida de Santa Catarina de Sena**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. A noção de cultura material escolar em debate no campo de investigação da História da Educação. IN: CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, velázquez Luís Samuel (Orgs). **A escola e seus artefatos culturais**. São Luís: EDUFMA, 2013.
- BEZERRA, Patrícia, Aline, Santos, dos. **Quem são os médicos sanitaristas e qual o seu papel?** *Revista Tempus Actas Saúde Col*. 2013.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOULOS, Júnior Alfredo. **História sociedade & Cidadania**. 2ªed. São Paulo: FTD 2013.

BOURDIEU Pierre; CHARTIER Roger. **O sociólogo e o historiador**. São Paulo: Ed. Autêntica 2010.

CÂNDIDO, Antônio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz, FORACCHI, Marialice M. *Educação e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1977, p. 107-128.
CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, velázques Luís Samuel. Os artefatos culturais na escola modelo “Benedito leite”. In: CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, velázques Luís Samuel (Orgs). **A escola e seus artefatos culturais**. São Luís: EDUFMA, 2013.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J.et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.
CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Ed. Rio de Janeiro Forense universitária, 2002.

CHAUÍ, Marilena, Convite à Filosofia. 12 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica editora ,2010.

CHERVEL, André. **Le Culturescolaire**. Uneapprochehistorique Paris.Belin, 1998.

COMÊNIO, João Amós. Didática Magna. Tratado de Arte Universal de ensinar tudo a todos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**.2 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

DALABRIDA, Norberto. **Das escolas paroquiais às PUCs: república, recatolização e escolarização**. IN: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena, Camara (Orgs). História e memórias da educação no Brasil. Vol.III-Século XX. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DEMO, Pedro. Dialética e quantidade política, in: Dialética hoje. 1990.

DERGAN, João Marcelo Barbosa. **História, memória e natureza: as comunidades da ilha do Combu-Belém do Pará**. Dissertação de Mestrado em História. P.GH-UFPA,2006.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952.

DUSSEL, Inês. Cuandolas aparências no engañan: Uma historia comparada de los uniformes escolares em Argentina y Estados Unidos (siglos XIX-XIX). **Pro-posições**, Campinas, v.16, n 1 (46), jan./abr.2005, p. 65-86.

ECO, Umberto. **Psicologia do vestir**. Lisboa: Assírio e Alvim. 1989.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Tradução: Raul Jungmann. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor. 1v.1990-1994.

EMMI, Marília Ferreira. **A Amazônia como destino das migrações internacionais do final do século XIX ao início do século XX: O caso dos portugueses**. In: XVII Encontro nacional de Estudos populacionais- APEB. Caxambu. 2010.

ESCOLANO BENITO, Augustin. **Patrimonio material de La escuela e historia cultural**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, 2010.

ESPÍRITO, Poli Marcelino. **Contribuição para a higiene escolar no Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1934, 132p. (tese apresentada à Faculdade de medicina de Porto Alegre em 01/03/1934).

FOURQIN, J. Claude. **Escola e cultura: a sociologia do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes médicas, 1993.

FOUCAUT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 38. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. “Os recursos para um bom adestramento. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão** 29ª edição. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b, p. 153-72

_____. “Os corpos dóceis” **Vigiar e punir: Nascimento da prisão** 29ª edição. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004b, p. 153-72

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOFFMAN, Evering. **Asiles**. Étudessur La condition dès maladesmentaux. Paris; Editions de Minuit, 1968.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Ed Prespectiva S.A, 1974.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar como fazer pesquisa quantitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

GONDRA, José, Gonçalves. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2004.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. Revista História ISSN: 15198502. Rio Grande V.3 n. 3: 27-46, 2012.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. **Os Barnabitas no Pará nas primeiras décadas do século XX**. Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da Anpuh-SP. Santos- 2014.

GUINGUE, Michele; BOULIN, Audrey. **O internato Escolar: limites e paradoxos de uma instituição total**. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 985-1003, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução, Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

_____. **A memória coletiva**. Tradução, Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algrave, 2006.

_____. Introduction. In: DURKHEIM, Emile. **L'Evolution Pédagogique em France**. Paris: Libraire Felix Alcan, 1938.

HOBBSAWN, E. J. **Sobre a História**. São Paulo: Cia das letras. 1998.

JULIA, Dominique, **A Cultura escolar como Objeto Histórico**. Tradução de Gizele de Souza. Revista Brasileira da Educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. La culture scolaire comme objet historique. In: NÓVOA, Depaep; Johanningmeier (Eds.). **The colonial Experience In Education**. Historical Issues and Perspectives paedagogica Historica, Supplementary séries.V. 1, 1995.

JORNAL. **A folha do norte**. 03/11/1908. Belém, s/p. Setor de microfilmagem biblioteca Arthur Vianna do Estado do Pará.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas, Editora da Unicampi, 2013.

_____. **A história nova**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: Pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

LOVE, Joseph L.; BARICKMAN, Bert J. Elites Regionais. In HEINZ, Flávio M. (Org) **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV. 2006, p. 77-97.

LUSTOSA, Oscar F. **Reformistas na Igreja do Brasil – Império**, São Paulo, Boletim nº 17, 1977.

MANOEL, Ivan A. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MEIRA, Otávio. **A primeira República no Pará**. 1º vol. Belém – Pa: Ed.s/r. 1981.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOREIRA, A. F.; SILVA, T.T. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. IN: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. da (Org.) **Currículo, cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995. P. 7-37.

MOURA, Pe. Laércio Dias de Moura. **A educação católica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

_____. (Dir.). *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard (Bibliothèque illustrée d'histoires), Tome 1- *La République* (1 Vol.,1984), Tome 2-*La Nation* (3 Vol., 1986), Tome 3- *Les France* (3 vol.,1992). NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos Lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. Nº10, 1993.

NOGUEIRA, A **Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições**. Artigo publicado na revista Educação e Sociedade, ano XXIII, nº 78, Ed. Abril, 2002.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições Escolares porque e como pesquisar**. Campinas, SP: Editora Línea, 2013. 2º Edição.

NOVAES, Adauto. **Sobre o tempo e História**. In: NOVAES, Adauto (Org). São Paulo: Companhia das Letras. 1992, p. 09-18.

NÓVOA, A. **História da educação: percursos de uma disciplina**. Análise psicológica,1996, ano XVI, n 4, PP 417-34.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000. P. 482-509.

OLIVEIRA, Camilla Vanessa Chagas Peixoto de. CASTRO, César Augusto. CORRÊA, Liliane da Silva França. **Cultura Material, Educação e Memória**: reflexões sobre a fotografia das indumentárias de meninos do Instituto Nossa Senhora de Nazareth em Belém do Pará no início do século. Artigo publicado no III Colóquio de Pesquisa da Linha Educação, Cultura e Sociedade. Belém-Pa. 2015.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. Currículo: Um instrumento educacional, social e cultural. IN: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 24, p. 535-548, 2008.

PANTOJA, Vanda. **Amazônia: terra de missão bispos ultramontanos e missionários protestantes na Belém do Século XIX**. IN: Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 21 p. 95-122, jan./jun. 2012.

PARÁ, Estado do/ Relatório ao Governador do Estado Augusto Montenegro por José Paes de Carvalho ao deixar a administração, 1901, p. 39-40.

PASSOS, Mauro. Entre a fé e a lei: o pensamento educacional católico no período republicano (1889-1930). IN: LOPES, Ana Amélia Borges Magalhães; Gonçalves, Irlene Antonio; FARIAS FILHO, Luciano Mendes de (Orgs). ET al. **História da Educação em Minas Gerais**. Belém Horizonte: FCH/MEC, 2002 p. 183-196.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

POBRES, Irmãs dos. **Savina Petrilli de Sena ao mundo para testemunhar o amor**. Éditions Du Signe, 1996.

_____ **UNNA DONNA PER IDDIO E PER GLI ALTRI** – Traduzido em português por um grupo de Irmãs dos Pobres. Roma, s.d.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar. **Das materialidades da Escola: uniforme escolar**. Educação e pesquisa. São Paulo, v. 38, n. 03, p. 575-588, 2012.

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas para a infância no Brasil**. Rio de Janeiro. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RIZZINI, Irene. **O século perdido: raízes históricas das políticas públicas para infância no Brasil/ Irene Rizzini**. - 3. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

ROCQUE, Carlos. **Antônio Lemos e sua época política do Pará**. 2º Ed. Ver. E Amp. Belém CEJUP, 1996.

RODRIGUES, Rosane Nunes. In: **A escolarização dos saberes domésticos e múltiplas representações de feminino Rio de Janeiro-1920 e 1930. Educação e Reforma: o Rio de Janeiro nos anos 1920-1930**. Diana Gonçalves Vidal, organizadora. Belo Horizonte. MG: Argvmentvm; São Paulo: CNPq. USP, Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em História da Educação, 2008.

RODRIGUES, Denise Simões; FRANÇA, Maria do Perpétuo Socorro G. S. A. **A pesquisa documentoa sócio-histórica**. In MARCONDES, Maria Inês; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Metodologias e técnicas de pesquisa em educação. Organizadoras: Belém: EDUEPA, 2010.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Editora Petrópolis, 1986.

ROUSSO, Henry. **A memória não é mais o que era**. In Marieta de Moraes; Amado, Janaína. Usos e abusos da história oral. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed. FVG, 2002. P.93-101. SABINO, Elianne Barreto. **A cultura Material Escolar no Colégio Nossa Senhora do Amparo: o cotidiano e as normas de uma instituição para meninas desvalidas na província do Grão-Pará (1860-1889)**. Artigo publicado no III Colóquio de Pesquisa da Linha Educação, Cultura e Sociedade. Belém-Pa. 2015.

SARGES, Maria, Nazaré de. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém, Pa, Ed. Paka-Tatu, 2010.

SARGES, Maria, Nazaré de. **Memória do velho intendente (1869-1973)**. Belém, Pa: Paka-tatu, 2002 b.

SAFELICE, J. L. História das Instituições Escolares. IN: NASCIMENTO, Et.al (org) **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 75-94.

SAVIANI, Demerval. **Instituições escolares no Brasil: Conceito e reconstrução histórica**. In NASCIMENTO, Maria Izabel Moura Campinas, SP: Autores, 2007.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **À luz dos valores religiosos: Escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1906-1973)**. Dissertação de mestrado em Educação. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- PI. Teresina. 2007.

SILVA, Samara Mendes Araújo. **Educar crianças e jovens a Fé e á Cultura: As instituições escolares confessionais na sociedade piauiense (1906-1973)**. Dissertação de mestrado em Educação. UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- PI. Teresina. 2010.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; PETRY, Marília Gabriela. Materialidade escolar em cena: pouco da produção da História da Educação. IN: CASTELLANOS, velázquez Luís Samuel (Orgs). **A escola e seus artefatos culturais**. São Luís: EDUFMA, 2013.

SILVA, Jackson Ronie Sá-. **Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas**. IN: Revista Brasileira & Ciências Sociais ano 1- n.1 Junho 2009.

SOUZA, Fátima Rosa (2007). **História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial**. In: BENCOSTA, Marcus Levy. **Culturas Escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos**. Organizador. São Paulo, Cortez.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. 2º ed. São Paulo: Marco zero. 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCOTT, Joan W. **A visibilidade da experiência. Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, 1998, n.16, p. 297-325.

STEPHANOU, Maria. Discursos Médicos e a educação sanitária na escola brasileira. IN: IN: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena, Camara (Orgs). **História e memórias da educação no Brasil**. Vol.III-Século XX. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ULHÔA, Erica Piovam de. **Escola Técnica de Comércio São José**: Um colégio católico feminino do tempo da reorganização do ensino comercial. Universidade Federal do Paraná, Grupo de Trabalho em história da Educação, 2007.

VALLE. Pe. Edêntico. In: VASCONCELOS, Ir.Rita M.de ET (Orgs) *Revista Jubileu-Papiru da Memória*.1884.2009.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VINÃO FRAGO. **Fracasan lãs reformas educativas?** In: Educação no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2000.

SITES CONSULTADOS

ALCÂNTARA, C. V. M. 2006. **Subjetividade e subjetivação: a “criança resistência” nas dobras do processo de socialização.** Disponível em <www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/trabalho_gt07.htm>. Acesso em 04/08/2016.

ARQUIDIOCESE DE NITERÓI. Disponível em: <<http://arqnit.org.br/arqnitfinal/d-francisco-do-rego-maia-1893-1901>>. Acesso em: 05/08/2016.

BELIEVE RELIGIOUS disponível em: <[http://mb-soft.com/believe/tthm/dominic.htm -publicencyclopediaserviceshomepage](http://mb-soft.com/believe/tthm/dominic.htm-publicencyclopediaserviceshomepage)> Acesso em 02/08/2016.

BRASIL, Fau-Ufpa. Administração do Senador Antônio Lemos. Imagem da planta da cidade de Belém do Pará no ano de 1905. Disponível em <<https://fauufpa.org/2015/02/20/>>. Acesso em 27/06/2016.

DUARTE, Valdir, Monteiro. **Orfãs e desvalidas: a formação de meninas no orfanato municipal de Belém do Pará (1893-1931)**, 2013, 278, (tese) curso de Pós-Graduação, universidade de Urbelândia Minas gerais-Mg 2013. Disponível em endereço eletrônico: docplayer.com.br. Acesso em 05/08/2016.

FAU UFPA. Disponível em <<https://fauufpa.org/2015/02/20/>>. Acesso em 27/06/2016.

MASSON, Philippe. Retorno sobre Os herdeiros de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Revista Linhas. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 92-111, jul./dez. 2014. Título original: **Retoursur Les Héritiers de Pierre Bourdieu et Jean-Claude Passeron.** Traduzido por Ione Ribeiro Valle, com revisão técnica de Ione Ribeiro Valle. DOL: <<http://dx.doi.org/10.5965/1984723815292014092>>. Acesso em 13/01/2016.

MESQUIDA, Peri; KLENK, Henrique. **A Romanização do Aparelho religioso católico, a educação e a formação de professores à luz de fontes documentais (2006).** Disponível em <www.pucpr.br/eventos/educare2006/anaisevento/docs/cl-203-tc.pdf>. Acesso em 13/01/2016.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **Frutos da castidade e da lascívia: as crianças abandonadas no Recife (1789-1832).** Revista Estudos Feministas. Florianópolis. Janeiro-abril de 2007, vl.15, n.1, p. 67-83. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a05v15n1.pdf>>. Acesso em 12/07/2016.

O FIEL CATÓLICO. Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2004/10/os-dogmas-da-igreja-catolica.html>>. Acesso em 05/08/20016.

RESENDE, Luciana Araújo Valle de; GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Educar nos e para os preceitos higienistas: Juiz de Fora (1889-1906).** Cadernos de História da Educação, vl. 8, n. 2, p.365-380. 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/3719/2721>>. Acesso em 19/04/2016.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍBRIDOS. Disponível em: <<http://www.meioambiente.pr.gov.br>>. Acesso em 08/08/2016.

FONTES

BOLETIM ESCOLAR;

ENTREVISTAS;

HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO;

HISTÓRICO ESCOLAR DE ANTIGOS ALUNOS;

IMAGENS FOTOGRÁFICAS;

INVENTÁRIO ESCOLAR;

LIVROS DE MATRÍCULA;

LIVROS DE OCORRÊNCIA;

LIVROS DE ADMISSÃO;

REGIMENTO INTERNO (ESCOLA GRATUITA - s/d);

REGIMENTO INTERNO (1939).

ANEXOS

ALIMANDI, Lia Carini. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d. Imagem da residência onde nasceu Madre Savina Petrilli, catalogada em maio de 2016.

_____. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d. Imagem da Catedral de Sena (fachada e lados), catalogada em agosto de 2016.

_____. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d. Imagem da Capela do Santíssimo Sagrado (onde Madre Savina realizava suas preces), catalogada em agosto de 2016.

_____. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d. Imagem da Savina Petrilli e sua irmã Emilia Petrilli, catalogada em agosto de 2016.

_____. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d. Imagem de uma toalha bordada por Madre Savina Petrilli e o Grupo de Irmãs da Congregação, catalogada em agosto de 2016.

_____. **Savina Petrili: como pão partido**. São Paulo: Loyola, s.d. Imagem da pia onde Madre Savina Petrilli lavou as alfaces da primeira refeição da Casa Mãe, catalogada em agosto de 2016.

BRASIL, Fau-Ufpa. **Administração do Senador Antônio Lemos**. Imagem da planta da cidade de Belém do Pará no ano de 1905. Disponível em <<https://fauufpa.org/2015/02/20/>>. Acesso em 27/06/2016.

BASÍLIO, João, Frei, Alves. **Vida de Santa Catarina de Sena**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993. Imagem de Santa Catarina de Sena, catalogada em maio de 2016.

COSTA, Clotilde Duarte da. **Entrevista** concedida à Camilla Vanessa Chagas Peixoto de Oliveira em 30 de Maio de 2016, na cidade de Belém, Pa. Entrevista concedida em 30/05/2016.

ESPINHEIRO, Maria Dolores. **Entrevista** concedida à Camilla Vanessa Chagas Peixoto de Oliveira em 06 de Junho de 2016, na cidade de Belém, Pa. Entrevista concedida em 06/06/2016.

MAIA, Orlanda Luz da. **Entrevista** concedida à Camilla Vanessa Chagas Peixoto de Oliveira em 15 de Fevereiro de 2016, na cidade de Belém, Pa. Entrevista concedida em 15/02/2016.

NASCIMENTO, Sebastião Valério Silveira do. **Infância e Práticas Culturais em Fotografias das Primeiras Décadas do Século XX. II Seminário de História da Infância na Amazônia, História da Infância, Educação e Práticas Culturais (IV Colóquio Constituição do Sujeito, Cultura e Educação/UFGA)**, 2014.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará**. Fachada do prédio (Álbum em comemoração ao centenário do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará), s/d. Dados catalogados em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico da Fundação das Casas da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Dados catalogados em janeiro de 2017.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará. Revista Savina Petrilli de Sena ao mundo para testemunhar o amor, 1996.** Imagem catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem de Madre Savina Petrilli, fundadora da Congregação das Irmãs dos Pobres. Imagem catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Revista Savina Petrilli de Sena ao mundo para testemunhar o amor, 1996. Imagem catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem de uma tela pintada por Missori no ano de 1986, retirada do Memorial do atual Colégio Santa Catarina de Sena, em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem dos pais de Madre Savina Petrilli, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem de Alessandro Bichi Ruspoli, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem da Casa Mãe Berço da Congregação das Irmãs dos Pobres Santa Catarina de Sena, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Revista Savina Petrilli de Sena ao mundo para testemunhar o amor, 1996. Imagem da Senhora Laura Giuggioli, que providenciou as alfices do primeiro jantar, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Revista Savina Petrilli de Sena ao mundo para testemunhar o amor, 1996. Imagem da Condessa Anna Saracini, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem em Comemoração ao Centenário do Colégio Santa Catarina de Sena em Belém do Pará, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Navio Colombo, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Primeiro Grupo de

Irmãs Missionárias advindas de Gênova na Itália para Belém do Pará em 1903, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Primeiro Grupo de Irmãs Missionárias junto ao acolhimento imediato do Bispo Diocesano e do povo de Deus, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Bispo Diocesano de Belém, Dom Francisco Rêgo Maia, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem da Réplica do Quadro Sra. Mussini, doado à Beata Savina Petrilli, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem da primeira casa onde as missionárias foram alojadas, localizada na Avenida Generalíssimo Deodoro, catalogada em fevereiro de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Terceiro grupo das 500 primeiras meninas da Escola Paroquial em 1904, em Belém do Pará, catalogada em maio de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem da Cerimônia da Primeira Formatura no Barracão em Belém do Pará, catalogada em maio de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Primeiro Grupo de Meninas do Internato em Belém do Pará, catalogada em maio de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem da Fachada do Instituto Santa Catarina de Sena em 1909, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem em Comemoração ao Centenário da Escola Paroquial em 1904, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico da Fundação do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará no século XX.** Imagem de descrição de compra e venda do terreno e do prédio da Congregação das Irmãs dos Pobres, catalogada em janeiro de 2017.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Uniforme de Gala Azul Claro e o Tradicional na cor Azul Escuro do Instituto, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem das Cartas de Madre Savina Petrilli para as Irmãs do Instituto, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados das origens das meninas, encontrados nos Livros de Matrícula da Secretaria do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados de quantidade de meninas por série do Curso Propedêutico (1940-1943), encontrados nos Livros de Matrícula da Secretaria do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados dos Cursos oferecidos entre as décadas de 1920 a 1960; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados do Livro de Ocorrência no ano de 1955, encontrados nos Manuscritos documentais do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados da Base Curricular do Curso Técnico Comercial, obtidos do Arquivo da Secretaria do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados da Matriz Curricular da Escola Gratuita do Instituto Santa Catarina de Sena, obtidos do Arquivo da Secretaria do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados da Análise das Práticas de Sociabilidade, por meio do boletim escolar das alunas; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados da Estrutura do Prédio Escolar do Instituto, obtidos do Arquivo da Secretaria do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Grupo de Meninas pequenas, médias e grandes do Instituto; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Acervo Histórico Documental do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem com dados do Inventário dos Materiais Escolares, obtidos no Arquivo da Secretaria do Colégio; catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem sobre os Elementos utilizados no Laboratório nas aulas de Ciência, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem de Novos Equipamentos usados nos cursos do Instituto, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Globo Terrestre usado nas aulas de Geografia, catalogada em agosto de 2016.

SENA, Colégio Santa Catarina de. **Memorial do Acervo Histórico Fotográfico do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará.** Imagem do Desfile Escolar do dia 07 de Setembro, catalogada em agosto de 2016.

VIANNA, Arthur. **Biblioteca Pública- CENTUR (Setor de Microfilmagem). Fundação Tancredo Neves. Jornal “A Folha do Norte”.** Imagem de Propaganda do Ensino do *Collegio de Santa Catharina* em Belém do Pará, no ano de 1908, catalogada em agosto de 2016.

APÊNDICES

**CARTA CONVITE ÀS EX-ALUNAS DO INSTITUTO/COLÉGIO SANTA
CATARINA DE SENA**

PROJETO: UMA HISTÓRIA DO INSTITUTO SANTA CATARINA DE SENA:
INCURSÕES EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE MENINAS EM BELÉM DO
PARÁ (1903-1960)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará (UFPA)- Mestrado em Educação

ORIENTADOR: Prof. Dr. César Augusto Castro

ENTREVISTADORA: Camilla Vanessa Chagas Peixoto de Oliveira (Mestranda)

Belém, ____ de _____ de 2016.

Ilm^aSr^a _____

Eu, Camilla Vanessa Chagas Peixoto de Oliveira, aluna vinculada ao curso de mestrado da Universidade Federal do Pará, desenvolvo uma pesquisa sobre a história do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará, para tanto necessito de informações fornecidas por ex-alunas do referido colégio. Sendo assim, solicito à senhora por obsequio sua autorização para ser entrevistada para coletas de narrativas orais, que tratará de sua vida escolar para a pesquisa em desenvolvimento, já que as informações prestadas estarão no meu texto de dissertação.

Agradeço a sua colaboração.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA.

Pesquisa: INSTITUTO SANTA CATARINA DE SENA: INCURSÕES EDUCATIVAS NA FORMAÇÃO DE MENINAS EM BELÉM DO PARÁ (1903-1960)

Orientador: César Augusto Castro.

1.Natureza da pesquisa: Você é convidado(a) a participar desta pesquisa que compõe o mestrado acadêmico em Educação, da pesquisadora Camilla Vanessa Chagas Peixoto de Oliveira, cursado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade. A pesquisa que tem como finalidade investigar “Instituto Santa Catarina de Sena: incursões educativas na formação de meninas em Belém do Pará (1903-1960)”. Diante do exposto, o nosso interesse é investigar a historiografia da instituição e as práticas educativas na formação das meninas do período em estudo, já que as narrativas das ex-internas serão necessárias para retratar a vida na instituição, por meio dos que viveram naquele espaço e tempo. Sendo assim fez-se necessário entrevistar as ex-alunas, para que possamos destacar de suas memórias os significados e sentidos atribuídos as experiências no Instituto Santa Catarina de Sena.

2.Participantes da pesquisa: Participarão desta pesquisa pessoas que foram internas e externas do Instituto Santa Catarina de Sena no período de funcionamento da instituição (1903-1960).

3. Envolvimento na pesquisa:

Ao participar deste estudo você deve permitir que a pesquisadora possa lhe entrevistar. Será solicitado que você fale acerca da sua experiência no Instituto, sobre a sua infância, as práticas educativas desenvolvidas pela instituição, a estrutura e

funcionamento institucional, bem como, as relações estabelecidas naquele espaço. Nas entrevistas a pesquisadora usará gravador e um roteiro que será utilizado como um guia de orientação das questões a serem abordadas. Cada entrevista semiestruturada deve durar mais ou menos uma hora e 30 minutos.

Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável pela pesquisa através dos telefones (91) 981362824.

4. Sobre as entrevistas: As entrevistas serão realizadas em local escolhido pelo entrevistado e serão marcadas com antecedência. Estas serão feitas de forma individual, para que se sintam à vontade para falar sobre o assunto.

5. Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não traz complicações, talvez, apenas emoções por se tratar de memórias e alguma timidez que algumas pessoas podem sentir diante de algumas questões apresentadas. A participação também não traz riscos aos participantes, pois, você estará no momento das entrevistas somente com a pesquisadora.

6. Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e anônimas, por este motivo você não será identificado em nenhuma parte do trabalho escrito e serão resguardadas informações do tipo: nome, endereço, filiação. Será informado somente o nome, idade e o sexo dos/as participantes. Esclarecemos ainda que estas informações sejam veiculadas apenas no meio científico, por meio da publicação da dissertação de mestrado e de artigos relacionados à pesquisa.

7. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, nós esperamos que esta pesquisa nos dê informações importantes sobre as práticas

desenvolvidas pela instituição, sobre as formas como as crianças vivenciaram a infância na instituição e como foram educadas neste espaço educativo.

8. Pagamento: o participante da pesquisa não terá nenhum tipo de despesa por conceder entrevista nesta pesquisa. E nada será pago por sua participação.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Entrevistado

Camilla Vanessa chagas Peixoto de Oliveira
(Pesquisadora responsável)

Rua Raul Soares, 38, bairro Marambaia
Belém/Pa

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, que me sinto perfeitamente esclarecido sobre o conteúdo da mesma, assim como seus riscos e benefícios. Declaro ainda que, por minha livre vontade, irei participar da pesquisa cooperando com a coleta dos dados para posteriores análises.

Assinatura do Participante Local e Data

Assinatura da Pesquisadora

Local e Data

**ENTREVISTA APLICADA À EX-ALUNA DO COLÉGIO SANTA CATARINA
DE SENA**

DADOS PESSOAIS

NOME:

IDADE:

DATA DE NASCIMENTO:

ENDEREÇO

NÍVEL DE ESCOLARIDADE:

CURSO:

NOME DO PAI:

NOME DA MÃE:

ATIVIDADES PROFISSIONAIS DOS PAIS:

1- VOCÊ FAZIA PARTE DO GRUPO DE ALUNAS INTRERNAS OU EXTERNAS?

() SIM, GRUPO DAS ALUNAS INTERNAS () SIM, GRUPO DAS ALUNAS
EXTERNAS

2- QUAIS OS MOTIVOS DE TER ESTUDADOS NO I.S.C.S. EM BELÉM?

3- QUAL A SÉRIE QUE VOCÊ ESTUDOU?

4- COMO ERA SUA ROTINA ATÉ A ENTRADA NA ESCOLA?

5-DE QUAL TURMA VOCÊ FAZIA PARTE?

6- QUAIS AS DICIPLINAS QUE VOCÊ ESTUDAVA?

7- LEMBRA DE ALGUMA PROFESSORA EM ESPECIAL, QUAL ERA O NOME
DELA?

8- AS ALUNAS TINHAM AULA DE MÚSICA?

- 9- COMO VOCÊ COMPREENDE A DISCIPLINA NO SEU CONTIDIANO, NAQUELE PERÍODO. COMO VOCÊS ERAM DICIPLINADAS PARA PERMANECEREM EM GRUPOS ORGANIZADOS?
- 10-RELATE-ME SOBRE UM DIA INEXQUECÍVEL QUE VOCÊ VIVENCIAU NA ESCOLA?
- 11-FALE-S ME SOBRE A SUA FORMAÇÃO CRISTÃ NA ESCOLA, A PARTIR DAS INSTRUÇÕES DAS IRMÃS.
- 12- A ESCOLA OFERECIA ALGUM CURSO PROFISSIONALIZANTE NO SEU PERÍODO?
- 13- VOCÊ LEMBRA DE TEREM RECEBIDO ALGUMA VISITA DE UMA FIGURA PÚBLICA NA ESCOLA?
- 14- COMO ERAM COMEMORADAS AS DATAS FESTIVAS NA ESCOLA E NA CIDADE?
- 15- QUAIS AS LEMBRANÇAS QUE GUARDA DO TEMPO QUE ESTUDOU NO I.S.C.S? DOS EDUCADORES? DAS AMIGAS DE CLASSE? DOS FUNCIONÁRIOS? DAS IRMÃS?
- 16- LEMBRA DAS LEITURAS QUE FAZIA EM SALAS, COMO POR EXEMPLO, LIVROS DIDÁTICOS?
- 17- O QUE ESTA ESCOLA REPRESENTA PARA VOCÊ ATÉ O PRESENTE MOMENTO?